



**Ivanildo Carvalho dos Santos**

**Reflexões *a priori* sobre os conflitos ideológicos e a  
polarização entre direita e esquerda no Brasil**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo  
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-  
Rio do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Ricardo Emmanuel Ismael de Carvalho

Rio de Janeiro,  
fevereiro de 2023



**Ivanildo Carvalho dos Santos**

**Reflexões *a priori* sobre os conflitos ideológicos e a  
polarização entre direita e esquerda no Brasil**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo  
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-  
Rio do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio.  
Aprovada pela comissão examinadora abaixo:

**Prof. Ricardo Emmanuel Ismael de Carvalho**

Orientador

PUC-Rio

**Prof. Carlos Sávio Gomes Teixeira**

UFF

**Prof. Eduardo de Vasconcelos Raposo**

PUC-Rio

**Prof. Paulo Renato Flores Durán**

PUC-Rio

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

## Ivanildo Carvalho dos Santos

Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio em 2019. Possui Curso Superior Sequencial em Gestão e Avaliação de Políticas Públicas pela PUC-Rio concluído em 2019. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no subprojeto de Sociologia (PIBID) pelo qual atuou no desenvolvimento de projetos de ensino de Sociologia para a Educação Básica. Tem experiência e interesse na área de Ciência Política, com ênfase em Ideologias Políticas, Comportamento Político e Escola Austríaca. Tem experiência em gerenciamento de coleta no Censo Demográfico do IBGE, no cargo de Agente Censitário Municipal.

## Ficha Catalográfica

Santos, Ivanildo Carvalho dos

Reflexões *a priori* sobre os conflitos ideológicos e a polarização entre direita e esquerda no Brasil / Ivanildo Carvalho dos Santos ; orientador: Ricardo Emmanuel Ismael de Carvalho. – 2023.

180 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2023.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Polarização. 3. Psicologia social. 4. Filosofia moral. 5. Comportamento político. 6. Ideologias. I. Ismael, Ricardo, 1960-. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

## **Agradecimentos**

À PUC-Rio, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e ao Departamento de Ciências Sociais, por todo o suporte acadêmico e administrativo; e por me permitirem realizar o curso de graduação e, agora, o de mestrado;

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa que me permitiu produzir esta dissertação com mais tranquilidade;

Ao meu orientador, pela paciência e por ter me motivado e encorajado a seguir na produção deste tema;

Aos meus pais, à minha noiva e amigos, por todo o suporte emocional e motivacional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Santos, Ivanildo Carvalho; Carvalho, Ricardo Emmanuel Ismael de. **Reflexões *a priori* sobre os conflitos ideológicos e a polarização entre direita e esquerda no Brasil**. Rio de Janeiro, 2023. 180p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como objetivo apresentar uma análise preliminar das causas que fomentam os conflitos político-ideológicos, utilizando como uma das principais bases teóricas os estudos do psicólogo social Jonathan Haidt, dentre outras abordagens por mim consideradas relevantes no tema. O objetivo é identificar se essas causas podem explicar o nível de polarização apresentado nas eleições de 2018 no Brasil, esclarecendo as causas gerais do comportamento humano que levam à polarização, como as razões que levam seres humanos a se unirem em grupos e a entrarem em conflitos, além de identificar as causas específicas dos conflitos entre direita e esquerda, delimitando de forma objetiva as suas diferenças e incompatibilidades. Para alcançar esse objetivo, foi necessário realizar um levantamento de teorias de diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia Social, Biologia Evolutiva, Filosofia Moral, além das Ciências Sociais. As conclusões preliminares indicam que há fatores evolutivos e inatistas que norteiam a divisão de grupos e que as causas dos conflitos ideológicos estão relacionadas à dificuldade de diálogo e consenso devido às divergentes visões de mundo e fundamentações morais. A polarização brasileira vista nas eleições presidenciais de 2018 se tratou de uma polarização político-ideológica. Dessa forma, o levantamento teórico apresentado neste trabalho poderá servir de base para uma análise empírica mais aprofundada sobre o tema.

## Palavras-Chave

Polarização; Psicologia Social; Filosofia Moral; Comportamento Político; Ideologias; Jonathan Haidt.

## Abstract

Santos, Ivanildo Carvalho; Carvalho, Ricardo Emmanuel Ismael de (Advisor). ***A priori reflections on ideological conflicts and the polarization between right and left in Brazil***. Rio de Janeiro, 2023. 180p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This master's thesis aims to present a preliminary analysis of the causes that fuel political-ideological conflicts, using as one of the main theoretical bases the studies of the social psychologist Jonathan Haidt, among other relevant theoretical approaches. The objective is to identify whether these causes can explain the level of polarization presented in the 2018 elections in Brazil, clarifying the general causes of human behavior that lead to polarization, such as the reasons that lead humans to join groups and enter into conflicts, as well as identifying the specific causes of conflicts between right and left, objectively delimiting their differences and incompatibilities. To achieve this objective, it was necessary to survey theories from various areas of knowledge, such as Social Psychology, Evolutionary Biology, Moral Philosophy, and Social Sciences. Preliminary conclusions indicate that there are evolutionary and innate factors that guide the division of groups and that the causes of ideological conflicts are related to the difficulty of dialogue and consensus due to divergent worldviews and moral foundations. The Brazilian polarization seen in the 2018 presidential elections was a political-ideological polarization. Thus, the theoretical survey presented in this work can serve as a basis for a more in-depth empirical analysis of the subject.

## Keywords

Polarization; Social Psychology; Moral Philosophy; Political Behavior; Ideologies; Jonathan Haidt.

# Sumário

1-Introdução	11
1.1. Jonathan Haidt e Thomas Sowell	16
1.2. Delimitação do objeto de estudo	18
1.3 .Metodologia e justificativas	20
1.4. Hipóteses	23
1.5. Organização dos Capítulos	25
2- Causas gerais: os conflitos humanos	27
2.1. A Mente Moralista de Haidt	29
2.2. A seleção individual e o gene egoísta	31
2.3. O “Negacionismo” da Natureza Humana	33
2.4. O <i>Homo Duplex</i> de Durkheim	40
2.5. Teoria da seleção multinível	42
2.6. A Hipótese do Interruptor de Colmeias	46
2.7. Processos automáticos e o modelo social-Intuicionista	51
2.8. Comportamento de Rebanho + Interruptor de Colmeias	55
2.9. Considerações do capítulo 2	58
3- Causas específicas: os conflitos ideológicos	63
3.1. Janela de Overton	73
3.2. Distinção de Direita e Esquerda por Norberto Bobbio	76
3.3. Problemas da tese de Bobbio	82
3.4. Conflitos de visões ideológicas	87
3.5. Visão Restrita vs. Visão Irrestrita	89
3.6. Teoria dos Fundamentos Morais	96
3.7. Os Fundamentos Morais na política	107
3.8. A dificuldade de compreensão pelo ponto de vista do outro	110
3.9. Considerações sobre o Capítulo 3	111
4 - A polarização ideológica no Brasil	116
4.1. A antiga polarização entre PT e PSDB	116
4.2. Polarização político-ideológica <i>versus</i> polarização político-eleitoral	125
4.3. Eventos que antecederam as eleições de 2018 teriam anunciado a troca de uma polarização eleitoral para polarização ideológica	128
4.4. Motivações da polarização em 2018	135

4.5. Análise dos Planos de Governos de Fernando Haddad (PT) e de Jair Bolsonaro (PL) - A ideologia presente nas eleições de 2018	138
4.6. O nível de radicalismo e sua retroalimentação	151
5- Considerações Finais	157
Referências Bibliográficas	164

## Lista de Figuras

Figura 1: A Hierarquia comteana das Ciências.....	22
Figura 2: O rubicão da evolução humana.....	45
Figura 3: O Diagrama de Nolan.....	66
Figura 4: A Teoria da Ferradura.....	68
Figura 5: A Janela de Overton.....	74
Figura 6: A manipulação da Janela de Overton.....	75

## Lista de Quadros

Quadro 1: Os cinco fundamentos morais.....	100
Quadro 2: A percepção dos jovens sobre o radicalismo político no Brasil.....	153

## Lista de Gráficos

Gráfico 1: “O que pensam os brasileiros sobre temas debatidos na sociedade”.....	147
Gráfico 2: O Posicionamento Político dos Entrevistados.....	149
Gráfico 3: A preocupação com a democracia.....	150

## Lista de Fotografias

Fotografia 1 – Fora, Dilma! Fora, Cabral! “É tudo igual!”.....	132
--	-----

*“Nada se assemelha  
mais ao pensamento  
mítico do que a  
ideologia política.”*

**–Claude       Levis-  
Strauss**

*“O homem é por  
natureza um animal  
político.”*

**–Aristóteles**

## Introdução

Os conflitos são um dos fatos mais recorrentes na história da humanidade. O ser humano diverge sobre diversos temas em inúmeras esferas inimagináveis. Cada pessoa e cada grupo possuem seus pontos de vista e seus interesses em um determinado assunto. Os conflitos podem ser positivos, pois deles surgem soluções para problemas, mas também podem ser negativos, pois os conflitos podem gerar cisões ou mesmo guerras. As soluções normalmente surgem quando há um entendimento mútuo do ponto de vista de cada um, enquanto a violência surge quando há incompatibilidade de valores, bem como quando um lado não consegue raciocinar de acordo com as premissas do outro lado. Neste último caso, o conflito ocorre por problemas de interpretação, por ter uma visão distorcida do que o outro pensa ou mesmo por desumanização deste outro.

Um grande exemplo da evidência deste fenômeno é quando há um encontro entre duas ou mais culturas diferentes. Ao se deparar com costumes completamente distintos, é comum interpretá-los como estranhos, de acordo com a lógica da sua própria cultura, ou seja, a partir daquilo que já se conhece. Consequentemente, acaba-se por criar uma visão negativa desta outra cultura, colocando-a como inferior e criando assim uma hierarquização. Na antropologia, este fenômeno é descrito como etnocentrismo (Levine, 2017; Shala e Cooper, 2014; Rocha, 1989). No que tange a temas considerados culturais, como a religião e a moral, o fenômeno do etnocentrismo parece ser parte deste mesmo problema.

Dentro do campo da política, este fenômeno parece ocorrer de forma menos evidente. Um grande exemplo é quando grupos considerados de esquerda ridicularizam o fato de pessoas pobres se identificarem com a

direita. Neste caso, partindo da lógica da própria esquerda, há de fato uma incoerência, pois na sua visão, defender o capitalismo ou a liberdade de mercado é defender os interesses da classe burguesa, dos ricos, consequentemente contra os interesses dos pobres. A questão é que esta visão seria apenas uma de várias possíveis. Uma pessoa que se declara de direita, liberal ou conservadora não parte desta premissa, pois não acredita na ideia de luta de classes como a esquerda, logo, não há qualquer incoerência por parte da premissa fora da esquerda. Algo parecido ocorre quando grupos de direita acusam grupos de esquerda de defenderem criminosos ao defenderem seus direitos humanos.

Um fator interessante a se levar em consideração é que na política há duas ou mais formas de polarização. Pode-se considerar que existem polarizações "político-eleitorais", onde o foco está no campo eleitoral e nas divergências na gestão pública, e polarizações "político-ideológicas", onde o debate político vai muito além das divergências de gestão.

Em relação à polarização político-eleitoral, as divergências se dão apenas em questões de eficiência administrativa. O foco de cada candidato é se apresentar como aquele que é mais capacitado, onde o objetivo é apenas vencer eleições com foco em trazer melhorias de curto prazo. Um grande exemplo disso talvez possa ser visto nas eleições de 2010 entre Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), onde, analisando os quatro debates ocorridos no segundo turno em TV aberta, pode-se dizer que o debate ideológico esteve bem distante. O debate se restringia a dizer qual dos partidos investiu mais em determinadas áreas e quem seria o mais eficiente na solução de problemas que os dois candidatos convergiam. Ainda que existissem questões ideológicas, estas ficavam em segundo plano, ou mesmo em último.

A polarização político-ideológica envolve diferenças mais acentuadas, diferenças difíceis de convergir. O objetivo dessa polarização é na mudança para além do curto prazo, seja no discurso de mudanças mais estruturais, seja de reação às ideias opostas, categorizando-as como extremamente maléficas. As divergências deste tipo de polarização se

dão de forma mais evidente nas pautas econômicas e nas pautas de costumes.

Nas pautas econômicas, normalmente se dão entre liberais e defensores da intervenção do Estado na economia, considerando estes últimos os socialistas e sociais-democratas. A divergência entre conservadores e progressistas estaria mais presente nas pautas de costumes. Dentre as discussões ideológicas, tanto nas pautas econômicas quanto nas pautas de costumes, parecem existir questões morais, sendo nesta última com considerável ênfase.

Em suma, a polarização “político-eleitoral” pode ter questões ideológicas, mas estas acabam ficando em segundo plano, não sendo determinantes nos conflitos. Já na polarização “político-ideológica”, há também o embate sobre questões de eficiência administrativa, mas o que pautará o embate serão as divergências ideológicas.

A disputa eleitoral ocorrida nas eleições de 2018 pode ser um grande exemplo de uma polarização “político-ideológica”, pois, possivelmente, esta polarização atingiu um nível sem precedentes na história recente do país. Ao que tudo indica, esta polarização se trata de uma das mais antagônicas, ideologicamente falando. As diferenças dos projetos de ambos lados parecem ser tão distintas que fica muito difícil encontrar pontos de concordância.

Após o fim do regime militar, no período de redemocratização, a polarização mais evidente ocorrida foi entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido da Social Democracia Brasileira. Foram seis eleições nacionais que estes dois partidos disputaram diretamente à presidência da República. Ainda que o PSDB jamais tenha se declarado como de “direita”, o partido acabou ocupando o espaço. Além disso, o seu principal concorrente, sob a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), também parecia concordar que este partido não é um partido de direita, pois o próprio ex-presidente durante um discurso em comemoração aos 45 anos do Ipea, no dia 16 de setembro de 2009, ele celebrou como uma conquista a inexistência de um candidato de direita nas eleições que

estavam por vir no ano seguinte, onde o PSDB também participaria (Nossa, 2009). O próprio FHC, numa conversa cedida ao Globo pelo então senador petista Cristovam Buarque, disse que “a luta de PT e PSDB não é ideológica, mas política” (Magalhães, 2005).

Embates ideológicos certamente não se tratam de uma novidade na história do Brasil. Essa dissertação não tem como objetivo tratar o caso como um fenômeno novo, jamais ocorrido na história. Tampouco tem como objetivo tratar como um evento isolado, sem qualquer influência destes outros conflitos ideológicos na política brasileira. As polarizações ocorridas de Getúlio Vargas à Tancredo Neves, como por exemplo, a emblemática polarização do UDN (1945) contra PTB (1945) e PSD (1945); foram bem esclarecidas pelo brasilianista Thomas Skidmore (Skidmore, 1998; 1988), deixando bem evidente que se tratavam de embates bem ideológicos, e que possivelmente o ambiente trazido por estes conflitos foi resgatado, em boa medida, nas eleições de 2018. Sobretudo, em relação aos conflitos ideológicos ocorridos após o golpe militar de 1964, que pareciam estar mais diretamente ligados com a polarização ocorrida em 2018, mas que para isso, seria necessário um maior aprofundamento dos fatos históricos que poderiam ter levado o país para a crise vista em 2018. Assim sendo, o foco dessa dissertação será o ambiente político de 2018, com algumas comparações com a polarização ocorrida entre PT e PSDB.

Por outro lado, tanto no Brasil quanto em grande parte no ocidente, houve um avanço em diversas pautas ditas “progressistas”. Do lado da esquerda, houve uma maior adesão de diversas pautas consideradas em defesa das chamadas minorias políticas. Pautas consideradas até então *tabus* passaram a ser discutidas mais abertamente. Os progressistas passaram a ter mais coragem em defender abertamente temas como a legalização do aborto, descriminalização das drogas, união de pessoas do mesmo sexo, entre outros diversos temas considerados como temas de costumes. Este avanço das ideias progressistas pode ser um fator importante a ser estudado, e para compreender a reação da direita e uma possível radicalização dos discursos reativos a estas pautas.

Mesmo com diversos fatores específicos dos acontecimentos recentes no país, conforme já enunciado, o fenômeno da polarização é um fator que sempre esteve presente não só na política como em diversos segmentos da sociedade. Em vista disso, é provável que haja fatores considerados *universais* capazes de proporcionar este fenômeno específico. Para compreender melhor o fenômeno da polarização atual no país, entendo ser de grande importância a compreensão da possibilidade de suas causas apriorísticas, daquilo que faz com que pessoas se dividam por diversas questões, inclusive por questões ideológicas. Além dos fatores históricos e culturais, fatores psicológicos podem ter sua relevância no entendimento da polarização. Portanto, a chave para entender os conflitos causados pela polarização político-ideológica seria de estudos que buscaram fazer isto, no caso, buscaram compreender seus conceitos gerais. Os estudos do psicólogo social Jonathan Haidt, por exemplo, seria um destes.

Entende-se aqui por *apriorismo* a ideia de que há princípios gerais de explicação de um determinado fenômeno social que antecederem à experiência de campo, muitas vezes explicados por outras áreas do conhecimento, entendendo aqui que a abordagem mais voltada para a empiria nas Ciências Sociais não seria suficiente para a compreensão do fenômeno da polarização ideológica, uma vez que isto está também relacionado a fatores psicológicos, que são fatores anteriores aos fatores sociais. O conceito de “apriorismo”, epistemologicamente falando, tem seu fundamento na síntese entre *racionalismo* e *empirismo* de Emmanuel Kant (1788), que foi seguido e aprimorado pelos austríacos Karl Popper (Hoppe, 2007) e Ludwig von Mises (1949), dentre outros tantos pensadores, para uma análise mais aprimorada das Ciências Sociais.

## 1.1.

### Jonathan Haidt e Thomas Sowell

Na obra *A mente moralista*, o autor Jonathan Haidt coloca a psicologia moral como uma área de grande importância para entender os conflitos religiosos e políticos, além de todo o desenvolvimento civilizatório. O principal objetivo desta obra é responder: *o porquê que pessoas boas são segregadas por política e religião*, conforme é anunciado no subtítulo desta obra. Com isto, esta pode ser uma chave para compreender a polarização brasileira.

O primeiro contato que obtive com algum trabalho de Jonathan Haidt foi de uma das pesquisas que está incluída nesta sua obra. A pesquisa em si tinha como objetivo compreender se conservadores, liberais e progressistas conseguem entender-se uns aos outros de acordo com o ponto de vista deste. Para obter essas respostas, Haidt formulou alguns questionários para que cada grupo ideológico, no caso destes três citados, respondesse-o se passando por alguém de outro grupo, ou seja, no caso de conservadores responderem os questionários se passando por um progressista e vice versa. Para a grande surpresa, o resultado dos questionários apontou que conservadores conseguiam compreender melhor o ponto de vista dos progressistas que o contrário. No caso, quanto mais progressista a pessoa fosse, maior era a dificuldade de compreensão. Os conservadores conseguiam entender as justificativas que os progressistas tinham para defender suas pautas, ainda que discordassem completamente. Já os progressistas tinham dificuldades, pois tinham uma indução em acreditar que não existia tanta lógica nas teses conservadoras, que assim defendiam por serem limitados ou preconceituosos.

Com justificativa desta pesquisa, Haidt formulou o que ele chama de “*teoria dos fundamentos morais*”. Nesta teoria, o autor explica que a

moralidade estaria dividida em seis fundamentos evolutivos inatos nos seres humanos, sendo estes: *Cuidado/dano*; *Justiça/trapaça*; *Lealdade/traição*; *Autoridade/subversão*; *Pureza/degradação*; *Liberdade/opressão*. Ou seja, há diferentes parâmetros morais com preocupações específicas. Por exemplo, no caso do fundamento do Cuidado/dano, este estaria voltado na sensibilidade aos mais vulneráveis, como as crianças, enfermos, pobres, minorias sociais etc. O fundamento da Justiça/trapaça estaria voltado ao senso de justiça, na intolerância àqueles que desejam tirar proveito de outrem. Dentre estes fundamentos morais, há culturas ou ideologias que podem expressar todos estes ou uma combinação de alguns destes. No caso dos progressistas, estes possuem como parâmetro moral os fundamentos do Cuidado/dano, Justiça/trapaça e o da Liberdade/opressão muito acima dos demais, enquanto os conservadores possuem todos os fundamentos de forma equivalente. Isso permite aos conservadores compreenderem o ponto de vista dos progressistas, pois ainda que de forma diferente, os conservadores têm também a preocupação com os vulneráveis, têm aversão à injustiça e repulsa à opressão. Já os progressistas têm a dificuldade de compreensão das defesas morais conservadoras que estão relacionadas à autoridade, lealdade e pureza, pois como estas não estão em seus “códigos morais”, ou em pequena quantidade (aos menos radicais), acabam não encontrando sentido à sua defesa.

De forma paralela a Haidt, o pensador afro-americano Thomas Sowell, na obra *Conflito de Visões*, também busca explicar as causas dos conflitos ideológicos, mais especificamente, conflitos entre a perspectiva conservadora e revolucionária. No caso da perspectiva conservadora, Sowell a chama de visão *restrita*, que é a visão onde se entende que há limitações do conhecimento humano, que uma pessoa ou um grupo de pessoas não teria a capacidade de solucionar todos os problemas do mundo. Essa perspectiva converge com a tese de Edmund Burke sobre a prudência política, qual a chamava como “a primeira de todas as virtudes” (Kirk, 1993; 2013), e também com a tese de F.A Hayek (1945), sobre o *uso do conhecimento da sociedade*, onde este entende que ninguém

possui o conhecimento econômico em sua totalidade, pois estes estão dispersos entre várias pessoas. Em suma, a visão de mundo conservadora é mais cética, prudente e limitada.

Na perspectiva revolucionária, esta é chamada de visão *irrestrita*. Nesta visão, é possível projetar uma reformulação da sociedade, pois o ser humano é adaptável a quaisquer circunstâncias. Através do conhecimento e da empiria, é possível solucionar problemas que, aos olhos da população, parecem ser inatos. Esta visão converge com a visão marxista, onde este entende que é possível realizar uma profunda transformação social através de meios revolucionários, no caso, que é possível solucionar os problemas causados pelo capitalismo através da implantação do comunismo.

Além das causas que dificultam a compreensão da ideia do outro, há outra questão anterior importante para compreender a polarização, que é entender: *o porquê que nós nos formamos em grupos*.

Antes mesmo de ter acesso a esta pesquisa de Haidt, já havia deduzido que em grande parte dos conflitos ideológicos, ocorria algo muito parecido com o que se ocorre no que chamamos de etnocentrismo. Esta pesquisa de Haidt contribuiu para uma maior convicção disto, que fenômenos como etnocentrismo, anacronismo e este que acaba fomentando a polarização partem da mesma estrutura. Sendo assim, uma melhor compreensão das causas responsáveis destes fenômenos seria o passo inicial para a compreensão dos conflitos político-ideológicos.

## 1.2.

### **Delimitação do objeto de estudo**

O objetivo deste trabalho é compreender, de forma preliminar, as causas gerais que podem explicar os conflitos humanos causados por polarizações políticas, e quais elementos da polarização política ocorrida

nas eleições de 2018 que podem confirmar estas causas. Ou seja, o objetivo é levantar teorias apriorísticas sobre a polarização e seus conflitos, para em seguida, analisar os casos ocorridos no Brasil. Para isso, foi-se criado este roteiro de três perguntas a serem respondidas:

- 1- Por que há divisões e competições entre grupos?
- 2- Quais são as causas da segregação ideológica?
- 3- O levantamento apriorístico pode explicar a polarização ocorrida no Brasil?

Para entender a formação de grupos sociais e os conflitos entre eles, é fundamental fazer a primeira pergunta: por que há divisões e competições entre grupos? Isso nos leva a considerar diferentes teorias que explicam esse fenômeno. Entre elas, podemos mencionar a teoria da evolução de Darwin (2018), que sustenta que a seleção natural contribui para a seleção de grupos; o conceito do *Homo Duplex* de Émile Durkheim (1964), que descreve o ser humano como uma criatura social e ao mesmo tempo individual; a teoria da seleção multinível de Edward O. Wilson (2000), que destaca a importância da seleção natural em diferentes níveis de organização social; a teoria do interruptor de colmeias e o modelo social-intuicionista de Haidt (2012), que enfatizam a importância da moralidade e das emoções na formação de grupos; e a teoria das multidões de Gustave Le Bon (1895; 2022), que sugere que as pessoas perdem sua individualidade e se tornam mais sugestionáveis em grandes grupos.

Essas teorias nos ajudam a compreender como as condutas sociais são compartilhadas em diferentes culturas e como as pessoas podem entrar em conflitos com outros grupos. No entanto, é importante lembrar que essas teorias são apenas uma parte da explicação e que a formação de grupos e conflitos entre eles são fenômenos complexos que requerem uma abordagem interdisciplinar e uma análise mais aprofundada.

Para a segunda pergunta, a Teoria dos Fundamentos Morais de Haidt será a mais pertinente. Além desta, a tese central da obra *Conflito de*

Visões de Sowell, que é uma obra onde o autor tem como objetivo examinar as fontes dos últimos conflitos ideológicos ocorridos no ocidente. Como já enunciado, o autor entende que há duas perspectivas lógicas de visões de mundo, sendo uma delas a *visão restrita*, que tem uma visão mais conservadora e prudente a respeito da natureza humana, e a *visão irrestrita*, que seria a visão revolucionária, onde se tem a visão da natureza humana como uma “tabula rasa”, onde se acredita que é possível moldar a humanidade de forma ilimitada.

A terceira e última pergunta é a central desta pesquisa, pois o objetivo aqui é de analisar a importância de explicações teóricas para o tema da polarização, que a mera análise empírica do fenômeno não seria suficiente ou satisfatória. A principal hipótese desta dissertação é que a análise apriorística é a chave principal para se compreender conflitos ideológicos, seja no Brasil ou em qualquer lugar. E esta é onde a pesquisa se ligará com os fenômenos ocorridos no Brasil. A hipótese de que o fenômeno ocorrido no Brasil também pode ser respondido de forma apriorística através, sobretudo, da obra de Haidt, seria mais importante deste trabalho.

### 1.3.

#### **Metodologia e justificativas**

Esse trabalho tem como referência principal um amplo levantamento bibliográfico sobre o tema escolhido. Primeiramente, serão revisadas algumas teses em diversas áreas do conhecimento para formar algumas questões apriorísticas, para então, com base nestas questões, analisar se há acontecimentos do caso brasileiro que confirmam estas teses.

Em relação aos acontecimentos recentes do país, houve uma breve análise do cenário político brasileiro das eleições de 2018 e dos principais eventos que antecederam, com base em programas partidários dos partidos envolvidos; programas de governo dos candidatos; entrevistas e notícias do período; em algumas das principais pesquisas de opinião por

amostra, de institutos como: Datafolha, Ibope e Instituto da Democracia; entre outros, com intuito de compreender o tipo de polarização ocorrida no Brasil em 2018 em comparação com as anteriores protagonizadas pelo PT e PSDB, e se o levantamento dos capítulos anteriores é aplicável a este tipo de polarização.

Já a intenção deste estudo para o levantamento de algumas teses que possa explicar o fenômeno da polarização nas áreas da psicologia e em outras áreas, tem como objetivo a busca de respostas apriorísticas, como já enunciado, como também um maior controle em questões das Ciências Sociais que está relacionada com outras áreas do conhecimento. O fundamento disso parte da *Lei da Classificação das Ciências de Auguste Comte* (1983), que é uma lei que ordena o conhecimento científico pela sua sucessão histórica, teórica e de complexidade.

Exemplificando melhor, esse conceito é parte da *lei dos três estágios* presente na obra *O Curso de Filosofia Positiva* (1983) de Auguste Comte, que é a obra fundadora da sociologia como disciplina científica. A lei dos três estágios pressupõe que o desenvolvimento do conhecimento humano passou por três estágios, sendo o estágio positivista, ou seja, o estágio científico, que é o último dos três estágios depois da teologia e da metafísica. Dentro do estágio positivista, a ciência também passou pelo seu próprio desenvolvimento, por um desenvolvimento ao longo da história onde a cada momento desse desenvolvimento subia cada vez mais de degrau em complexidade e de dependência do conhecimento anterior. A Matemática está na base da hierarquia das ciências, por ser a mais antiga e pura a ser desvendada, por ser a mais lógica, mais generalista e mais simples, a qual sustenta todos os demais conhecimentos científicos. Em seguida viria a Astronomia, Física e Química de forma sucessiva, que fazem parte do mundo inorgânico, que seria menos complexo. No mundo orgânico, que são os mais complexos, estaria a Biologia, a Sociologia e outras áreas derivadas dessas. A figura abaixo representa bem a *Lei da Classificação das Ciências*:

Figura 1: A Hierarquia *comteana* das Ciências

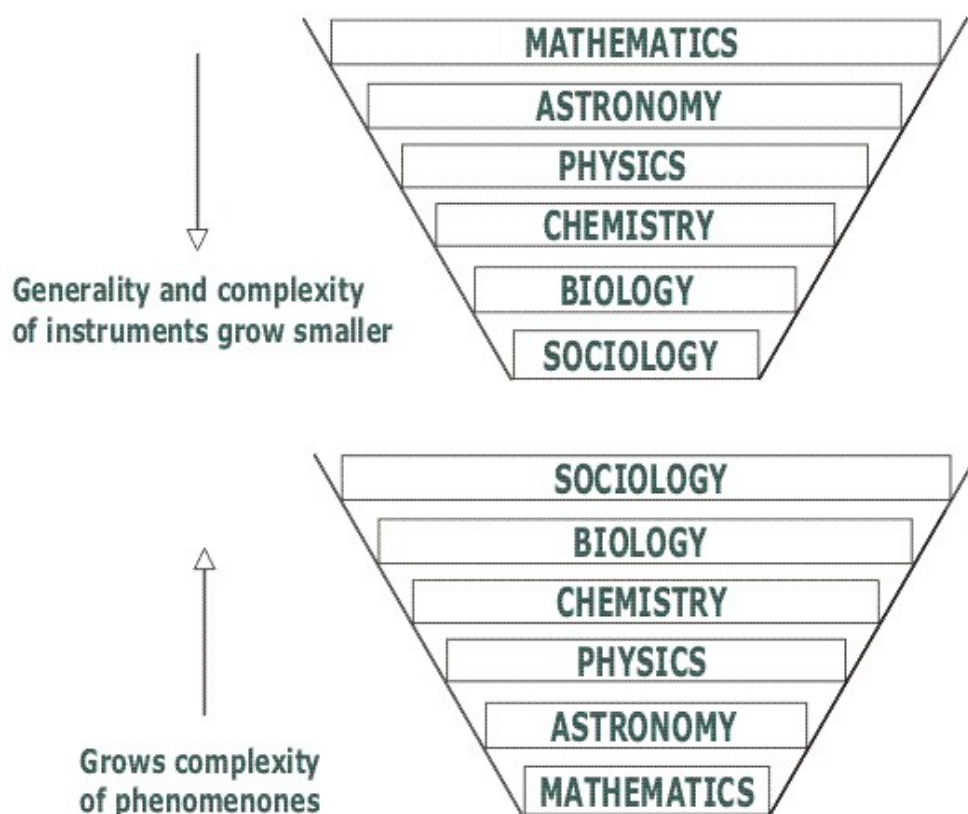


Figura 1. Hierarquia das Ciências como vista por Comte. Fonte: Wikimedia Commons.

Em relação ao tema da polarização “político-ideológica”, por este trazer elementos contidos em áreas do conhecimento anteriores às Ciências Sociais, no caso da Psicologia, que por si só já há um conhecimento apriorístico deste fenômeno, poderá contribuir para um melhor controle e para uma análise mais aprimorada do caso. Ainda que a perspectiva deste trabalho esteja relacionada a questões relacionadas ao comportamento humano e de conceitos apriorísticos que possam ajudar na compreensão da polarização política, eu reconheço que há inúmeros

outros caminhos possíveis para se estudar a polarização política, como já vem ocorrendo em grande número na academia. Ou seja, este trabalho não tem o intuito de desconsiderar estes outros trabalhos de grande importância sobre a polarização.

#### 1.4.

### Hipóteses

Por conta de a polarização ser um fenômeno recorrente na história, acredito que há questões para além de uma análise de conjecturas políticas. Em um ambiente radicalmente polarizado, a divisão é tamanha que as divergências acabam escapando da esfera política e acabam passando para a esfera moral. Há também um grande ambiente de inimizade que acaba dando muito espaço para discursos de ódio, menosprezo, desrespeito, ataque à honra e até mesmo agressões físicas. Acaba existindo uma cegueira generalizada que faz com que um lado passe a se posicionar contrário a tudo que o outro lado se posiciona a favor, independentemente do que seja. Todas essas motivações poderiam estar relacionadas a questões morais, por exemplo.

Algumas destas questões seriam respondidas por outras áreas do conhecimento, como a Biologia e a Psicologia, conforme já mencionado. No campo da Psicologia, a Psicologia Social e a Psicologia Evolucionista podem explicar alguns gatilhos que permitem a polarização política. Portanto, a obra de Jonathan Haidt, que trata do tema, pode ser o primeiro passo para a compreensão deste fenômeno que ocorre atualmente no Brasil.

De forma objetiva, a hipótese deste trabalho é de que há fatores intrínsecos humanos que conduzem ao conflito, e que estes fatores podem responder de forma apriorística aos fatores que contribuem para a

polarização política. Há uma tendência inata humana em se dividir em grupos para sua autoproteção e consequentemente enxergar aqueles que estão fora como inimigos ou pessoas de condutas incorretas. A falta de compreensão da perspectiva do outro seria um dos principais combustíveis para o conflito, e essa falta de compreensão se dá pelos mesmos motivos causados em grande parte dos conflitos humanos, como o etnocentrismo. No campo da política, que é em si um campo de conflitos, o fenômeno que estamos abordando torna-se mais evidente em conflitos que possuem como foco fatores ideológicos, como o tradicional dualismo entre direita e esquerda, ou progressistas e conservadores. Quanto mais as divergências ideológicas estiverem arraigadas em valores morais, como por exemplo, temas relacionados a costumes, como a legalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, legalização de drogas ilícitas entre outras, maiores serão as divergências extremadas.

Embates relacionados à economia e ao controle estatal também podem entrar no campo da moralidade, pois de um lado, os progressistas enxergam como um dever humano que o Estado ampare os mais necessitados, enquanto do outro lado, os conservadores e liberais enxergam como uma violação de sua liberdade e propriedade quando o Estado interfere em determinadas questões. Todas essas questões são abordadas por Jonathan Haidt e alguns outros autores, e algumas das questões da polarização ocorrida nas eleições de 2018 podem ser explicadas, até certo ponto, por essas obras. Há erros de comunicação entre conservadores e progressistas no Brasil, e consequentemente cada lado acaba recorrendo a falácias argumentativas, como o *argumentum ad hominem* e a do “espantalho”, para responder aos argumentos opostos.

Um dos outros argumentos de Haidt é que quando a discussão é mais incisiva, há uma tendência maior de reação, de se posicionar na defensiva e rejeitar tudo que o outro diz, enquanto a transmissão cordial do seu ponto de vista permite que o outro fique aberto à compreensão. Ou seja, impor uma verdade sem qualquer discussão, sem relevar o que o outro pensa, não contribui para que os outros aceitem e respeitem este ponto

de vista, mas justamente o oposto, e isto pode ser o que aconteceu no Brasil em 2018 e que ainda acontece. O respeito e a compreensão do que o outro pensa seria o caminho que pode solucionar, ou pelo menos minimizar, os problemas causados por estas divisões.

## 1.5.

### Organização dos Capítulos

O texto está dividido em três capítulos, sendo o segundo e o terceiro capítulo focados na formulação teórica, com uma análise voltada para as teorias apriorísticas da polarização, utilizando a bibliografia levantada para esse fim. O objetivo desses capítulos é entender melhor as características intrínsecas que levam as pessoas a se dividirem e a entrarem em conflitos.

No **segundo capítulo**, são discutidas as causas mais gerais da polarização, abordando temas relacionados à natureza humana. Para isso, foram analisados autores das áreas da Psicologia, Biologia e das Ciências Sociais, como Émile Durkheim, Richard Dawkins, Steven Pinker, Jonathan Haidt e Gustave Le Bon.

Já o **terceiro capítulo** se concentra nas divergências ideológicas e nas questões mais específicas da polarização. Busca-se encontrar alguns dos conceitos filosóficos das ideologias que se enquadram no espectro da “direita” e da “esquerda”. Nesse capítulo, são discutidas algumas das principais obras de apologistas e comentadores, como Karl Marx, Friedrich Hayek, Thomas Sowell e Jonathan Haidt, que explicam a divergência ideológica no campo da psicologia moral.

No **quarto capítulo**, é feita uma análise da polarização brasileira ocorrida nas eleições de 2018 em comparação com as ocorridas nos anos anteriores, buscando entender seus antecedentes, seu nível, seu tipo e se as explicações apriorísticas levantadas nos capítulos anteriores servem

para explicar a polarização no Brasil. Em suma, o objetivo desse capítulo é apenas compreender se o ambiente de polarização das eleições de 2018 pode ser explicado pelas teorias apriorísticas levantadas nos capítulos anteriores, e servir como base para futuras pesquisas sobre o tema.

## 2

## Causas gerais: os conflitos humanos

Por que há divisões e competições entre grupos? Talvez, uma das primeiras respostas que se vêm à mente na tentativa de responder a esta pergunta, seria a de que os seres humanos são seres sociais, que vivem em coletividade. Na contramão disso, uma das respostas mais comuns para responder o porquê que sempre há conflitos humanos, é a de que a natureza humana é individualista e egoísta. Afinal, elas estão certas ou são contraditórias?

O embate entre individualismo e coletivismo tem sido bastante discutido em diversas esferas do conhecimento. Este embate está presente na epistemologia de análises sociais, como por exemplo: o *holismo metodológico* de Émile Durkheim (1995) e de diversos antropólogos; e o *individualismo metodológico* usado pelo sociólogo Max Weber (1999), economistas da Escola Austríaca, entre outros. Explicações filosóficas sobre a “natureza humana” também estão divididas entre perspectivas individualistas e coletivistas, inclusive, o próprio dualismo entre *liberdade* x *igualdade* está fundamentado no dualismo entre indivíduo e coletivo.

Segundo Marx, “*não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência*” (Marx, 1974, p. 136), ou seja, neste ponto, Marx rejeita a ideia de individualidade e afirma que há uma consciência coletiva. Na visão marxista, no sistema capitalista existem apenas dois tipos de consciência: a consciência burguesa e a consciência proletária, pois estas estariam relacionadas às duas classes sociais existentes, partindo da premissa marxista. Porém, por conta de a classe burguesa ser a classe dominante, até para a sua própria sobrevivência, ela faz com que as classes dominadas passem a pensar pelos parâmetros de sua própria

consciência, pela consciência burguesa. Isso faz com que a classe proletária passe a viver em um estado de alienação, por não pensar conforme a sua própria consciência de classe. Com isto, a partir da perspectiva marxista, seria até possível responder as causas dos conflitos ideológicos entre direita e esquerda, pois a causa deste conflito seria a própria luta de classes, no qual consciência proletária seria defendida pela “esquerda”, enquanto a consciência burguesa seria defendida pela “direita”. Partindo desta perspectiva, pelo menos as duas primeiras questões desta pesquisa – por que há divisões e competições entre grupos e quais são as causas da segregação ideológica – poderiam ser de imediatas respondidas: nós nos formamos em grupos, pois a nossa consciência é determinada pela classe qual fazemos parte, enquanto as causas da segregação ideológica se dão, pois, cada classe age para defender seus interesses que são completamente antagônicos. Em suma, a visão marxista nega a existência de uma consciência individual, colocando como fundamento da consciência no materialismo, ou seja, na que o autor chama de “infraestrutura”.

Segundo o psicólogo Jonathan Haidt (Haidt, 2020, p. 296), ainda que a classe social possa ser um bom referencial para as divisões e escolhas ideológicas, recentemente, esta tese acabou sendo cada vez mais questionada, pois parte de cientistas políticos teriam percebido problemas nas análises de previsão política tendo esta visão como parâmetro. Haidt entende que hoje, por exemplo, usando como referência o quadro americano, há uma divisão entre os ricos, sendo os industriais mais voltados à direita, enquanto bilionários da tecnologia, tendo uma inclinação mais progressista. Da mesma forma, há diferenças entre operários das áreas urbanas e rurais, sendo a primeira com maior inclinação progressista e a segunda com maior inclinação conservadora. Esta explicação de Haidt parece fazer ainda mais sentido ao observar as eleições americanas de 2016, onde Donald Trump se saiu vencedor tendo apoio massivo da classe operária e rural, enquanto teve uma grande rejeição de uma elite urbana, sobretudo dos bilionários da tecnologia à qual Haidt se refere. Em função disso, Haidt entende que há fatores mais

complexos para explicar tanto a divisão de grupos quanto às opções ideológicas, e a resposta pode ser respondida através da psicologia moral e de algumas características presentes na própria natureza humana.

## 2.1.

### A Mente Moralista de Haidt

Jonathan Haidt é um psicólogo social americano, cujo sua principal área de estudos está na Psicologia moral. Como um progressista partidário do Partido Democrata, no campo político, Haidt tinha como intenção compreender o que faz as pessoas votarem no Partido Republicano dos EUA, a partir da Psicologia moral. Conseguindo responder a esta pergunta, permitiria ao Partido Democrata a compreender melhor como pensam os conservadores e como poderia mudar de estratégia para obter o voto dessas pessoas.

Em seu artigo de 2008 intitulado *What Makes People Vote Republican?*, Haidt comenta sobre a dificuldade e a mudança de perspectiva ao estudar sobre o tema. Por ser um progressista (partidário do Partido Democrata), ao analisar questões no que se diz respeito aos conservadores (partidários do Partido Republicano), existia uma motivação de sempre enxergar o seu lado negativo, com o objetivo de justificar toda a raiva que possuem ao moralismo conservador, e do motivo que progressistas estariam com a razão.

“Na comunidade psicológica, onde quase todos nós somos politicamente progressistas, nosso diagnóstico de conservadorismo nos dá o prazer adicional da raiva justa compartilhada. Podemos explicar como os republicanos exploram molduras, frases e medos para induzir os americanos a apoiar políticas (como a "guerra ao terror" e a revogação do "imposto sobre a morte") que

prejudicam o interesse nacional por vantagens partidárias.

Mas com o prazer vem a sedução, e com o prazer justo vem a sedução usando um halo. Nosso diagnóstico explica os sucessos republicanos e, ao mesmo tempo, convence a nós e a nossos colegas liberais de que temos uma posição moral elevada. Nosso diagnóstico nos diz que não temos nada a aprender com outras ideologias e nos cega para o que considero um dos principais motivos pelos quais tantos americanos votaram nos republicanos nos últimos 30 anos: eles honestamente preferem a visão republicana de uma ordem moral ao oferecido pelos democratas.” (HAIDT, 2008, p.1)

A partir do momento em que Haidt passou a dar conta deste problema de sua análise, qual entrará mais a fundo em outro momento, ele passou a perceber que a moralidade é um fator muito mais complexo do que se aparentava ser. Graças a isso, pôde desenvolver a *Teoria dos Fundamentos Morais*, a qual terá grande importância nesta pesquisa.

Em relação à pergunta inicial, da razão que pessoas se formam em grupos, Jonathan Haidt buscou respondê-la na última parte de *A Mente Moralista*, mais especificamente no capítulo nove, depois de explicar como age uma mente moralista e quais são os tipos de modalidades existentes. A justificativa central desta parte de sua obra parte de uma metáfora onde ele deduz que “somos noventa por cento chimpanzés e dez por cento abelhas”, dedução esta que está de certa forma, ligada com a discussão de que se somos individualistas ou coletivistas, qual iniciamos neste capítulo. As principais explicações desta metáfora, e consequentemente, da primeira pergunta, estão fundamentadas no conceito *Homo Duplex* de Émile Durkheim (1914), e na teoria da seleção de grupo e da seleção multinível.

Entendendo que teorias relacionadas a uma natureza humana “inatista” e a teoria da evolução de grupos ainda podem ser consideradas

controversas dentro das Ciências Sociais, é pertinente deixar em grande evidência a posição do autor quanto a isto, a sua importância e do que de fato se tratam estas teorias.

## 2.2.

### A seleção individual e o gene egoísta

Atualmente, a explicação científica mais aceita para explicar as origens evolutivas, inclusive àquelas que podem explicar alguns fatores sociais como o altruísmo, moralidade entre outros, é a evolução em nível individual. A tese de Richard Dawkins, presente em sua obra *O Gene Egoísta*, que privilegia a evolução individual em detrimento da evolução de grupos, explica o altruísmo de uma forma diferente da que muitos normalmente imaginam. O altruísmo em si sempre foi um problema para a explicação da teoria da evolução, pois como poderia o altruísmo estar presente em algumas espécies de animais; como formigas, abelhas e o próprio ser humano; se a ação altruísta seria vista como um desperdício de esforço para a replicação e sobrevivência individual? A tese de Dawkins afirma que o centro da evolução está na replicação dos genes, não necessariamente na preservação da espécie ou do indivíduo em si.

Dawkins faz uma distinção entre genes, qual passou a chamá-los de replicadores; e organismo, o qual passou a chamá-lo de “veículo” (Dawkins, 1976). No caso, o organismo, ou seja, o veículo seria uma criação dos replicadores para ser a sua máquina de sobrevivência. O veículo estaria a serviço do gene e não o contrário. Com isso, antes do indivíduo ser naturalmente egoísta, o gene o é primeiramente.

“Somos máquinas de sobrevivência - veículos robôs programados cegamente para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes. Esta é uma verdade

que ainda me enche de espanto.” (DAWKINS, 1976, p.31)

Sendo o gene o principal elemento da evolução, a explicação do altruísmo humano deve ser feita através deles, se de fato o altruísmo de seu veículo contribui para a sua replicação, e para Dawkins, é isso que de fato ocorre. Do ponto de vista dos genes, salvar a vida de familiares de um indivíduo é também contribuir para a sua replicação, pois cada organismo compartilha uma determinada porcentagem de gene com seus parentes; no caso: 50% com os pais, 25% com os avós e tios, 12,5% com primos e assim sucessivamente. Ou seja, ajudar alguém próximo é ter maior probabilidade de replicação deste gene.

A explicação da evolução descrita por Dawkins passou a ter um grande embate com as explicações da seleção de grupos. Um dos principais expoentes deste tipo de seleção é o biólogo Edward O. Wilson, qual Dawkins chegou a ter severas críticas e embates. Para Dawkins, a seleção de grupos não faz tanto sentido, pois a replicação do gene está em um registro amplo e longo, enquanto a de grupos é curta e repetitiva.

“Agora podemos ver que o organismo e o grupo de organismos são verdadeiros rivais para o papel de veículo na história, mas nenhum deles é sequer candidato ao papel de replicador. A controvérsia entre 'seleção individual' e 'seleção de grupo' é uma verdadeira controvérsia entre veículos alternativos [...] Acontece que o resultado, a meu ver, é uma vitória decisiva para o organismo individual. O grupo é uma entidade muito frouxa.” (DAWKINS, 1976. p.31)

Portanto, a tese da seleção de grupos passou a ser cada vez menos aceita. Porém, há outros importantes fatores para a rejeição não só da seleção de grupos, como também de qualquer possível explicação

biológica da natureza humana, e ela ocorreu principalmente no campo das ciências humanas.

## 2.3.

### O “Negacionismo” da Natureza Humana

Haidt (2020, p.40) diz que qualquer hipótese de uma explicação de evolução social ocorreu por duas ondas moralistas entre acadêmicos e cientistas. A primeira surge pela repulsa à teoria do “darwinismo social”, que se trata de uma teoria que acaba por justificar teses racialistas e aporóforas, em que, por exemplo, determinadas civilizações são menos ou mais evoluídas por conta da raça da população, ou que a caridade contribui para a replicação da pobreza. Por conta desta teoria que evidentemente é incorreta, Haidt entende que foi usado um erro lógico para impedir qualquer debate que venha incluir questões biológicas nas Ciências Sociais. O autor cita como exemplo deste erro lógico uma explicação popularmente conhecida como “*reductio ad Hitlerum*”, que nada mais é uma variante, da falácia conhecida como *reductio ad absurdum*, porém usando a figura de Hitler e do Nazismo:

“A afirmação de que algumas raças seriam inatamente superiores a outras foi mais tarde defendida por Hitler e, portanto, se Hitler era um nativista, então todos os nativistas seriam nazistas. (Essa conclusão é ilógica, mas faz sentido emocionalmente se você não gosta do nativismo.)”. (HAIDT, 2020, p.33)

Enquanto a primeira onda coagia as pessoas a não abordarem o tema da evolução de grupos nas Ciências Sociais, a segunda onda passaria a ser “negacionista” da existência de uma natureza humana, sendo a *tábula rasa* como a única explicação possível, pois seria através dela que se

poderia justificar qualquer visão utópica. A visão revolucionária passou a ter grande influência, sobretudo na visão negativa da estrutura da sociedade atual. Consequentemente, acabava por introduzir outro erro lógico, segundo Haidt: “se o inatismo pode ser usado para justificar as estruturas existentes, então ele deve estar errado”.

Na era moderna, a tese da tábula rasa é atribuída a John Locke, mais especificamente em seu *Ensaio Acerca do Entendimento Humano* (1690), como uma forma de exemplificar sua doutrina empirista. A metáfora mais específica utilizada por Locke para descrever a tábula rasa foi a “folha em branco”. Para Locke, todo o conhecimento humano é obtido *a posteriori*, através da experiência, pois todos os homens nascem em um estado de total ignorância. Essa posição surge como contraponto ao argumento racionalista, que entende que indivíduos possuem conhecimentos inatos, onde a razão é a fonte de todo o conhecimento.

No caso da posição empirista *lockeana*, a própria natureza humana seria em si empirista, que ao seu modo de ver, existem apenas por duas formas de se obter compreensão de algo: da *sensação*, que seria obtida de objetos externos através dos sentidos humanos, sendo essa a maior fonte das ideias que os seres humanos possuem; e a *reflexão*, que surge pela percepção das operações da mente dentro de si, a partir das ideias obtidas (Locke, 1959 p.121 - 125).

“Suponhamos então que a mente seja, como dizemos, um papel branco, vazio de qualquer personagem, sem quaisquer ideias: - Como pode ser mobilado? De onde vem aquele vasto armazém que a fantasia atarefada e ilimitada do homem pintou com uma variedade quase infinita? A isso eu respondo, em uma palavra: da EXPERIÊNCIA. Nisso todo o nosso conhecimento é fundado; e disso, em última análise, deriva a si mesmo. Nossa observação empregada, seja sobre objetos sensíveis externos ou sobre as operações internas de nossas mentes percebidas e refletidas por nós mesmos, é aquela que fornece à nossa compreensão todos os materiais do pensamento. Esses dois são as fontes do conhecimento, de

onde brotam todas as ideias que temos, ou podemos ter naturalmente”. (LOCKE, 1959 p.121)

Em relação ao contexto histórico qual Locke estava se inserido, a *tábula rasa lockeana* surge como contrapondo ideias inatas de “verdades eternas” típicas do seu período, como os fundamentos da hereditariedade da realeza, da aristocracia e a própria escravidão. Ou seja, esta tese colocará em xeque a defesa destas desigualdades hierárquicas vistas antes como naturais. Além disso, o empirismo lockeano, por se opor às justificativas dogmáticas de autoridade eclesiástica e o direito divino na nobreza, serviram de motivação para a sua teoria política, considerada como “o fundamento da democracia liberal”, conforme salienta o renomado psicólogo cognitivo Steven Pinker, em sua obra *Tábula Rasa: A Negação Contemporânea da Natureza Humana*.

A crítica presente neste livro específico coincide com o que Haidt chamou de “segunda onda moralista”, do grande problema que se tornou esta tese entre os cientistas, chegando a afirmar que “a *tábula rasa* tornou-se a religião secular da vida intelectual moderna” (Pinker, 2014 p.13). Segundo Pinker, pelo fato da *tábula rasa* implicar que a natureza humana não possui uma conotação negativa humana, ou seja, tendências preconceituosas como o racismo e sexismo, ou mesmo tendências que conduzem as pessoas a cometerem crimes, que no caso, apenas fatores culturais poderiam resolver estes problemas específicos, esta passou a nortear cientistas sociais e psicólogos inicialmente no século XX, que passavam a explicar costumes e disposições sociais como construções culturais; e que todo o pensamento, sentimento e comportamento seriam explicados com mecanismos de simples aprendizados. Em consequência disso, qualquer defesa fundamentada na biologia, como forma “inatista”, passava a ser veemente rejeitada, rotulada como “determinismo biológico”.

“A *tábula rasa* também serviu de sagrada escritura para crenças políticas e éticas. Segundo a doutrina, toda diferença

que vemos entre raças, grupos étnicos, sexos e indivíduos provém não de diferenças em sua constituição inata, mas de diferenças em suas experiências. Mudando as experiências – reformando o modo de criar filhos, a educação, a mídia e as recompensas sociais – podemos mudar a pessoa. Notas baixas, pobreza e comportamento antissocial podem ser melhorados, de fato, não fazê-lo é uma irresponsabilidade. Toda discriminação com base em características ditas inatas de sexo ou grupo étnico é absolutamente irracional.” (PINKER, 2004, p.24)

Ainda que a tese da tábula rasa seja a principal e a que melhor explica essa tendência ocorrida entre pensadores no século XX, ela normalmente anda acompanhada com outras duas teorias, sendo elas: a teoria do “Bom Selvagem”, descrita por Rousseau, e a teoria dualista do “Fantasma na Máquina”, defendida por alguns pensadores do século XVII, como René Descartes. Ou seja, o *empirismo* de Locke, o *romantismo* de Rousseau e o *dualismo* de Descartes seriam as correntes filosóficas que fundamentam esta tendência.

O *romantismo* de Rousseau entende que a natureza humana é boa, que as pessoas nascem pacíficas, serenas e altruístas, e que a civilização seria o fator que corrompe esta natureza, tendo em vista que povos indígenas “descobertos” por colonizadores europeus nas Américas, Oceania e África foram assim descritos por alguns escritores como o inglês John Dryden, na peça intitulada *The Conquest Of Granada* (1672). Pinker entende que a influência desta teoria possui fortes influências na contemporaneidade e na sua associação à tábula rasa, pois o maior problema da posição inatista seria a visão negativa da natureza humana, como, por exemplo, a *hobbesiana*. Tendo em vista que as crianças nascem “mansas”, os problemas de ganância e violência humana poderiam ser resolvidos com a sua criação, ou mesmo com a transformação da sociedade corrompida.

Já o *dualismo* da corrente conhecida como “Fantasma na Máquina”, seria a crença de que há uma divisão entre corpo e mente, que o corpo seria a

uma “máquina” biológica controlada por um “fantasma”, por algo fora da explicação material, como a mente, ou mesmo a “alma”. O *dualismo* se contrapõe à visão de que o “homem é o lobo do homem” de Hobbes, pois o que fundamenta a mente seria o livre arbítrio, ao contrário do que ocorre com a “mente” de um animal. Inclusive, a visão de Descartes sobre a diferença entre os seres humanos com o mundo animal é pelo fato dos seres humanos possuírem este “objeto imaterial” que permite o pensamento: a autoconsciência.

“O comportamento das máquinas é determinado pelas inelutáveis leis da física da química; o comportamento das pessoas é livremente escolhido. Com a escolha vem a liberdade e portanto, o otimismo quanto às nossas possibilidades para o futuro. Com a escolha também vem a responsabilidade, o que nos permite sustentar que as pessoas têm de responder por suas ações. E, evidentemente, se a mente é separada do corpo, pode continuar a existir quando o corpo sucumbe, e nossos pensamentos e prazeres não serão extinguidos para sempre.” (PINKER, 2004 p.29)

A mente como algo imaterial e que sua existência independe da máquina também é uma visão explicada pela religião. O autor cita uma pesquisa em que mostra que a maioria dos americanos acredita na separação entre corpo e mente, ou entre corpo e alma, sobretudo os religiosos. Inclusive, mesmo os não religiosos, ou aqueles que acreditam na seleção natural, tendem a acreditar que há fatores fora da explicação física, química e elétrica do cérebro (Pinker, 2004).

O problema dessa teoria é que, segundo Pinker, vai contra justamente as principais descobertas da ciência cognitiva, que se iniciou na década de 1950. A ciência cognitiva parte da premissa da impossibilidade da tese da *tábula rasa*, pois partindo da premissa de que a mente humana é de fato uma *tábula rasa*, a mente só começaria a ter função ativa após o nascimento, o que não ocorre de fato. A linguagem, que seria um grande

exemplo da importância cultural no desenvolvimento, precisa à priori possuir um sistema subjacente para classificar e aplicar àquilo que se aprende, pois do contrário, humanos seriam apenas repetidores como os papagaios.

Se tratando da genética comportamental, que é uma das áreas ligada à ciência cognitiva, se explica que genes afetam o comportamento humano de diferentes maneiras. Estes genes determinam o temperamento das pessoas, o quanto uma pessoa pode ser inteligente, tímida, extrovertida, alegre etc. As provas mais convincentes disso são os testes realizados com gêmeos idênticos, pois pelo fato de gêmeos compartilharem 100% de DNA, é possível a possibilidade de tirar conclusões da influência genética através de comparações. A pesquisa dos irmãos gêmeos idênticos e irmãos gêmeos fraternos (que compartilham em média 50% de DNA) de Thomas J. Bouchard Jr. de 1979, trouxe a evidência que a genética tem mais influência no comportamento individual do que a criação familiar em si, pois mesmo gêmeos idênticos criados em meios distintos, ainda são mais parecidos entre si do que com as pessoas que obtiveram a mesma criação, na maioria das vezes. Para Pinker, estes testes com gêmeos contradizem de forma clara a tese do Fantasma na Máquina, pois nota-se a importância da máquina, ou seja, da genética, na forma que o fantasma, ou a mente, age.

Os traços genéticos de personalidade também vão contra a tese romântica do “bom selvagem”, pois segundo o autor, vários estudos que indicam uma tendência genética de pessoas a terem comportamentos violentos e antissociais, ou seja, não seria apenas uma construção social que molda o comportamento humano.

“Estudos também mostraram que a violência é mais uma tendência hereditária e menos o resultado de condições sociais do que se acreditava anteriormente. [...] No mundo de hoje, parece que sempre há uma guerra acontecendo em algum lugar, mas isso não é necessariamente um novo desenvolvimento. Embora certos teóricos queiram acreditar que

a violência não faz parte da natureza humana, o registro arqueológico pré-histórico está repleto de evidências de conflitos sangrentos.” (PINKER, 2004, p.29)

A questão defendida por Pinker não é de um determinismo genético, pois conforme o autor mesmo diz: ninguém de fato acredita na hipótese de que toda a construção social pode ser explicada pelo inatismo. A posição mais pertinente seria a moderada, onde se entende que há elementos inatos e hereditários que dão uma predisposição no comportamento das pessoas, mas que a cultura também tem uma grande importância na construção. A cultura em si só existe graças às predisposições genéticas que permitem que ela se desenvolva. Conforme o autor afirma: “a cultura é crucial, mas a cultura não poderia existir sem as faculdades mentais que permitam seres humanos criar e aprender cultura” (Pinker, 2004). O exemplo citado por Pinker é de que há elementos sociais que de fato não possuem grandes influências inatistas, como: estabilidade, cidadania, moeda de troca etc., pois estes existem por consensos sociais. Mas há questões relacionadas por uma codificação do cérebro humano, como por exemplo: os *estereótipos*, que seja de forma positiva ou negativa, surgem como atalhos criados para o melhor funcionamento cerebral. Ou seja, se, por exemplo, numa turma de artes possuírem mais pessoas de valores progressistas, o cérebro criará esse estereótipo como atalho, e passará a associar de forma intuitiva que estudantes de artes são progressistas. Da mesma forma, o cérebro pode criar atalhos negativos que resultam em discriminações a partir de discursos repetitivos em seu meio social ou a partir de falsas estatísticas.

Para o autor, o cérebro pode ser bom em classificar pessoas por categorias, mas pode ser péssimo quando passa a entrar questões mais abstratas. Em suma, a conclusão de Pinker, também baseada nos testes de gêmeos, é de que os genes possuem de 40 a 50% de influência, enquanto o ambiente compartilhado possui de 0 a 10% de influência. Para os demais 50% que sobrou, este seria do ambiente único que o possui, ou

seja, é determinado por um conjunto de influências externas que cada pessoa passa ao longo de sua vida.

Assim como Pinker, Haidt também acredita que há um meio termo entre a tabula rasa e o inatismo (Haidt, 2007), mais especificamente, entre natureza e cultura, corroborando a posição do neurocientista Gary Marcus (2004), onde este entende que a mente humana é pré-configurada, como um livro cheio de rascunhos, mas que se inclui na mente humana uma configuração de flexibilidade, passível de se revisar e alterar aquilo que é inato. Ou seja, que esta configuração não significa que algo não pode ser mudado, mas que está “estruturado antes da experiência”. Sendo assim, o “inatismo”, que é defendido por Haidt, Gary Marcus, Pinker entre outros, não é de um determinismo biológico, muito menos de um darwinismo social, mas do reconhecimento de uma natureza humana que pode influenciar parte das ações humanas, não que pode determiná-la. O conceito durkheimiano de *Homo Duplex*, por exemplo, vai justamente de encontro com esta posição.

## 2.4.

### **O *Homo Duplex* de Durkheim**

Este conceito parte da ideia de que seres humanos vivem numa duplicidade, uma parte dela a nível individual e a outra a nível coletivo. Em sua obra *The Dualism of Human Nature and its Social Conditions*, Durkheim (1914), diz que a “fórmula *homo duplex*” parte do princípio que a vida interior se assemelha como um duplo centro de gravidade de diferentes origens e propriedades, sendo estes divididos de um lado pela individualidade, que seria uma força interna vinda da natureza humana, e do outro lado, por algo externo que não faz parte desta natureza, mas como parte de uma sociedade, conectando-a “para dentro” de cada um. Estas duas fórmulas se negam e se contradizem mutuamente.

“Não é sem razão, portanto, que o homem se sente duplo: ele realmente é duplo. Existem nele duas classes de estados de consciência que diferem entre si na origem e na natureza, e nos fins para os quais visam. Uma classe apenas expressa nossos organismos e os objetos aos quais estão mais diretamente relacionados. Estritamente individuais, os estados de consciência dessa classe nos conectam apenas a nós mesmos, e não podemos mais separá-los de nós do que podemos nos separar de nossos corpos. A consciência dos estados da outra classe, ao contrário, vem da sociedade; eles transferem a sociedade para dentro de nós e nos conectam com algo que nos ultrapassa. Sendo coletivos, eles são impessoais; eles nos dirigem para fins que temos em comum com outros homens; é por meio deles e somente deles que podemos nos comunicar com os outros. É, portanto, bem verdade que somos constituídos por duas partes e somos como dois seres que, embora intimamente associados, são compostos por elementos muito diferentes e nos orientam em direções opostas.” (DURKHEIM, 1914, p.337)

A parte individual está ligada a questões biológicas, enquanto a social, como uma extensão da sociedade (Durkheim, 1914). A parte biológica, ou seja, individual, se dá, por exemplo, às necessidades fisiológicas, aos apetites sensoriais, às tendências egoístas, entre outras, enquanto a outra parte, a social, está ligada a atividades racionais, como a vida intelectual e principalmente a vida moral. No caso, seria por uma autoridade coletiva que são elaboradas as regras de moralidade. O conceito *homo duplex* é parte fundamental do conjunto da obra *durkheimiana*, pois ela realça a importância do controle social ao que ele entende de individualismo, da importância da religião às vontades egoístas que pode levar a sociedade ao estado de “anomia” (estado esse que se categoriza pela fraqueza dos laços grupais primários).

A partir disso, Durkheim explica que há dois níveis de “sentimentos sociais”, onde o primeiro nível seria por um conjunto de sentimentos que se conecta individualmente com outros membros da sociedade à qual pertence, não alterando sua autonomia e personalidade. No caso, estas

conexões se dão de forma interna, de forma “intrassocial”, como os sentimentos que se têm uns aos outros, como o de respeito, admiração e mesmo o medo. A influência desta primeira parte não elimina por completo a independência individual. Já o segundo nível, Durkheim a chama de “intersocial”, pois esta liga a entidade social como um todo (Durkheim, 1887), agindo de forma primária nos relacionamentos entre a sua comunidade com outras. O nacionalismo talvez fosse o maior exemplo deste segundo nível.

Em *A Mente Moralista*, Haidt faz um paralelo entre essa teoria durkheimiana com a teoria da seleção natural darwinista (2007, p.263). De acordo com o autor, estes dois níveis de sentimentos sociais podem ser explicados pela teoria da Seleção Multinível, sendo o primeiro pela seleção natural individual, e o segundo pela seleção natural de grupo. Haidt entende que, como um psicólogo que estuda a moralidade, a seleção multinível tem muito a contribuir no por que que pessoas são, ao mesmo tempo, “egoístas” e “grupistas”.

## 2.5.

### **Teoria da seleção multinível**

Até então, Haidt entende que está correta a tese de Dawkins sobre o altruísmo gerado pelo gene egoísta (Haidt 2020). Também está de acordo com a visão majoritária sobre as origens evolutivas da moralidade, que a mente moralista foi moldada pela seleção de parentes e pelo altruísmo recíproco, embora este último tenha aumentado pela fofoca e pelo gerenciamento da reputação. Também está de acordo com a tese de que os indivíduos são egoístas e que parte do comportamento moral está ligado na busca dos próprios interesses. Mas entende que apenas isso em si não seria o suficiente, pois seres humanos tendem a se *formar em grupos*. Mais especificamente, o ser egoísta, para o autor, é pelo indivíduo possuir diversos mecanismos que promovem seu auto-interesse em

detrimento aos demais indivíduos. Da mesma forma, a tendência em *formar em grupos* é pelo fato da mente humana também ter mecanismos que proporcionam habilidades de promoção dos interesses do grupo a qual pertence em oposição aos demais grupos.

O conceito básico da seleção multinível, segundo Haidt, é que a vida pode ser entendida como uma hierarquia de níveis aninhados, como: “*genes dentro de cromossomos dentro de células dentro de organismos individuais dentro de colmeias, sociedades e outros grupos*” (Haidt, 2020, p.207). Ou seja, há diversos níveis de hierarquia onde há competições. Como o trabalho de Haidt está dentro do estudo da moralidade, dentre estes níveis aninhados, o autor vê como importante ao seu trabalho apenas nos níveis dos organismos individuais e de grupos.

De forma mais específica, pode-se dizer que ocorre de forma simultânea conflitos a nível grupal e individual. Um grande exemplo, citado por Darwin em *A Origem do Homem* (1974), é que numa competição de grupos, aquela formada majoritariamente por pessoas egoístas, não haverá união, portanto, poderá ser dominada e/ou ultrapassada mais facilmente por grupos onde o número de membros corajosos, solidários e fiéis, pois serão os mais cooperativos. Já dentro desse grupo cooperativo e vitorioso, os egoístas serão os que se sairão melhor. Numa guerra, os que agirem de forma egoísta dentro de um grupo que tem o coletivo como o seu maior bem, serão aqueles que terão maiores chances de sobreviver, uma vez que poderá agir covardemente protegendo a sua vida, ao passo em que ao mesmo tempo se beneficia esforços de seus companheiros. Este seria o “parasita social”, descrito por Darwin. Portanto, este tipo de seleção refere-se a uma forma de quantificar a força da seleção que pressiona cada nível, o que significa quão forte a competição pela vida favorece os genes para traços específicos (Haidt, 2020, p. 209). Ainda que o termo “seleção multinível” não tenha surgido com Darwin, Haidt afirma que este foi seu primeiro rascunho.

Segundo Haidt, a seleção no nível de grupos começou quando as pessoas passaram a perceber que a cooperação com seus semelhantes lhe trazia benefícios, por conseguinte, estes grupos passaram a aprimorar

seus instintos e habilidades. Para explicar o processo, Haidt aborda a importância de alguns dos “prováveis passos” que Darwin tinha proposto como explicação da evolução que permitiu os seres humanos a serem bons “jogadores de equipe”. Entre eles, está o “instinto social”, que se desenvolveu quando ancestrais humanos perceberam que sozinhos seriam presas fáceis a predadores, que o sentimento positivo de proteção fez com que esses ancestrais passassem a agir intuitivamente para se formarem em grupos. A percepção de “reciprocidade” também foi um fator muito importante. Os ancestrais dos seres humanos perceberam que existe uma chance maior de ser ajudado quando precisassem caso ajudassem aos demais quando estes precisarem.

O passo do “estímulo ao desenvolvimento das virtudes sociais” está ligado ao fato das pessoas terem uma grande preocupação com sua reputação, em receber elogios e críticas de seus semelhantes. Essa grande preocupação de “imagem” é vista por Darwin como uma evolução a nível individual, pois essa também era uma forma de atrair parceiros. Há também um estímulo em tratar princípios e deveres como algo sagrado, que quanto mais fiel a pessoa for a isto, mais reconhecida ela será. Todos esses passos induzem a um caminho que leva a rejeição ao parasitismo social. (Haidt, 2020, p.208). Daí surge a solução social para este problema, no caso, como uma forma de autodefesa, este parasita sofrerá alguma consequência negativa pela comunidade. Seguindo o exemplo do parasita numa guerra que se beneficia da bravura de seus parceiros enquanto age covardemente, este passaria agora a ter grandes chances de ser castigado, de ser deixado para trás. O parasitismo passa a ser algo cada vez mais difícil de ser praticado, pois a seleção de grupo passa a ter um domínio sobre a seleção individual.

Por conseguinte, Haidt chama a atenção para a importância da teoria de seleção de grupos dentro e da seleção multinível para a psicologia moral, e é com base nela que ele irá fundamentar alguns de seus conceitos no campo. Com base em uma grande quantidade de estudos ocorridos desde a década de 1970, Haidt entende como uma das maiores provas da seleção de grupos: que as grandes transições produzem

superorganismos; que a intencionalidade compartilhada gera matrizes morais; que genes e cultura coevoluem; e que a evolução pode ocorrer de forma rápida conforme é exemplificado nos eventos históricos representados na figura abaixo:

Figura 2: O rubicão da evolução humana

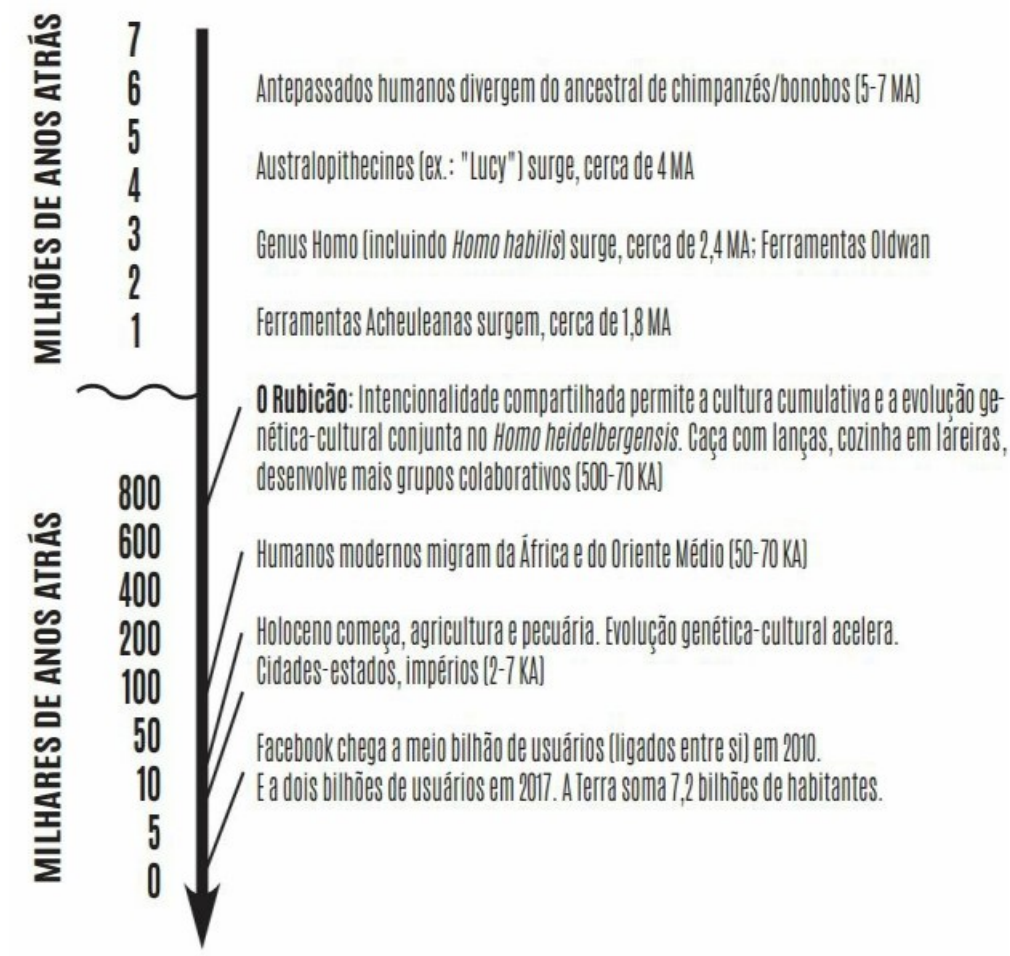


Figura 2. Fonte: Haidt, Jonathan. A mente Moralista, 2012. p. 235

Sendo assim, a posição de Haidt é de que ainda que a maior parte da seleção natural tenha sido operada no nível individual, há uma pequena influência na seleção natural na esfera de grupos. A metáfora “somos 90% chimpanzé e 10% abelha” é usada por Haidt para explicar este ponto, e da razão que somos, ao mesmo tempo, “individualistas” e “grupistas”. Os seres humanos seriam como chimpanzés, pois a mente foi

moldada em sua maior parte através da competição entre indivíduos, enquanto, em menor parte, seriam abelhas, pois foram moldadas também pela competição entre grupos.

## 2.6.

### A Hipótese do Interruptor de Colmeias

Somos 90% chimpanzés, pois a maior parte da história evolutiva humana está na seleção individual (Haidt, 2012). Conforme a imagem que traça a linha do “rubicão”, evoluímos por milhões de anos através desse nível de seleção. Ou seja, a metáfora do chimpanzé faz referência à própria natureza desta espécie, de disputas internas, entre indivíduos, pelo comando do grupo. Chimpanzés possuem a figura do “macho alfa”, que pode ser desafiado por alguém mais forte a qualquer momento. A função do chimpanzé dentro do grupo é individualista, está a todo o momento preocupado em manter a sua posição. Biologicamente, o próprio chimpanzé é a espécie mais próxima da espécie *homo sapiens*, sendo, inclusive, os chimpanzés mais próximos dos humanos que de outros primatas.

Segundo um estudo publicado no **PNAS** (*Proceedings of the National Academy Of Sciences*), chega a supor que a similaridade entre as duas espécies chega a ser acima dos 99%, sugerindo, inclusive, que os chimpanzés fossem introduzidos na espécie “*homo*” (Sierpowska; Bryant; Janssen; *et al.* 2022). Independentemente deste estudo, a posição de que chimpanzés e humanos são extremamente próximos biologicamente é praticamente unânime entre os cientistas da área, o que seria completamente plausível a dedução de que tanto humanos quanto chimpanzés co-evoluíram de um mesmo ancestral bem próximo. Portanto, a metáfora de que somos 90% chimpanzés não seria absurdo algum, cientificamente falando. Porém, também são notórias diferenças comportamentais que possuímos com a dos chimpanzés. Daí que surge a

explicação da evolução de grupos descrita por Haidt, pois ainda que tenha ocorrido em um brevíssimo espaço de tempo em comparação com a evolução individual, esse tipo de evolução contribuiu para que seguissemos a um caminho distinto dos chimpanzés.

A metáfora “10% abelhas”, como o nome já evidencia, parte do princípio de que também possuímos comportamentos comparáveis com os dessa espécie. A vida da abelha só faz sentido dentro da colmeia. Individualmente, a vida de uma abelha é praticamente insignificante, seja para a própria abelha, para o grupo, como também para a própria natureza. A própria produção de mel da abelha a nível individual acaba sendo irrisória. Ao contrário dos chimpanzés, que estão sempre brigando entre si pelo poder, as abelhas agem todas em serviço da sua indiscutível líder: a abelha-rainha. E quando a rainha morre, toda a colmeia fica desordenada, levando algum tempo até conseguirem se organizar e possuírem uma nova rainha.

A hipótese do *Interruptor de Colmeia* de Haidt parte do princípio que, apesar dos seres humanos agirem na maior parte do tempo como chimpanzés, há momentos em que transcendemos dessa espécie para se tornarmos abelhas, colocando os interesses do grupo acima dos individuais. Ou seja, quando acionamos este “interruptor”, “transcendemos o interesse próprio e nos perdemos em algo maior do que nós mesmos” (Haidt, 2020). E essa hipótese, segundo o autor, seria uma forma alternativa do *Homo Duplex* descrito por Durkheim.

A transcendência à colmeia faz com que as pessoas possuam uma grande sensação de euforia, como se tivesse atingido o maior nível da sua existência. Haidt se impressiona por como Durkheim, mesmo não tendo conhecimento da teoria da seleção multinível e das grandes transições, elaborou de forma proficiente uma teoria tão próxima a esta dentro da sociologia. Os *atos sociais* de Durkheim, que é uma explicação de fatos a níveis de grupos, acima dos indivíduos, se encaixam muito bem com estas explicações descritas pela psicologia e biologia.

“Achei sensacional que Durkheim tenha invocado a lógica da seleção multinível, propondo que um segundo conjunto de sentimentos sociais existissem para ajudar a grupos (que são coisas reais) com seus relacionamentos "intersociais". Este segundo nível de sentimentos aperta o botão de colmeia, desliga o eu, ativa a camada gregária, e permite que a pessoa se torne "simplesmente parte de um todo".” (HAIDT, 2020, p.242)

Para Durkheim (1914), “o ato de congregar é um estimulante excepcionalmente poderoso”, em que a união entre indivíduos se cria, através da proximidade, um tipo de “eletricidade” que eleva este indivíduo em um nível extraordinário de êxtase. Este seria o mais importante destes sentimentos sociais, e também é descrito por “efervescência coletiva”.

“Durkheim acreditava que essas emoções coletivas empurravam as pessoas totalmente, mas temporariamente, no ápice dos dois reinos, o lugar sagrado, onde o eu desaparece e o interesse coletivo predomina. O reino do profano, em comparação, seria o dia-a-dia do mundo em que vivemos a maior parte de nossas vidas, preocupados com a saúde, a riqueza, a reputação, mas aborrecidos pela sensação de que exista, em algum lugar, algo mais importante e nobre.” (HAIDT, 2020, p.242)

No caso, essa constante transição entre “chimpanzés” e “abelhas”, para Durkheim, foi a que criaram a concepção humana de "deuses", "espíritos" etc. Estes seriam fatos sociais que não poderiam ser compreendidos a nível individual por psicólogos, como tampouco por formas entomologistas de análise de insetos a nível individual.

De encontro com esta tese, Haidt cita a hipótese “conexão muscular”, ou “mover-se juntos” do historiador William McNeil. Essa hipótese é levantada a partir de sua experiência no exército americano, onde se percebeu que a marcha e os atos sincronizados com o grupo em si criam

uma “alteração de consciência”, uma sensação de bem estar e de engrandecimento pessoal. Sendo assim, a “conexão muscular” teria sido um mecanismo da evolução humana que permite se desligar de si para transcender, de forma temporária, a um “superorganismo”. Seria por conta deste processo que o modesto exército de Alexandre, o Grande, teria conseguido vencer exércitos maiores.

Outro estudo importante que Haidt cita é a conhecida obra *Dançando nas Ruas: Uma história do êxtase coletivo* de Barbara Ehrenreich, que converge com a hipótese da conexão muscular. No caso da tese da Ehrenreich, esta conexão muscular; exemplificada em rituais de danças observáveis em rituais de passagens em diversas tribos pelo mundo, ou mesmo em festas “ocidentais” como o carnaval; promove união, amor, igualdade e a confiança entre àqueles que lá estão. A conexão muscular seria uma forma de acionar o interruptor de colmeia. Na verdade, há muitas formas de acionar este interruptor e acender a efervescência coletiva, segundo Haidt. Porém, há três formas interessantes que o autor salienta: admiração pela natureza; drogas alucinógenas; festas raves.

Em relação à admiração pela natureza, ela faz com que as pessoas transcendam da mesquinhez e dos problemas particulares para fazer parte do “todo o que está em volta”, e assim trazer uma sensação de bem estar. Por mais banal que pareça ser essa explicação, há fundamentos psicológicos que explicam este fato. Da mesma forma, o consumo de drogas alucinógenas também seria uma forma de ativar o interruptor, porém de forma “artificial”. Haidt cita um experimento ocorrido antes da legalização das drogas no mundo ocidental que corrobora com essa hipótese. As festas em si trazem o sentimento de pertencimento, sobretudo as festas de rock. Porém, as festas raves conseguiram elevar ainda mais este sentimento. O uso da tecnologia na produção de efeitos sonoros e visuais potencializados acabou por também potencializar a efervescência coletiva.

O interruptor de colmeias também pode ser explicado biologicamente por algumas das recentes descobertas sobre a ocitocina, que é um hormônio e neurotransmissor produzido pelo hipotálamo, e que também é

conhecido como “o hormônio do amor”; também pelas descobertas relacionadas ao neurônio-espelho, que seria uma célula nervosa que espelha o comportamento de outro indivíduo passando a sensação de com se fosse o próprio. Sobre a ocitocina, as novas descobertas citadas por Haidt apontam que este “hormônio do amor” só funciona para as pessoas do grupo qual faz parte, a serem “altruístas paroquiais”. Então, foi-se concluído que estas descobertas “mostraram evidências da ideia de que os mecanismos neurobiológicos em geral, sistemas óxido sinérgicos especialmente, evoluíram para sustentar e facilitar a coordenação e a cooperação dentro dos grupos” (Haidt, 2020, p.250).

Já as descobertas relacionadas aos neurônios-espelho sugerem que esta contribui para o sentimento de empatia, mas na medida em que a outra pessoa compartilha algumas semelhanças. Isso pode explicar a maior preocupação que possuímos quando algum desastre ocorre perto de nós, e não se importar da mesma forma quando o desastre ocorre em local distante. O simples fato de este desastre estar próximo faz com que “espalhemos” a dor desse outro com maior facilidade. Quanto mais distante ocorre um desastre, menos sensíveis ficamos. No mais, a ideia de possamos amar toda a humanidade não seria possível, pelo menos para Haidt, pois infelizmente o nosso coletivismo foi evoluído apenas a nível de grupos, não de espécie.

“Seria bom acreditar que nós, seres humanos, tenhamos sido desenhados para amar a todos incondicionalmente. Tudo bem, mas isso é bastante improvável a partir de uma perspectiva evolutiva. O amor paroquial – o amor dentro de grupos – ampliado pela semelhança, pela sensação de destino compartilhado e pela supressão dos desagregados pode ser o máximo a que podemos chegar.” (HAIDT, 2020, p.262).

## 2.7.

### Processos automáticos e o modelo social-Intuicionista

O modelo social-intuicionista é uma teoria de Haidt que coloca a intuição como a principal fonte de ação da psicologia moral, enquanto a razão seria apenas a sua coadjuvante, a que lá estaria, quando necessário, para lhe auxiliar. De forma mais clara, é a intuição que primeiro fundamenta nossos juízos morais, de forma rápida e automática, sem se importar com as evidências. A razão surge depois, como forma de embasar esse julgamento, seja para o autoconvencimento, seja para a busca da melhor forma para influenciar as outras pessoas.

Para exemplificar de forma mais didática, autor criou a metáfora do “elefante” e do seu “ginete”, onde o elefante estaria relacionado aos processos psicológicos automáticos, que se incluem as emoções e intuições; enquanto o ginete representaria o processamento controlado, ou seja, a razão. A função do processo automático é o de obter respostas rápidas sem a realização de foco atencional e grandes esforços, é um processo que é comum em outros animais, sobretudo os mamíferos, como forma de obter uma maior eficiência nas ações independentemente de uma avaliação lógica.

“Processos automáticos gerenciam a mente humana, da mesma forma que gerenciam as mentes animais nos últimos 500 milhões de anos, logo, são eficientes no que fazem, assim como um software que tenha sido melhorado através de milhares de atualizações. Quando os seres humanos desenvolveram suas capacidades de raciocínio e linguagem em algum ponto dos últimos milhões de anos, o cérebro não reconstruiu a si mesmo para dar conta das rédeas de um novo e inexperiente ginete. Na verdade, o ginete (o raciocínio linguístico) evoluiu porque era de alguma utilidade ao elefante.”  
(Haidt, 2013, p. 55)

Este modelo desenvolvido por Haidt está ligado à teoria da evolução, pois assim como os demais animais que vivem dos instintos para a sua sobrevivência, os seres humanos também herdaram essas centenas de milhões de anos de evolução onde o instinto – que é um processo automático assim como a intuição – representa algo muito maior que a racionalidade, que é algo muito recente em todo o processo evolutivo humano.

Para formular a tese de que a mente humana age primeiramente por intuição na hora de realizar julgamentos morais, Haidt revisou diversos trabalhos da área de pesquisa experimental, como a tese dos psicólogos Wilhelm Wundt e Robert Zajonc sobre a forma como o cérebro age de maneira instantânea e constante, e os trabalhos de Todorov sobre como julgamentos políticos e sociais precisam de flashes intuitivos rápidos, entre outros. Esses trabalhos exemplificam a importância da forma intuitiva que o cérebro age do ponto de vista evolutivo, mas que seu protagonismo nos processos psicológicos às vezes pode causar problemas nos dias atuais.

Embora o "elefante" seja o protagonista na maior parte da ação da psicologia moral, o autor nega que ele seja irracional e imutável. É possível moldar e convencer o elefante quando um argumento chega ao seu interlocutor de forma amigável, com uma bandeira branca, ou mesmo carregado de apelo emocional. Nesses casos específicos, há uma tendência de abertura da guarda do elefante, que acaba por fazer o argumento do interlocutor ser mais bem avaliado. Da mesma forma, há um segundo cenário em que os elefantes tendem a se fechar quando os argumentos chegam de forma agressiva e de ataque. Nesses casos, fica muito difícil que o elefante se convença, por mais embasados que esses argumentos sejam, pois o elefante ativará o seu modo defensivo e irá rejeitar e desprezar qualquer argumento do seu interlocutor, enquanto colocará o seu ginete (razão) para trabalhar em seu favor. Aqui há outro ponto muito importante para entender a polarização ideológica, pois é justamente o que ocorre neste segundo cenário.

Embora os processos automáticos tenham sido incontestavelmente úteis do ponto de vista evolutivo para os ancestrais humanos, hoje esses processos automáticos podem acarretar preconceitos e injustiças, pois a criação de estereótipos para um determinado grupo ou indivíduo também é um processo automático, conforme a explicação de Steven Pinker já abordada. Ele destaca a eficiência do cérebro em criar atalhos para um funcionamento mais ágil, que acaba sendo muito útil para questões concretas, mas que acaba sendo um grande problema quando esse processo passa por questões abstratas. Enfim, há inúmeros exemplos de como os processos automáticos podem acarretar problemas sociais, incluindo outro tipo de processo automático intuitivo muito comum e poderoso que ocorre principalmente dentro de grupos, sobretudo quando estão em competição um com o outro: o comportamento de manada.

Haidt não chegou a abordar esse tema de forma direta em sua obra *A Mente Moralista*, mas é plausível acreditar que, até determinado ponto, o seu modelo social-intuicionista pode ajudar a explicar um pouco deste fenômeno. Primeiramente, o comportamento de manada, como o próprio nome diz, remete a um instinto típico de determinados animais que andam em grupo. Este tipo de comportamento em seres humanos é descrito quando indivíduos seguem sem pensar o comportamento da multidão que está inserido, mesmo se este comportamento seja completamente diferente do qual este indivíduo agiria por conta própria sem a influência do grupo inserido. Há inúmeros estudos, tanto por parte da zoologia quanto por parte da psicologia social que busca explicar este comportamento, como por exemplo, a *teoria do rebanho egoísta* do biólogo William Donald Hamilton, descrito em seu artigo *Geometria para o rebanho egoísta* de 1971.

Os principais estudos nessa área, incluindo o de Hamilton, apontam que o comportamento de manada é um instinto de buscar favorecimento individual seguindo um grupo ou aquele que o indivíduo reconhece como alguém bem-sucedido dentro do grupo, podendo ser este o líder. Na teoria de Hamilton, os indivíduos do rebanho buscam imitar seus vizinhos que estão mais ao centro do grupo, pois são estes que estão mais

protegidos dos predadores e os que mais se salvam, enquanto os que estão na periferia do grupo são as presas mais fáceis. Nesse caso, a tese do rebanho egoísta traz apenas a ideia de interesse unicamente do indivíduo, de se aproveitar do coletivo para interesses próprios, preferindo que outros morram em seu lugar.

Conforme a explicação de Haidt sobre a preponderância da intuição sobre a razão, faz todo sentido propor que o comportamento de manada está relacionado com seu modelo social-intuicionista. Nesse caso, agimos primeiramente por intuição, reconhecendo automaticamente a autoridade daquele que está no centro do grupo ao qual estamos inseridos. Usando como exemplo um grupo de militância política, se o líder desse grupo agir de uma forma determinada, aqueles que estariam mais próximos (militantes) iriam imitá-lo. Consequentemente, aqueles que acreditam estar mais distantes, mas que ainda estão na órbita do grupo (simpatizantes), passariam a imitar esses que estão mais próximos. E assim como o método social-intuicionista, a razão apenas virá para justificar essas ações derivadas do comportamento de manada.

Porém, ao tratar de um grupo como o de militância política, ou de qualquer outro grupo em que os indivíduos compartilham os mesmos princípios e acreditam estar sob ameaça, entra outro fator nessa equação que entendo potencializar ainda mais o comportamento de manada: o interruptor de colmeia descrito por Haidt. Esse interruptor transcende o indivíduo, que apenas age pelo seu próprio interesse no grupo, para agir em defesa de tudo o que o grupo, ou melhor, daqueles que estão no centro do grupo, diz. Nesse caso, a razão, ou melhor, o ginetete, é acionado para justificar suas ações realizadas sob o comportamento de manada. Essa equação do modelo social-intuicionista + comportamento de rebanho + interruptor de colmeias não foi correlacionada de forma clara em A Mente Moralista.

## 2.8.

### Comportamento de Rebanho + Interruptor de Colmeias

Há uma grande literatura científica sobre o fenômeno que estamos a tratar por esta equação que aqui foi correlacionada, porém, acredito que a que melhor pode explicar esta equação é a da teoria das multidões do antropólogo e psicólogo Gustave Le Bon, que é, inclusive, o trabalho que iniciou a psicologia das multidões, qual posteriormente Freud (1921) desenvolveu em sua tese sobre a psicologia das massas. Na obra *Psicologia das Multidões*, de forma generalizada, Le Bon descreve basicamente do que constitui uma multidão pelo ponto de vista psicológico, como ela age e suas diferenças com o indivíduo. A multidão descrita por Le Bon é a multidão organizada para determinado fim, não apenas um aglomerado de indivíduos em um determinado lugar (Le Bon, 1895, p.10). Em uma multidão organizada, é o inconsciente que prepondera, as ações movidas pelos sentimentos entram quase que completamente, enquanto a inteligência de cada indivíduo é quase que apagada. Ou seja, mesmo que nesta multidão possua uma série de pessoas de alto nível de inteligência, as inteligências não serão somadas no grupo, mas justamente o contrário, elas serão subtraídas. Isso por que, na multidão, as aptidões intelectuais dos indivíduos são minimizadas pelas qualidades inconscientes, fazendo com que toda a heterogeneidade desapareça para o domínio da uniformidade, do homogêneo (Le Bon, 1895), ou seja, apenas aquilo que é ponto pacífico e os sentimentos comuns compartilhados que se sobrepõem.

“A qualidade mental dos indivíduos que constituem a multidão em nada contradiz este princípio. Com efeito, essa qualidade não tem qualquer importância neste caso. A partir do momento em que se integram numa multidão, tanto o ignorante como o sábio ficam igualmente incapazes de ter qualquer poder de observação.” (Le Bon, 1895, p.20)

A forma limitada de inteligência da multidão permite que as informações sejam absorvidas pelo grupo apenas por simbolismos, por associações simples, e esta passa a ser a forma oficial de comunicação interna da multidão. Podemos citar aqui, como exemplo, as palavras de ordem que é muito comum em militância política e em protestos. Então, os discursos nas multidões são carregados de sentimentos e de impulsos exagerados, eles devem fazer sentido aos princípios que regem esta multidão. A criação de lendas e o enaltecimento de virtudes seriam algumas das maneiras mais eficientes para a reprodução e circulação do discurso. A “mente da multidão” consequentemente deturpa a própria realidade sem que ninguém do grupo perceba, enquanto ao olho individual, a incoerência dessas informações passa ser mais perceptíveis.

O autor elenca três das principais causas que determinam estas características diferenciadas das características individuais, sendo a primeira delas: *O sentimento de invencibilidade*, de que se pode fazer o que quiser sem sofrer represálias por conta do anonimato. Cada indivíduo dentro do grupo se liberta de si, pois deixa de ter a pressão social ao indivíduo, àquilo que desencoraja a pessoa de realizar enquanto indivíduo. Podemos citar, por exemplo, casos de vandalismos que ocorrem em manifestações. Estes vandalismos só ocorrem pelo sentimento de impunidade e de invencibilidade que Le Bon descreve, pois o indivíduo que pertence a este grupo não teria a coragem de realizá-lo sozinho. Portanto, o anonimato tira a responsabilidade individual, dando um poder de irresponsabilidade ao grupo.

A segunda é o *contágio mental*, que é resumidamente o comportamento de manada somado ao interruptor de colmeia que aqui descrevemos. Dentro das multidões, os indivíduos acabam cedendo uma grande influência hipnótica, são contagiados pelos discursos emotivos e pelo medo da ameaça do suposto inimigo. Já a terceira é o poder de sugestão, que na psicologia, nada mais é que o poder de decisão que um indivíduo passa a ter sobre as demais. No caso, graças ao contágio mental, aqueles que tomarem a liderança do grupo – que no caso, aqueles que

melhor discursarem na linguagem das multidões – terão este poder. Por fim, por conta destas características descritas, os indivíduos acabam se tornando mais violentos, autoritários, intolerantes e incapazes de dialogar.

“Só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escala da civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos e a eles se assemelha ainda pela facilidade com que se deixa impressionar pelas palavras e pelas imagens e se deixa arrastar a atos contrários aos seus interesses mais elementares. O indivíduo em multidão é um grão de areia no meio de outros grãos que o vento arrasta a seu bel-prazer.” (Le Bon, 1895, p.15)

E ainda, segundo o autor, a multidão, por conta do seu entusiasmo, da possibilidade do indivíduo em sacrificar os seus interesses pessoais em nome do interesse de grupo, pode trazer atos bons ou ruins, dependendo das circunstâncias. Ela pode trazer o heroísmo de fato, um engajamento a uma pauta justa, a emancipação de um povo subjugado a outro, mas também pode trazer a violência e o autoritarismo. Alias, para o autor, o autoritarismo é uma característica que há em todas as multidões, porém o seu grau depende das particularidades das motivações de cada grupo.

“Como não tem qualquer dúvida sobre o que julga ser uma verdade ou um erro e possui, por outro lado, a noção clara da sua força, a multidão é tão autoritária quanto intolerante. O indivíduo é capaz de aceitar a contradição e a discussão; a multidão nunca as tolera. Em reuniões públicas, a mais leve contradição por parte de um orador é imediatamente recebida com gritos de fúria e violentas invectivas, logo passadas a vias de fato

e até de expulsão se o orador tiver a imprudência de insistir. Sem a presença inquietante dos agentes da autoridade, o contraditor acabaria muitas vezes por ser linchado.” (Le Bon, 1895, p.26)

Ainda que haja uma cegueira generalizada entre os membros da multidão, o autor deixa claro que há casos onde alguns dos membros que possuem uma personalidade mais forte, conseguem se desligar por um período do *contágio mental*, conseguindo evitar que o grupo tome um caminho mais drástico, ou mesmo em determinados grupos onde o estágio do *contágio mental* não está tão apurado. E neste caso, a teoria do interruptor de colmeia trazido por Haidt passa a trazer mais sentido nestes fenômenos, pois transitamos entre a esfera individualista e coletivista. Assim como também o seu modelo social-intuicionista, que evidencia a prevalência da intuição sobre a razão, ainda que esta ainda tenha a sua importância. Acredito que este modelo de Haidt complementa a teoria das multidões de Le Bon, pois há umas respostas que o autor não exemplificou com os mesmos detalhes que Haidt sobre a função da razão, que é de servir a intuição. Da mesma forma, a teoria das multidões traz o aprofundamento na explicação deste caso na esfera coletiva.

## 2.9.

### Considerações do capítulo 2

Com base em tudo que até agora foi analisado, poderíamos considerar que a escolha entre individualismo e coletivismo, que se iniciou neste capítulo, acaba por não fazer tanto sentido. Podemos considerar que a tendência de formação de grupos passa, *a priori*, por questões inatistas humanas, o que desconstroi a ideia de que "tudo é construção social". Desconsiderar as tendências inatas do comportamento humano não implica em um determinismo biológico absoluto, mas em um

entendimento de que há influências múltiplas em jogo, ou seja, em um meio termo. Ademais, considerar o ser humano como uma tábula rasa já rompe a hierarquia das ciências proposta por Comte, pois a biologia é a ciência responsável por descrever a natureza humana, não as ciências sociais.

Embora a seleção de indivíduos e de seus genes tenham sido a principal força condutora da evolução humana, é importante destacar que a seleção a nível de grupos também teve um papel significativo na história da humanidade. Ao contrário dos chimpanzés, que passaram por uma seleção principalmente individual, os seres humanos experimentaram uma seleção multinível, onde os grupos também foram condicionantes do resultado da seleção individual.

Apesar de ter sido por um período menor de tempo, a seleção de grupos moldou a evolução humana, levando os seres humanos a se tornarem *homo duplex*, isto é, com 90% de individualismo e 10% de "grupismo". Essa dualidade permite aos humanos transitar entre as esferas individual e coletiva. Quando ocorre a transição para o estado "grupista", surge uma forte sensação de pertencimento e euforia, levando as pessoas a se sentirem bem ao fazer parte de um grupo e a amar seus companheiros, podendo até mesmo dar suas próprias vidas para salvar as dos demais membros do grupo.

Este fenômeno também ajuda a explicar o suicídio altruísta descrito por Durkheim em sua obra "O Suicídio" (1987). Em resumo, é por todos esses motivos que se pode considerar que há uma tendência natural das pessoas a se formarem em grupos, principalmente em grupos político-ideológicos, que serão analisados no próximo capítulo.

Além da tendência natural dos seres humanos em se formarem em grupos, a tendência de conflitos que existe na esfera individual também existe na esfera de grupos. A emancipação da esfera individual para a esfera coletiva, qual também pode ser explicada pela teoria *Homo Duplex* de Durkheim, pelo interruptor de colmeias de Haidt e pela teoria das multidões de Gustave Le Bon, faz com que o indivíduo mude de

característica, conforme diz Haidt: “transcendemos o interesse próprio e nos perdemos em algo maior do que nós mesmos”, ou mesmo Le Bon: “Na alma coletiva desaparecem as aptidões intelectuais dos homens e, por consequência, as suas individualidades. O homogêneo absorve o heterogêneo e as qualidades inconscientes passam a dominar”. Neste caso, o que mais tem importância é a preservação do grupo, é o de buscar todos os meios possíveis para eliminar o inimigo e impor aquilo que é mais sagrado: tudo aquilo que une o grupo, sejam os mitos, a língua, as crenças, as suas verdades etc.

Conforme as descobertas neurocientíficas sobre a ocitocina e neurônios-espelho, a empatia tem mais efetividade quando se encontram fatores em comum, fatores que permitem uma conexão. Por conta disso, tragédias que ocorrem em uma maior proximidade geográfica, ou com pessoas que possuem algum tipo de conexão, são as que mais chamam a atenção. Tragédias ocorridas em locais tão distantes por pessoas com uma cultura tão diferente não causam o mesmo impacto. Então, há uma tendência em valorizar humanamente mais aqueles que estão próximos, ao passo que os que estão distantes passam a não ter tanta importância. Isso converge com a tese do gene egoísta de Dawkins sobre o altruísmo paroquial, pois a generosidade que há entre parentes se dá por conta destes carregam genes semelhantes, e que como o maior objetivo é a replicação dos genes, os parentes são aqueles que irão ajudar a replicar os seus genes, principalmente os filhos. Isso fez com que seres humanos passassem a se importar gradativamente com aqueles que estão mais próximos, pois quanto mais próxima a pessoa for, quanto mais coisas em comum, maior será a probabilidade de essa pessoa compartilhar genes, enquanto quanto mais distantes, menor será, logo, não terá o mesmo valor.

A forma de valorizar e desvalorizar humanamente desta forma gradativa é o que normalmente ocorre em conflitos ideológicos, pois os seus passam a ser extremamente humanizados, muitas vezes como se fossem parentes, enquanto seus oponentes são facilmente desumanizados. A consequência disso é que acabam se criando estereótipos distorcidos do outro grupo da forma mais negativa possível, que irá acarretar em

discriminação, e conseqüentemente se fechará para discussões, rejeitando de quaisquer argumentos contrários ao do seu grupo, por mais bem construídos que sejam. Quando se fecha para o debate, o único parâmetro de certo e errado passa a ser aquele criado pelo seu grupo, que conseqüentemente o conceito de justiça passa a ficar distorcido. E como esse conceito passa a ficar distorcido, somado ao sentimento de invencibilidade, o caminho em direção à violência acaba por ficar mais curto, pois numa situação onde um grupo que possui o sentimento de invencibilidade, que acredita estar do lado certo da história e que enxerga o seu oponente da forma mais desumanizada possível, a violência contra estas pessoas passam a se justificar. A destruição do inimigo passa a se tornar um dever para todos do grupo, e que quem praticar esses atos poderá ser visto como um herói reconhecido dentro do grupo. Esse sentimento tribalista que os seres humanos adquiriram durante sua evolução pode acontecer de forma mais agravante nos conflitos ideológicos.

É possível usar como um exemplo mais extremo disso o genocídio ocorrido contra os judeus pelos nazistas, pois primeiro desumanizaram-nos, tratando-os como insetos, para depois realizar o extermínio como se estivessem “dedetizando” a Alemanha de uma infestação. A propaganda nazista sempre buscou associar os judeus da forma mais desumana possível. Isso ocorreu de forma gradativa até chegar ao genocídio. O mesmo ocorreu na antiga União Soviética, sobretudo no período de Stalin, contra todos aqueles considerados como inimigos da revolução. Na história da humanidade, o que não falta são casos desse tipo na política, em maior ou menor grau.

Por conta disso, entendo ser de grande importância compreender e trazer ao debate estas questões intrínsecas humanas que nos levam a se dividir em grupos e entrar em conflitos. Isto não só contribuirá para um melhor diagnóstico de casos onde isso ocorre, sobretudo em conflitos políticos, como a polarização ocorrida durante as eleições de 2018, que é o que este trabalho se propõe. Também para termos uma maior avaliação dos nossos posicionamentos e ações, para se de fato o que nós defendemos

é por uma avaliação racional, ou apenas uma reprodução daquilo que o grupo qual estamos inseridos diz. A segunda opção vejo como uma hipótese de parte dos conflitos ideológicos entre direita e esquerda no Brasil neste final dos anos 2010.

## 3

## Causas específicas: os conflitos ideológicos

Analisar sobre as causas gerais humanas que levam as pessoas a se dividirem em grupos e entrarem em conflitos é uma etapa importante para compreender uma parte das causas da polarização política, mas há fatores mais específicos para analisar estes conflitos: as diferenças de princípios das ideologias políticas em conflito. Pelo menos no ocidente, a divisão política é muito usada através de um espectro político, mais especificamente entre direita e esquerda. Tanto a polarização que ocorre nos EUA quanto a polarização que ocorre no Brasil com a chegada de Jair Bolsonaro no poder é usada nesta distinção. A princípio, parece ser algo imutável, que direita e esquerda são dois opostos existentes em todos os lugares do mundo. Posto isso, o próximo passo é buscar compreender o que de fato é essa divisão de espectro e o que há de objetivo na distinção destas ideologias. Assim, será possível compreender as especificidades que levam grupos considerados de direita a entrarem em conflitos com grupos considerados de esquerda. Com o segundo capítulo entendemos que há a tendência humana em entrar em conflitos entre grupos, neste capítulo, analisaremos as causas que levam estes dois grupos ideológicos específicos a entrarem em conflitos.

Desde que a dicotomia entre “direita” e “esquerda” surgiu na revolução francesa para distinguir jacobinos e girondinos, esta passou a ser praticamente a regra de distinção das correntes ideológicas na maior parte do mundo. Mas afinal, estes conceitos são suficientes para descrever e diferenciar objetivamente as ideologias antagônicas existentes na política? Se sim, quais seriam as diferenças? Se não, é possível a partir dele extrair algum elemento de distinção em comum?

Há muitas tentativas de categorização destes termos ao longo do século XX, e até hoje ainda acontece esse debate. Muitos países fazem uso deste espectro, porém não o fazem de forma uniforme. Podemos utilizar o exemplo do que é considerado “esquerda” nos EUA, que é representado pelo Partido Democrata. No Brasil, onde o conceito de esquerda está mais ligado às ideologias que flertam com o socialismo, o Partido Democrata americano é visto no mínimo como centro, normalmente é até visto como uma centro-direita. Uma das formas mais convencionais de diferenciar estes dois lados é por uma forma unidimensional, como uma régua que se inicia na extrema esquerda e tem seu fim na extrema direita. Durante este percurso, são colocadas gradativamente outras correntes de pensamento, tendo ao centro uma posição qual pode considerar como a conciliadora das duas principais vertentes, convergindo metade com as pautas consideradas de direita e com a outra metade as pautas de esquerda. Há ainda no centro aqueles que estão mais inclinados à direita, que seriam considerados como a centro-direita, ou aqueles que se inclinam mais à esquerda, que seria a centro-esquerda.

---

Extrema-Direita   Direita   Centro-Direita   Centro   Centro-Esquerda   Esquerda   Extrema-Esquerda

Porém, o maior problema desse espectro ideológico unidimensional é que pode ser usado por diversas perspectivas conflitantes. Um grande exemplo, é o uso desse espectro a partir do tamanho do Estado, onde na extrema esquerda, por ter o Estado máximo, seria representada pelo socialismo ou comunismo; enquanto na extrema direita estaria o liberalismo por conta do Estado mínimo, ou mesmo anarcocapitalismo – que seria o anarquismo de direita – por conta da ausência total do Estado. Essa forma de uso do espectro não converge, por exemplo, caso se substitua o critério do tamanho do Estado pelo critério: reacionário *versus* revolucionário. Neste critério, o liberalismo ficaria ao centro, enquanto os conservadores ficariam mais à direita. Do lado da esquerda, possivelmente, entraria o anarco-comunismo – que seria o anarquismo de

esquerda. Além desses dois, ainda há inúmeros outros critérios, como a do nível de hierarquia, mas todas essas acabam criando problemas parecidos como os aqui citados. Para resolver este problema, foi-se pensado em adicionar outra dimensão, para além de uma linha reta. As formas mais conhecidas de um espectro bidimensional são o *diagrama de Nolan* e a *teoria da fechadura*.

O **Diagrama de Nolan** foi criado por David Nolan em 1969 como forma de apresentar uma distinção mais eficiente das ideologias políticas. A principal motivação era justamente seu descontentamento com o espectro tradicional, ainda mais por conta de ser um libertário (um liberal que defende a liberdade de forma mais extensa, tanto na economia quanto nos costumes), acabava por não ter a sua ideologia bem localizada no espectro, pois dependendo do parâmetro, o *libertarianismo* acabava indo tanto para direita, quanto para esquerda ou mesmo para o centro. Em vista disso, ele adicionou sobre a linha horizontal do espectro tradicional uma linha vertical, produzindo um plano cartesiano, para diferenciar os que estão mais favoráveis à liberdade dos que estão mais favoráveis do seu oposto. Na linha vertical, há a divisão clássica entre direita e esquerda, representada pelos conservadores e progressistas. Na linha horizontal, entre a dicotomia entre liberalismo (clássico) e totalitarismo ou estatismo.

Figura 3: O Diagrama de Nolan



Figura 3: ARPABONE. English: Nolan chart in SpanishEspañol: Diagrama de Nolan. Wikimedia Commons. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Diagrama\\_de\\_nolan.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Diagrama_de_nolan.png)>

Um fato interessante, a dicotomia entre liberalismo e totalitarismo foi trazida por F. A. Hayek em *O Caminho da Servidão* (1944), como uma forma de explicar as diferenças do liberalismo para com a democracia; e do autoritarismo com totalitarismo, que eram conceitos muito confundidos. No caso, o totalitarismo seria o oposto de liberalismo, enquanto o oposto de autoritarismo seria a democracia. O autoritarismo se limita apenas aos poderes políticos, pela tomada de decisões políticas de forma monocrática, sem qualquer respaldo da população; enquanto no totalitarismo, o poder do ditador ou do partido é total, pois além de ter todo o poder político, este tem o controle da economia, que na prática, é o mesmo que ter o controle de toda a sociedade, uma vez que a economia está presente na maioria das ações humanas. Por isso, para Hayek, o socialismo seria o mesmo que totalitarismo, enquanto o liberalismo seria o

seu extremo oposto. David Nolan, muito provavelmente, partiu por essa perspectiva.

“Os vários gêneros de coletivismo - comunismo, fascismo, etc. - diferem entre si quanto ao fim para o qual pretendem dirigir os esforços da sociedade. Todos eles, porém, se distinguem do liberalismo e do individualismo por pretenderem organizar a sociedade inteira e todos os seus recursos visando a essa finalidade única e por se negarem a reconhecer esferas autônomas em que os objetivos individuais são soberanos. Em suma, são totalitários na verdadeira acepção deste novo termo que adotamos para designar as manifestações inesperadas e no entanto inseparáveis do que em teoria chamamos coletivismo.” (Hayek, 1944, p.82)

O diagrama de Nolan trouxe uma maior sofisticação no espectro, trouxe pontos de convergência e distinção entre as ideologias, como por exemplo, o fato dos conservadores e liberais terem em comum a defesa da liberdade econômica, enquanto os mesmos liberais compartilham do mesmo anseio de liberdade individual dos progressistas. O foco desse diagrama pode-se considerar o próprio liberalismo, até por conta da motivação do seu criador.

Outro espectro, que podemos considerar bidimensional, muito conhecido, é a chamada **teoria da ferradura**, que foi discutida na obra "*Le Siècle des idéologies* (2002) do filósofo francês Jean-Pierre Faye. Esse tipo de espectro faz uso do formato da ferradura para descrever a tradicional linha horizontal que separa a direita da esquerda, porém considerando a curvatura da ferradura como forma de demonstrar a proximidade entre os extremos, ou seja, a extrema esquerda e a extrema direita. A diferença dessa teoria para o diagrama de Nolan está no fato de que este diagrama usa duas dimensões matematicamente equivalentes, que no caso seria

um sistema de coordenadas no plano cartesiano, enquanto a teoria da ferradura adicionar apenas uma curvatura no tradicional espectro.

Figura 4: A Teoria da Ferradura

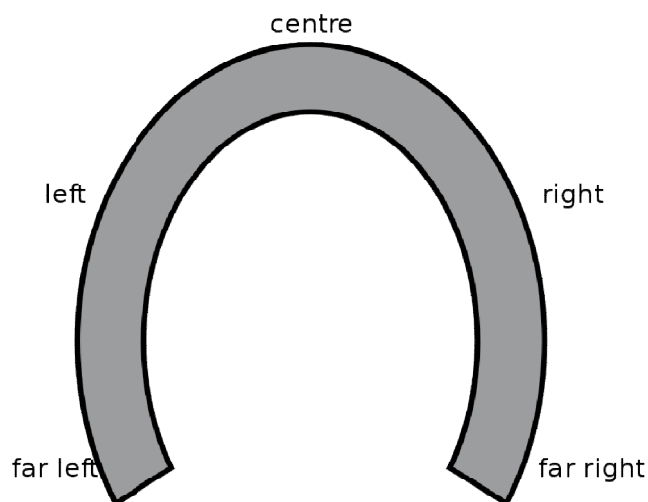


Figura 4: SCHUHPUPPE, **English: Illustration of the Horseshoe theory, with political extremes mirroring one another.** Wikimedia Commons. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Political\\_spectrum\\_horseshoe\\_model.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Political_spectrum_horseshoe_model.svg)>.

A teoria da ferradura parte do princípio de que, ainda que por motivos distintos, tanto a esquerda radical quanto a direita radical compartilham semelhanças em muitos aspectos, sobretudo nos métodos utilizados para atingirem os fins que almejam. Ainda que essa teoria seja atribuída a Faye (Encel; Thual, 2004), o conceito de que os extremos ideológicos se aproximam, que é exemplificado por Faye na forma de uma ferradura, existe bem antes da publicação de sua obra, sobretudo como forma de descrever as semelhanças entre o nazismo e comunismo. Na obra *O Caminho da Servidão* (1944) de Hayek, ainda que sem usar o exemplo da ferradura, é tratado com inúmeras fontes e detalhes as semelhanças entre estas duas ideologias.

Para acontecimentos políticos modernos, essa teoria segue ainda sendo muito usada, sobretudo para explicar o fenômeno do populismo, que tende a se apresentar mais forte na medida em que se aproxima dos extremos. O cientista político Jeff Taylor chegou a afirmar que:

"Pode ser mais útil pensar na esquerda e na direita como dois componentes do populismo, com o elitismo residindo no centro. O espectro político pode ser linear, mas não é uma linha reta. Tem a forma de uma ferradura" (Taylor, 2006. p. 481-482).

As medidas populistas de oposição à globalização, com medidas mais isolacionistas e protecionistas são vistas nos dois extremos, conforme também aponta o cientista político Josef Joffe (2006) ao comparar a esquerda alemã com a direita na Áustria.

Tanto o diagrama de Nolan quanto a teoria da ferradura sofreram críticas tanto por parte da esquerda quanto por parte da direita, sobretudo por estas se focarem em explicar um ponto específico, normalmente em favor da corrente de pensamento dos seus criadores. No caso do diagrama de Nolan, pelo fato de David Nolan ser um ativista libertário, o seu foco estava no conceito de liberdade, em separar as ideologias por essa perspectiva, evidenciando que os libertários são quem de fato defendem a liberdade integralmente. Normalmente, são os liberais/libertários que mais usam esse diagrama, porém, essa forma de espectro tampouco é unanimidade dentro do liberalismo/libertarianismo. Há liberais que rejeitam a ideia de que se pode desvincular a liberdade civil com a liberdade econômica, que é algo que o diagrama de Nolan o faz de forma evidente. Citando mais uma vez Hayek, para este economista liberal, a economia não é um ente separado da sociedade, não há forma de fazer esta distinção, pois praticamente tudo em nossas vidas está ligado a questões econômicas, diretamente ou indiretamente. Para Hayek, aqueles que defendem que o Estado tenha maior controle na economia, onde se

incluem os progressistas, na verdade, defendem, ainda que muitas vezes sem saber, que o Estado tenha um maior controle na vida das pessoas.

“Como, hoje em dia, dependemos em quase tudo dos meios proporcionados pelos nossos semelhantes, o planejamento econômico importaria o controle da quase totalidade da nossa vida. Não existiria praticamente nenhum aspecto desta - desde as necessidades primárias até as relações de família e de amizade, da natureza do nosso trabalho até o uso que fazemos de lazer - sobre o qual o planejador não exerce seu ‘controle consciente’.” (Hayek, 1944. p.115)

Seguindo nesta direção de Hayek, o escritor americano Brian Patrick Mitchell tece críticas ao diagrama de Nolan, alegando que é falsa a ideia de que a esquerda progressista seja realmente favorável à liberdade individual, citando o exemplo do posicionamento desta em favor de um maior controle das armas, que seria uma forma de violação das liberdades individuais (Mitchell, 2007). O ativista libertário Jacob Huebert usa o exemplo da prostituição e da legalização das drogas como um exemplo de que liberdade econômica e liberdade civil são claramente indissociáveis, pois a proibição destes sob o ponto de vista econômico acarretaria numa violação no direito à liberdade civil e vice versa (Huebert, 2010). Normalmente, quando a esquerda progressista defende as liberdades civis, ela não defende pela perspectiva do indivíduo, mas por uma perspectiva coletivista, de um grupo oprimido, por questões de sexualidade, raça e gênero, por exemplo. Ou seja, diferentemente da perspectiva individualista libertária, que entende que, parafraseando a filósofa e romancista libertária Ayn Rand: “a menor minoria do mundo é o indivíduo” (Rand, 1962), que a defesa das liberdades deve estar voltada ao indivíduo, não necessariamente a um grupo específico.

Em relação às críticas à teoria da ferradura, quem mais teceu críticas foram pessoas mais à esquerda, pelo fato de discordarem frontalmente da sua aproximação com a extrema direita. Os comunistas entendem que estão radicalmente distantes de regimes como o fascismo, que são supostamente considerados por muitos como de extrema direita. No panfleto de León Trotsky de 1938 intitulado *A moral deles e a nossa*, por exemplo, o comunista faz duras críticas àqueles que tentam associar o comunismo do fascismo, alegando que estes se apegam apenas a alguns pontos secundários em comum, mas ignoram a essência, que seria a mais importante, e todo o resto que evidencia tal diferença. Para Trotsky, assim como para a maior parte da esquerda, as diferenças entre estes dois extremos são imensamente maiores que suas possíveis semelhanças, como por exemplo, de um lado supostamente defender a igualdade extrema, enquanto por outro lado defender uma sociedade extremamente hierárquica. Independentemente do mérito de que o comunismo seja ou não o extremamente oposto ao fascismo, Trotsky traz um elemento muito importante de distinção de ideologias que acaba sendo ignorado: *a essência*. Não é por conta de algumas ideologias compartilharem algumas características, que estas são ideologicamente próximas. Sobre a distinção entre essas duas ideologias específicas, seria preciso um maior aprofundamento para se compreender a essência de cada uma delas.

“A característica fundamental dessas abordagens e similitudes está em ignorar completamente o fundamento material das várias correntes, ou seja, sua natureza de classe e, por isso, seu papel histórico objetivo. Em vez disso, eles avaliam e classificam diferentes correntes de acordo com alguma manifestação externa e secundária, na maioria das vezes de acordo com sua relação com um ou outro princípio abstrato que para o classificador dado tem um valor profissional especial. Assim, para o papa romano, maçons e darwinistas, marxistas e anarquistas são gêmeos porque todos eles negam sacrilegamente a

imaculada concepção. Para Hitler, liberalismo e marxismo são gêmeos porque ignoram 'sangue e honra'. Para um democrata, fascismo e bolchevismo são gêmeos porque não se curvam diante do sufrágio universal. E assim por diante.

Sem dúvida, as correntes agrupadas acima têm certas características comuns. Mas a essência da questão está no fato de que a evolução da humanidade não se esgota nem pelo sufrágio universal, nem pelo "sangue e honra", nem pelo dogma da imaculada concepção." (TROTSKY, 1938, p. 1)

Por fim, como é possível perceber, é muito difícil categorizar objetivamente os conceitos de **direita** e **esquerda**, sobretudo em forma de espectro. Ainda que de forma mais complexa, como o diagrama de Nolan, e da forma menos complexa, como o espectro tradicional, essas formas tentam diferenciar as ideologias pela matemática, e este possivelmente é o maior problema. Tratar de questões políticas, como as ideologias, é algo muito complexo para ser colocado numa régua unidimensional ou bidimensional. É extremamente improvável um consenso total a respeito dessa dicotomia, até por conta do fato destes conceitos não serem a ideologia em si, mas posições onde se encontram inúmeras correntes de pensamento político.

Não só os conceitos entre esquerda e direita passam pelo problema de subjetividade, como também o próprio centro. Se quanto mais à esquerda ou mais à direita estão as visões extremistas, é no centro que, em tese, estaria a moderação. Com isso, até por uma estratégia eleitoral, quanto mais a esquerda ou a direita se associarem ao centro, elas terão uma maior aceitação, pois seriam vistas como mais moderadas, com o discurso do establishment. A teoria que explica bem este fenômeno é chamada de *Janela de Overton*, ou *Janela do Discurso*.

### 3.1.

#### Janela de Overton

A Janela de Overton é uma teoria muito importante para entender a complexidade dos discursos políticos e a sua volatilidade de aceitação perante a sociedade. Ainda que Overton não tenha feito necessariamente pensando em explicar a volatilidade do significado dos termos direita e esquerda, essa teoria evidencia muito bem esse fenômeno e como ele ocorre. Conforme o próprio nome da teoria, ela foi desenvolvida pelo cientista político americano Joseph P. Overton, que foi presidente sênior do Centro de Políticas Públicas de Mackinac, MI (Lehmann, 2009).

Podemos descrever que a Janela de Overton é uma janela que descreve o que é visto como politicamente aceitável em um determinado lugar e momento, e o que estiver longe dessa janela será visto como ideias mais radicais, menos aceitas pela sociedade. Mais especificamente, Overton entende que há graus de aceitação dos discursos políticos, tendo no centro de aceitabilidade o consenso, o que está posto na atual legislação, as ideias que são majoritariamente aceitas. Dessa forma, para um determinado político ter uma viabilidade política, ele terá que adaptar o seu discurso para o que está dentro dessa janela, ainda que este não seja de fato o que acredita e que almeja. Para que este político, que possui ideias consideradas radicais, consiga se eleger e ter relevância com o seu discurso considerado radical, este precisa antes modificar a posição que a janela dos discursos se encontra atualmente, ou seja, ele precisa convencer a opinião pública de que suas ideias são sensatas, e consequentemente fazer com que ideias antagônicas que são atualmente vistas como aceitas, passem a ser consideradas radicais.

Figura 5: A Janela de Overton

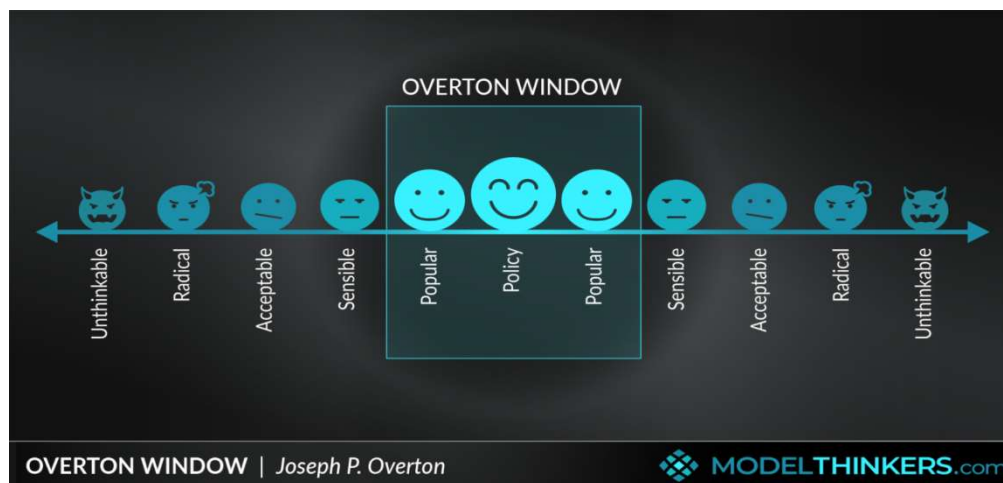
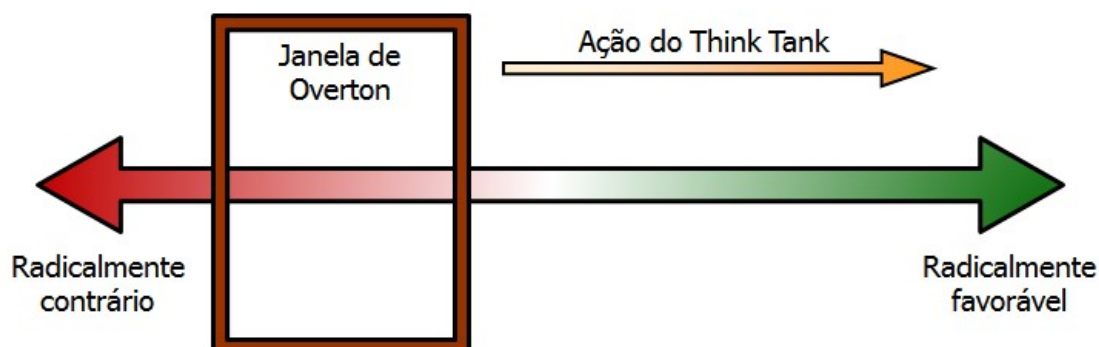


Figura 5: SCOTCH. **Overton Window**. modelthinkers.com. Disponível em: <<https://modelthinkers.com/mental-modoverton-window>>.

Para facilitar a compreensão, usaremos a Janela de Overton dentro do espectro entre direita e esquerda. Conforme é visto na imagem, de forma simplificada, está dentro da janela três pontos, sendo esses a política, qual pode considerar o consenso; ideias populares mais à esquerda e ideias populares mais à direita. De forma resumida, esse seria o atual establishment das ideias. Saindo um pouco do establishment, estariam as ideias consideradas sensatas, à direita e à esquerda, que ainda que não estejam no establishment, seriam ideias mais palatáveis. Se afastando mais, chegaria ao que poderíamos considerar de ideia aceitável, de ideia que não é tão bem vista, mas que o convívio com esta ainda é tolerável. Daí em diante, passemos para as ideias vistas como radicais e as ideias inaceitáveis, que seriam mais extremas que as ideias radicais. Porém, à medida que a Janela vai para um dos lados (direita e esquerda), se muda o que é consenso, popular, radical etc. O que é visto hoje como radical à esquerda, amanhã pode ser visto como ideia aceitável, e consequentemente, a ideia que era aceitável à direita, passaria a ser considerada como radical. As ideias populares à esquerda seriam o atual consenso, enquanto o antigo consenso seria considerado como uma ideia popular à direita.

Figura 6: A manipulação da Janela de Overton



**Figura 6: Janela de Overton: como manipular a opinião pública | Tecla SAP #1.**

Papo de Homem. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/janela-de-overton-como-manipular-a-opiniao-publica/>>.

Os grupos que seriam os responsáveis pelo deslocamento da janela são chamados por Overton de *Think Tanks*, que podem ser representados em: personalidades carismáticas, imprensa, movimentos sociais, institutos de pesquisa, partidos políticos, artistas, influenciadores digitais etc. Estes seriam os agentes de pressão, que irão conduzir a opinião pública, para um lado ou para outro. Estes têm como objetivo inicial fazer com que suas ideias passem a ser mais debatidas, o que conseqüentemente traria uma maior aceitação dessas ideias. Tendo uma maior aceitação, toda a carga negativa que ela tinha antes diminuía, até o ponto em que essa ideia passaria a ser considerada sensata. Se tornando uma ideia sensata, ela se tornará mais conhecida com a ajuda de personalidades mais populares que passam a reproduzir essas ideias. Se tornando mais popular, eleger políticos com essas ideias se tornaria mais viável. Por fim, com a eleição de políticos com esta determinada ideologia, as chances dessa ideologia se tornar a política oficial e leis são grandes.

Um exemplo claro que corrobora com essa teoria é a forma como o PSDB foi visto ao longo do tempo. Quando os agentes de pressão conseguiram fazer o PT ser visto como um partido mais moderado, de centro-esquerda, o PSDB automaticamente passou a ser considerado de direita. Há um grande número de ideias que antes eram menos aceitas, mas que hoje passaram a ser mais aceitas e vice versa. A forma como a janela se movimenta não precisa ser necessariamente por manipulações de agentes, de forma racional, a janela pode se movimentar de forma mais orgânica, por conta do próprio desenvolvimento humano. Por isso, a teoria em si não tem como objetivo denunciar uma realidade construída artificialmente, mas apresentar como de fato a política e a circulação de ideias funciona, seja para o bem seja para o mal.

### 3.2.

#### **Distinção de Direita e Esquerda por Norberto Bobbio**

Por serem termos subjetivos, conseqüentemente acaba não sendo possível entender objetivamente as causas dos conflitos entre direita e esquerda. Com isso, há que se buscar meios objetivos de distinções, para entender as principais diferenças e as causas dos conflitos. O filósofo italiano Norberto Bobbio, em sua obra intitulada *Direita e Esquerda*, tentou resolver o problema da subjetividade do espectro político, justamente tentando encontrar o que de fato pode ser considerado objetivo nestas terminologias, quais são as características tipicamente de direita e de esquerda que sempre estará presente independentemente da época e da localidade.

Indo de encontro com o que foi discutido até aqui, Bobbio entende que o conceito de “direita” e “esquerda” não são conceitos absolutos, ou melhor, não são uma ideologia, uma corrente de pensamento, mas justamente conceitos relativos que tem como objetivo diferenciar e separar o antagonismo que há em diversas correntes políticas. Esses conceitos

possuem sua importância para delimitar uma posição das correntes de pensamento vigente na política onde se faz a distinção, é apenas um carimbo para facilitar a identificação.

“‘Direita’ e ‘esquerda’ não são conceitos absolutos. São conceitos relativos. Não são conceitos substantivos ou ontológicos. Não são qualidades intrínsecas ao universo político. São lugares do "espaço político". Representam uma determinada topologia política, que nada tem a ver com a ontologia política: "Não se é de direita ou de esquerda no mesmo sentido em que se diz que se é 'comunista', 'liberal' ou 'católico'". "Em outros termos, direita e esquerda são palavras que designam conteúdos fixados de uma para sempre. Podem designar diversos conteúdos conforme os tempos e as situações. [...] O fato de direita e esquerda representarem uma oposição quer simplesmente dizer que não pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. Mas diz nada sobre o conteúdo das duas partes contrapostas à oposição permanece, mesmo que os conteúdos dos opostos possam mudar." (Bobbio, 1994, p.93-94)

Ou seja, quando uma pessoa se declara de esquerda ou direita, ela apenas está descrevendo em qual dos lados as suas crenças políticas se encontram. Bobbio comenta como que o conceito de esquerda no século XIX saiu do liberalismo democrático, quando este tinha uma oposição com os conservadores, e passou para o socialismo, se opondo ao capitalismo, que é defendido pelo liberalismo. Esse argumento de Bobbio vai muito de encontro com a teoria da Janela de Overton, pois neste ponto específico, a troca do liberalismo para o socialismo no conceito de esquerda, automaticamente jogou o liberalismo para o outro lado, ou seja, para a direita. Como os ideais liberais se tornaram *status quo*, defender a chamada democracia liberal passou a ser algo de conservador. Na

passagem a seguir, Bobbio descreve bem um argumento muito parecido com a Janela de Overton:

A relatividade dos dois conceitos também demonstra pela observação de que o caráter indeterminados conteúdos, e portanto a sua possível mobilidade, faz que uma certa esquerda, ao se deslocar para o centro, possa se tornar uma direita com respeito a uma esquerda que permaneceu imóvel, e, simetricamente, uma certa direita que se desloca para o centro torna-se uma esquerda com respeito a uma direita que não se movimentou. (BOBBIO, 1994. p.91-92)

Reconhecendo que a falta de objetividade e clareza nestes termos pode tirar a importância e utilidade do uso desses termos, Bobbio passa a procurar alguma característica que é comum em todas as esquerdas e todas as direitas que já existiram. Antes de tudo, a existência desses termos sempre existiu com o mesmo fim: apresentar uma polarização de ideias. Uma determinada ideologia não pode ser integralmente preta e branca. Ela é preta, ou é branca, ou a mistura dos dois, que no caso é cinza. O cinza seria o ponto de consenso, no caso o centro. Dependendo do tom, pode estar mais próximo do preto ou do branco. Em suma, esses termos sempre representaram o “universo conflituoso da política” (Bobbio, 1994), e esses termos são uma forma de organizar isto. Ao longo da obra, Bobbio discute com diversos autores que abordaram o tema como uma forma de encontrar um ponto pacífico, e sua conclusão foi que o que de fato diferencia universalmente a direita da esquerda é o conceito de igualdade.

Bobbio comenta o quão comum é diferenciar a direita da esquerda pelo fator: igualdade x liberdade, porém, para Bobbio, não é possível fazer uma oposição com esses termos, pois são de naturezas distintas. A

liberdade, para Bobbio, pode estar presente junto com a igualdade ou desigualdade. A esquerda sempre teve a igualdade como o seu norte, enquanto a direita sempre se focou na desigualdade. A esquerda entende que só é possível melhorar a sociedade com mais igualdade, enquanto a direita entende que se deve respeitar as desigualdades, pois todos os indivíduos são diferentes. Bobbio deixa claro que a sua ideia não é tratar o conceito de desigualdade como algo negativo, mas de forma neutra, tampouco afirmar que a direita defende em todos os casos a desigualdade. Há aqueles na direita que defendem uma igualdade perante a lei, mas apenas nesse caso. Da mesma forma, Bobbio tampouco tem o objetivo de afirmar que a esquerda, como um todo, defende a igualdade total, a igualdade utópica, pois existem aquelas buscam eliminar as desigualdades, mas dentro do possível. No caso, este “possível” pode ser visto de forma diferente pelos diferentes tipos de esquerda.

“Mais uma vez não estou dizendo que uma maior igualdade é um bem e uma maior desigualdade um mal. Não desejo sequer dizer que uma maior igualdade seja sempre em todos os casos preferível a outros valores como a liberdade, o bem-estar, a paz. Com estas referências a situações históricas pretendo simplesmente reafirmar minha tese de que o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de "esquerda", e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.” (Bobbio, 1994, p.109-110)

De volta ao conceito de liberdade, para Bobbio, não se pode afirmar que a direita defende a liberdade e a esquerda, não, ou o oposto. A liberdade defendida pela direita tem seus limites, pois a mera defesa da liberdade para desiguais faz com que apenas os abastados tenham de fato liberdade, enquanto os menos abastados, por não ter recursos, possuem sua liberdade limitada. Assim como a defesa da liberdade pela igualdade possui seus limites, pois ainda que ela dê uma liberdade aos menos abastados que não existia antes, esta irá tirar a liberdade dos mais abastados. Dessa forma, Bobbio entende que tanto a direita quanto a esquerda, defendem “meia” liberdade. A liberdade, então, será o que irá diferenciar o grau de direita e esquerda, no caso, diferenciar a ala moderada da ala extremista, ou seja, a esquerda da extrema esquerda e a direita da extrema direita. A ala mais extremista, seja na direita ou na esquerda, é contrária à liberdade, tem como objetivo principal acabar com a desigualdade, por parte da esquerda, ou regressar a uma desigualdade que já não existe mais, por parte da direita. Ambas possuem visões utópicas e não possuem abertura ao diálogo, querem a qualquer custo impor suas ideias.

Com base nisso, Bobbio divide o espectro em quatro partes, sendo estas:

**extrema esquerda**, que são igualitaristas e autoritários, que podem ser representados pelos jacobinos e pelos comunistas;

**centro esquerda**, que seriam os movimentos igualitaristas e libertários, que defendem a democracia e que possuem uma maior abertura ao diálogo, sobretudo com a direita. A social-democracia seria a sua maior representação;

**centro-direita**, que seriam movimentos “inigualitários” e libertários, que são movimentos que possuem apreço à democracia, que defende o que o autor chama de igualitarismo mínimo, no caso a igualdade perante as leis. O igualitarismo mínimo pressupõe que, ainda que as pessoas sejam distintas, elas devem ser tratadas juridicamente iguais. Estes são representados pelos conservadores;

**extrema-direita**, que seriam os movimentos anti-igualitários e autoritários, que ao contrário dos conservadores, não possuem qualquer apreço à democracia e ao diálogo. Estes seriam os reacionários, exemplificado em sua forma mais extrema no fascismo e nazismo.

Essa descrição de Bobbio se encaixa muito bem na teoria da ferradura, pois como é possível ver,

- a centro-esquerda se assemelha com a extrema-esquerda por terem como norte a igualdade;
- a centro-esquerda se assemelha com a centro-direita por ambas defenderem a liberdade, cada uma a sua maneira;
- a centro-direita se assemelha com a extrema-direita por ambas entenderem que as pessoas são desiguais; e
- por fim, a extrema-esquerda se assemelha com a extrema-direita por ambas serem autoritárias, contrárias à liberdade e por serem utópicas.

Além de se encaixar bem com a teoria da ferradura, ela se encaixa bem no argumento de Trotsky sobre a essência das ideologias. No caso, a essência da esquerda seria a defesa da igualdade, enquanto da direita o seu oposto. A liberdade seria um fator secundário, que serviria para distinguir os métodos de como a direita e a esquerda irão defender a sua essência.

Por isso, ainda que a extrema-esquerda e a extrema-direita possuam muitas semelhanças, estas seriam apenas em seus métodos, não em sua essência. Já as semelhanças entre a extrema-esquerda e a centro-esquerda são essenciais, pois ambas possuem o mesmo norte.

Muito provavelmente, é por este motivo que tanto no Brasil quanto em outros países, a centro-esquerda possui muito mais simpatias à extrema-esquerda do que a própria centro-direita, que compartilha os mesmos princípios de democracia e diálogo.

No fim, em uma situação de polarização, enxergo como muito mais provável uma aliança da centro-esquerda com a extrema-esquerda, e/ou uma aliança da centro-direita com a extrema-direita, do que uma aliança de centro contra os extremos

### 3.3

#### Problemas da tese de Bobbio

Bobbio, com essa obra, conseguiu evidenciar a dificuldade de categorização dos conceitos de direita e esquerda. Trouxe algumas questões muito importantes a serem analisadas, sobretudo por evidenciar que estes termos não são objetivos, ou seja, que sempre que se depararmos com o seu uso, não será possível saber com exatidão ao que de fato quem o usa está se referindo. Tendo em vista essa dificuldade, Bobbio buscou encontrar algum ponto de convergência entre todas as direitas e todas as esquerdas ao longo do tempo e do espaço, com o fim de encontrar o que objetivamente diferencia estes termos.

O grande problema é que Bobbio acabou por usar como régua a perspectiva da esquerda, que é a defesa da igualdade, para descrever a essência do pensamento de direita, ou seja, o oposto disto. O problema disso é que ela contribuiu para uma maior demonização do conceito de direita e para uma maior aceitação do conceito de esquerda. Ainda que Bobbio tenha a todo o momento evidenciado o seu cuidado em não tratar com juízo de valor as distinções entre direita e esquerda, no conceito de igualdade *versus* desigualdade, na prática, ela acabou por induzir o leitor a tomar um juízo de valor favorável a um dos lados, pois ainda que o autor trate do conceito de “desigualdade” de forma neutra, o conceito é em si negativo, da mesma forma que o conceito de igualdade, que sempre ou quase sempre é associado a algo positivo.

A afirmação de Bobbio que o fator principal que categoriza o pensamento da direita, e de sua distinção com a esquerda, é a sua defesa da

desigualdade, não seria uma forma justa de descrever este espectro, ainda que de fato a direita rejeite a tese da igualdade absoluta, e que em certa medida, não vê a desigualdade como algo negativo. A essência das correntes de pensamento consideradas de direita – conservadorismo e liberalismo – não tem a desigualdade como o seu norte, mas como uma possível consequência daquilo que essas correntes realmente defendem. Talvez, é possível considerar que a desigualdade é um dos diversos elementos que compõem o pensamento da direita, mas em hipótese alguma podemos afirmar, tal como Bobbio, que a desigualdade é o ponto que descreve o pensamento de direita, e que serve de distinção com o outro lado do espectro.

Além disso, o autor foca nos objetivos finais e ignora a importância dos meios teóricos de cada ideologia, como também, a própria ação prática. Não obstante, aqueles que se declaram mais à direita reprovariam essa forma de distinção, em contrapartida, ela passou a ser tão bem aceita em ambientes mais à esquerda, como a própria academia. Com base nessa tese de Bobbio, que é uma das principais sobre o tema no meio acadêmico, pensadores mais à esquerda passaram a usar o argumento de Bobbio para afirmar que a direita defende o interesse dos opressores, que são insensíveis às causas sociais, que não só se preocupam com os pobres, como que desejam que os pobres permaneçam pobres, quase que por sadismo. De forma resumida, essa teoria acabou por reforçar a ideia de que ser de esquerda é ser humanista, é defender os menos favorecidos, enquanto ser de direita é o oposto disto, é ser desumano, é defender os interesses dos opressores. Essa narrativa pode ser vista de forma bem clara e evidente no livro do então professor da USP Emir Sader, intitulado “*O Anjo Torto*” (1995), onde o autor afirma categoricamente que ser de esquerda é defender a justiça social, a universalização dos direitos, uma sociedade mais humana, enquanto a direita defende a precariedade dos direitos dos trabalhadores, o belicismo e uma série de elementos negativos, e que por conta disso, os direitistas precisam se disfarçar dizendo ser de centro. Para fundamentar esse discurso, Sader traz uma síntese da teoria de Bobbio com alguns

comentários do próprio Bobbio retirados em uma entrevista a Araújo Neto em 1987, que foi publicada no Jornal do Brasil, sendo estes os comentários de Bobbio, segundo Sader:

“No nosso tempo, todos os que defendem os povos oprimidos, os movimentos de libertação, as populações esfomeadas do terceiro mundo, são a esquerda. Aqueles que falam do alto do seu interesse, dizem que não vêem porque distribuir um dinheiro que usaram para ganhar, são e serão à direita. [...] Quem acredita que as desigualdades são um fatalismo, que é preciso aceitá-las, desde que o mundo é mundo sempre foi assim, não há nada a fazer – sempre esteve e está à direita. Assim como a esquerda nunca deixará de ser identificada nos que dizem que os homens são iguais, que é preciso levantar o que está no chão, lá embaixo. Acredito que esta distinção existe, continua fundamental, ainda hoje serve para distinguir as duas grandes partes da política.”  
(apud Sader, 1995 p. 16-17)

Nesta obra, Sader, a todo instante considera, grosso modo, que ser de esquerda é defender a justiça social, enquanto a direita defenderia o oposto, as injustiças do mercado. Usando como base o pensamento de Bobbio, Sader conclui:

“Em outras palavras, os que acreditam que o mercado supostamente livre define o destino de cada um são a direita. Os que acreditam, ao contrário, na justiça social e norteiam suas crenças, sua palavra e sua ação nesse sentido são a esquerda. Nessas condições, nunca como hoje a contraposição mercado x justiça social foi tão essencial. Jamais esta contradição cruzou tanto nossas

sociedades, desde os 30 milhões de desempregados do próprio hemisfério norte, junto à discriminação e segregação de suas dezenas de milhões de imigrantes, até as grandes majorias do hemisfério sul, vivendo em sociedades cada vez mais apartadas. As minorias ricas se sentem ilhadas e buscam a proteção das cercas, dos muros, dos guardas particulares, contra as grandes majorias expropriadas e marginalizadas.” (Sader, 1995. p.17)

Em toda a obra Sader associa a esquerda como aquela mais humanizada, enquanto a direita como a mais desumanizada, mais insensível ao sofrimento dos mais necessitados. Grosso modo, há uma associação clara de dualismo de bem *versus* mal, de que a esquerda defende o bem, enquanto a direita defende o mal. Por consequências óbvias, não é possível existir debate com quem é considerado defensor do mal. Por isso, tratar a direita como defensora das desigualdades como faz Bobbio acaba por descrevê-la como algo negativo, por mais que Bobbio tenha afirmado na obra que a intenção não era essa. Como se pode observar no discurso de Sader, a obra de Bobbio serviu para fomentar a percepção de que existe dentro do ambiente universitário e em outros ambientes majoritariamente de esquerda, que o termo “direita” é praticamente um insulto.

“Ao representar um sistema excludente, que relega ao abandono amplos setores da população que não têm oportunidades para alcançar uma vida digna, o neoliberalismo traz no seu bojo outro aspecto da ideologia de direita: o aprofundamento do racismo, do chauvinismo, da discriminação. A quantidade de excedentes no mercado de trabalho só aumenta. Meninos e jovens de rua, quase sempre nordestinos, negros e mulatos, passam a ser vítimas de total abandono, de indiferença por parte de um sistema social

malthusiano, no qual, em vez de se aumentar o número de chapéus, ou se distribuírem os chapéus que já existem, propõe-se ignorar as cabeças necessitadas, para se adequar a procura à oferta. Ser de direita hoje no Brasil consiste nisso. A ação da direita começa por desqualificar suas divergências com a esquerda. Faz parte do pensamento de direita dizer que direita e esquerda não existem mais. Porque se sabe que a direita está historicamente identificada com o conservadorismo, com a elite, com a desigualdade social. ” (Sader, 1995. p.192-193)

Se afastando dessa descrição de Bobbio, e se aproximando dos autores categorizados por esse espectro, é possível perceber que a essência das correntes associadas à direita nunca foi a defesa objetiva da desigualdade, ainda que em muitos casos a direita enxergue a desigualdade de forma mais natural, a essência do pensamento de direita, de forma bem resumida, conforme os autores conservadores e liberais (que são normalmente associados à direita), está na defesa da liberdade, por parte dos liberais, e na prudência política, por parte dos conservadores. Não há busca da desigualdade como objetivo, não há qualquer pensador conservador e liberal que tenha desejado um mundo mais desigual, como oposição ao que a esquerda almeja. No final das contas, Bobbio tentou explicar o conceito de direita e esquerda pela premissa da esquerda, ou no mínimo por uma premissa que privilegia a esquerda. Essa forma de descrever as demais ideologias pelo parâmetro da sua própria ideologia se assemelha muito com o fenômeno que conhecemos na antropologia por etnocentrismo. Como estamos tratando de ideologias, podemos aqui considerar esse fenômeno como “ideocentrismo”. Aliás, esse ideocentrismo é uma das grandes causas da falta de entendimento entre pessoas de ideologias diferentes.

### 3.4.

#### Conflitos de visões ideológicas

Para entendermos as diferenças ideológicas entre duas ou mais ideologias é primordial se ter de forma clara que cada ideologia possui visões distintas da sociedade, e estão amparados por distintos valores. Por isso, aqui insisto em associar ideologias políticas com o próprio conceito de cultura e costumes. Quando uma pessoa de valores ocidentais passa a enxergar e descrever sociedades não ocidentais com esses valores, ela está simplesmente sendo etnocentrista. Cada cultura possui sua visão de sociedade, visão essa que acaba tendo outro sentido e significado por quem enxerga de fora. Por essa razão, para se ter uma interpretação mais exata da visão desta cultura é preciso enxergar com os olhos dos próprios nativos, e foi exatamente isso que os antropólogos culturais passaram a fazer. Ainda que o conceito de ideologia não seja exatamente o mesmo conceito de cultura, a ideologia possui conceitos típicos de uma visão cultural, como por exemplo, a moralidade, que é a base dos discursos político-ideológicos.

Acredito que quem mais teve sucesso em descrever objetivamente as diferenças entre direita e esquerda foi Thomas Sowell em sua obra *Conflito de Visões – Origens das lutas ideológicas* (2012). Sowell é um economista americano muito influente e respeitado nas principais universidades americanas. Na tese de Sowell, o que diferencia cada lado do espectro é a visão de mundo que cada uma destas ideologias possui que cada uma destas correntes concorrentes raciocina a partir de premissas fundamentalmente distintas. Essas diferenças não estão fundamentadas em diferenças de valores, mas na forma como se enxerga o problema e em como se buscará sua solução. Mais especificamente, há dois tipos de visão da natureza humana, sendo elas: a visão restrita, que seria uma visão mais trágica da humanidade, que seria uma visão onde se entende que há uma imutabilidade nas características humanas, que há um limite na razão humana, com isso, há uma fobia maior em ideais de

grandes transformações humanas e sociais; e a visão irrestrita, que seria o seu oposto, seria uma visão mais utópica da humanidade, uma visão onde se entende que é possível “consertar” a humanidade através do uso da razão. Ambas as visões podem enxergar o mesmo problema e reprovarem, porém com premissas distintas.

Sowell observou que é possível deduzir todo o pensamento de uma pessoa apenas com apenas uma pequena amostra das posições políticas desta. Estatisticamente, se pegarmos duas pessoas com um posicionamento favorável à legalização das drogas, por exemplo, as chances de elas compartilharem as mesmas posições em outros temas relacionados a questões políticas e sociais são muito grandes. A causa disso não seria uma mera coincidência, ela estaria nas premissas como cada pessoa enxerga o mundo. Uma pessoa favorável à legalização das drogas teria uma maior probabilidade em ter uma visão mais irrestrita, pois a lógica que normalmente é usada para a sua defesa parte das mesmas premissas utilizadas em outras posições de valores progressistas.

Cada visão tende a criar conclusões que são as consequências lógicas de suas hipóteses. Essa é a razão pela qual existem repetidamente esses conflitos de visões em uma variação tão grande de questões sem relação entre si. Esta análise não pretende reconciliar visões ou determinar sua validade, mas determinar de que se trata e o papel que desempenham nas lutas políticas, econômicas e sociais.(SOWELL, 2012, p.256).

Obviamente que não se trata de um fato exato, que todas as pessoas de pensamento X terão as mesmas visões em tudo, ou mesmo que sempre terão divergências com pessoas de pensamento Y. Usando o exemplo acima, da legalização das drogas, é possível se chegar nela com uma visão mais restrita, ainda que incomum. Normalmente as pessoas de direita que defendem a legalização das drogas a defendem pela

perspectiva da defesa das liberdades individuais, enquanto as pessoas mais à esquerda a defendem por uma perspectiva de correção social, de reparação das consequências negativas que a criminalização das drogas traz. A tese de Sowell tampouco se trata de um dualismo absoluto, um médico, por exemplo, pode ter visões conservadoras enquanto profissional da saúde, e, ao mesmo tempo, ter uma visão mais revolucionária para questões políticas e sociais. Da mesma forma, um empresário pode ter uma visão mais revolucionária nos negócios, mas ter uma visão mais conservadora nos costumes.

### 3.5.

#### **Visão Restrita vs. Visão Irrestrita**

A visão restrita está muito ligada a pensadores liberais e conservadores, enquanto a visão irrestrita está ligada ao pensamento mais revolucionário, mais socialista. O autor, não necessariamente usa a terminologia “direita” e “esquerda” para descrever a distinção destas visões, mas aqui é possível associar de forma clara que a direita possui uma visão mais restrita, enquanto a esquerda possui uma visão mais irrestrita. Nesta forma de distinção não se criou nenhum juízo de valor negativo a nenhuma das duas visões, conforme acabou acontecendo com a tese de Bobbio. Sowell observa essa distinção das visões em diversos autores de grande importância, como por exemplo: Adam Smith, com sua Teoria dos Sentimentos Morais; Edmund Burke com sua prudência política; e F. A Hayek, com o seu entendimento do conhecimento disperso na sociedade são alguns dos exemplos de visões restritas, enquanto a visão sobre a Justiça Política de William Goodwin e o bom selvagem de Rousseau seriam exemplos de visão irrestrita.

A visão restrita parte de um princípio de prudência, conforme Edmund Burke defendia. Pelo fato dos seres humanos serem limitados intelectualmente e por terem uma natureza mais egocêntrica, a prudência

seria a maior das virtudes, o maior sustentáculo social seria toda a experiência adquirida ao longo dos tempos. Então, conforme a tese de Adam Smith, em vez de tentar corrigir os “defeitos” da natureza humana, deveria descobrir qual seria a forma mais efetiva de alcançar os melhores benefícios morais e sociais possíveis dentro das limitações naturais da humanidade. Esta forma de visão acaba dando um grande sustento na defesa de posições mais conservadoras nos costumes, a uma maior aceitação do próprio sistema capitalista como algo natural, à meritocracia e a uma maior tolerância às desigualdades sociais causadas por este sistema. Há uma maior responsabilidade às ações individuais e ao medo do diferente. Por conta de a natureza humana ser negativa, a ideia de recompensa acaba sendo aceita como incentivo a melhorias, assim como também a punições mais severas como forma de desestimular possíveis agressões e desordens.

A visão irrestrita tenta enxergar a experiência com maus olhos, tende a vê-la como as responsáveis pelos problemas estruturais na sociedade. De acordo com Goodwin, em sua obra *Enquiry Concerning Political Justice* (1973), a esperança pelo recebimento de recompensa por realizar boas obras, ou mesmo que elas devem temer o castigo para se inibirem de cometer crimes é algo que mais prejudica o desenvolvimento social e da própria mente do que ajuda. No caso, seria uma forma de corromper o homem e inibir seus potenciais com paixões artificiais e por vícios sociais. Sendo assim, o homem precisa se desemaranhar desses vícios e ser reeducado a viver em harmonia e solidariedade. Para a visão irrestrita, segundo Sowell, os intelectuais teriam uma grande importância na orientação ao melhor caminho a ser seguido, que a ciência andaria lado a lado do desenvolvimento social.

Algumas das principais diferenças de visões entre a visão restrita e irrestrita:

**Experiência vs. Razão:** As concepções epistemológicas a respeito do conhecimento partem de premissas distintas. Na visão restrita, o conhecimento individual é quase sempre insuficiente para a tomada de decisões sociais complexas. A mente de um intelectual ou de um grupo de pensadores não seria maior que toda a experiência adquirida ao longo do tempo. O desenvolvimento, no caso, só seria possível através de uma vasta gama de cooperações sociais. Os acordos sociais coordenam e transmitem o conhecimento de forma natural para muitos indivíduos, inclusive, a própria lógica dos preços em um ambiente de livre mercado segue esse preceito. F. Hayek, citado por Sowell, é um grande crítico da tese de que é possível conceber uma reformulação da sociedade através da razão humana, que a civilização é quem molda a razão humana, e não o contrário. Que não é possível projetar uma civilização, pois ela é construída e solidificada através dos tempos de forma não projetada.

A máxima socrática, segundo a qual o reconhecimento da nossa ignorância é o começo da sabedoria, tem um significado profundo para a nossa compreensão da sociedade. Para isso, em primeiro lugar, é preciso que tomemos consciência da inevitável ignorância dos homens a respeito de muitas coisas que lhes permitem alcançar seus objetivos. A maioria das vantagens da vida em sociedade, especialmente em suas formas mais avançadas, que chamamos “civilização”, está no fato de que o indivíduo se beneficia de um volume muito maior de conhecimentos dos que consegue perceber conscientemente. Poder-se-ia dizer que a civilização começa quando o indivíduo, na busca de seus objetivos, utiliza um volume de conhecimentos muito maior do que o adquirido por ele próprio, podendo transcender os limites de sua ignorância recorrendo a um conhecimento que não possui. (Hayek, 1960, p.39)

Hayek é um dos maiores expoentes do liberalismo, e nunca se considerou conservador. Inclusive possui um artigo intitulado “Por que não sou conservador”, onde ele exemplifica o que diferencia o liberalismo do conservadorismo. Porém, como é possível observar, de acordo com a tese de Sowell, Hayek seria um grande expoente do que ele chama de visão restrita. Deste modo, não se trata exatamente de uma dicotomia entre visão conservadora vs. visão progressista, pois ela também está presente em parte dos pensadores liberais, assim como o próprio Adam Smith. Portanto, a visão restrita parte do pressuposto de que a mente humana é limitada, que é impossível o ser humano ter um conhecimento exato, ou de ter a melhor fórmula para acabar com os males do mundo.

“Toda a teoria de que o homem já surge dotado de uma mente capaz de conceber a civilização e logo trata de implantá-la é fundamentalmente errada. O homem não impôs, simplesmente, ao mundo um modelo criado por sua mente. Sua própria mente é um sistema em constante mudança, como resultado de seu esforço de adaptação ao ambiente. Seria um erro acreditar que, para alcançar um nível de civilização mais elevado, temos apenas de pôr em prática as idéias que hoje predominam. Para evoluir, devemos permitir uma revisão contínua das concepções e ideais presentes, que a experiência futura exigirá. Somos tão incapazes de imaginar o que será, ou poderá ser, a civilização daqui a quinhentos, ou até mesmo cinquenta anos, como nossos antepassados medievais ou até nossos avós eram incapazes de prever o nosso estilo de vida.”  
(Hayek, 1960, p.40)

Já a visão irrestrita, como já enunciada, tem a razão como o fator determinante para o progresso, pois seria a partir dele em que a sociedade poderia se desprender de todas as injustiças do mundo. A experiência acaba por aprisionar as pessoas a reproduzir um determinado

comportamento por questões ultrapassadas, como de acordo com Condorcet, deve-se ter mais desconfiança com tudo aquilo que leva o “selo do tempo” do que confiança.

De acordo com a visão irrestrita, a experiência levaria ao senso comum, e o progresso só poderia existir através do conhecimento científico moderno. Conforme afirma Goodwin, os intelectuais deveriam ser “os guias e instrutores do povo”. Esta tese de Sowell explica o porquê que, normalmente a esquerda defende a aplicação do conhecimento científico nas questões sociais, enquanto a direita se apega ao que o tempo tornou sagrado. Na parte econômica, o uso do conhecimento para reverter às injustiças sociais é mais defendido pela esquerda que pelos defensores do liberalismo, que preferem que a própria ordem social realize isto. Com isso, em relação ao uso do conhecimento na sociedade, para a visão irrestrita, é fundamental que haja uma grande influência dos especialistas nos rumos da sociedade, que uma maior articulação da racionalidade é preferível a uma experiência social desarticulada, conforme defendem os adeptos da visão irrestrita.

Outro grande fator de distinção sobre o conhecimento é a forma como cada uma das visões enxerga a importância da idade do seu interlocutor. Sowell descreve que como a experiência possui grande importância para a visão irrestrita, pessoas mais idosas seriam as mais confiáveis na transmissão do conhecimento. Para a visão irrestrita, os jovens dos dias atuais possuem a vantagem por ter nascido em um ambiente mais liberal que seus pais e avós, tendo uma maior isenção aos vícios e preconceitos aprendidos por estes; por serem educados com conhecimentos mais atualizados, e isso o colocaria até em vantagem aos intelectuais dos séculos passados, que não tinham toda essa atualização do conhecimento que ocorreu após a sua morte; por terem ainda mais tempo para se desenvolverem intelectualmente etc. O jovem é visto como aquele quem irá guiar os rumos da próxima geração. Os mais velhos tiveram a sua importância, mas as motivações de mudança e de desenvolvimento do conhecimento fazem com que os mais jovens tenham a predileção pela visão irrestrita.

**Visões sobre a Liberdade e Igualdade:** Na tese de Bobbio, conforme foi vista, o que diferencia a direita da esquerda é a forma como cada uma delas aborda a questão da igualdade. A igualdade é defendida pela esquerda, enquanto pela direita, é defendida a desigualdade. No caso da direita moderada, os liberais, a igualdade seria defendida pela perspectiva de igualdade perante a lei, enquanto na esquerda, a igualdade parte da igualdade de resultados. Em relação à liberdade, ela é defendida pelos dois lados, quando estes estão mais inclinados ao centro que aos extremos, porém cada um com sua forma. A direita defende uma liberdade relacionada a uma menor coerção do Estado no indivíduo, enquanto a esquerda defende a liberdade de acesso, que pode ser limitada pelas condições econômicas. No campo da economia, a esquerda defende a igualdade

De acordo com Sowell, a defesa da igualdade está muito presente no discurso da visão irrestrita, e é praticamente um consenso de que a igualdade é a principal pauta da esquerda. Indo na mesma direção da tese de Bobbio, Sowell também reconhece que em relação às políticas sociais, o campo da visão irrestrita dá importância para o combate às desigualdades que a visão restrita não dá. A questão é que a visão irrestrita defende a igualdade como um fim, e para isso, medidas desiguais, ou seja, de reparação, poderiam ser usadas para corrigir as injustiças sociais responsáveis pela desigualdade.

“As duas visões envolvem percepções bem diferentes da relação entre os membros da sociedade. A visão irrestrita tenta, historicamente, a criar condições econômicas e sociais mais igualitárias na sociedade, mesmo quando os meios escolhidos implicam uma grande desigualdade em relação ao direito de decidir sobre essas questões e esses meios. Sem dúvida, somente uma situação intelectual e moral muito desigual poderia justificar a existência de uma igualdade imposta, quer da vontade das pessoas ou não, como sugere

Dworkin, e somente um poder muito desigual poderia tornar isso possível. É compatível com a visão irrestrita promover fins igualitários por meios desiguais, considerando as grandes diferenças entre aqueles que Mill chamou de “os mais sábios e melhores” e aqueles que não alcançaram ainda esse nível intelectual e moral.” (Sowell, 2012 p.68)

A visão irrestrita tende a defender que intelectuais façam um diagnóstico dos problemas sociais da sociedade, como também refletir sobre o que é possível para corrigir estes problemas, ainda que os meios acabem não sendo dos mais justos. Ou seja, partem da premissa marxista de que os intelectuais devem contribuir para a transformação do mundo em vez de apenas analisá-lo (Marx, 1945). Para a visão restrita, ao contrário, os intelectuais precisam, antes de tudo, seguir a máxima socrática do “*eu sei que nada sei*”, do reconhecimento *a priori* de sua ignorância e limitação. Isso traz outro fator de distinção entre a visão restrita e irrestrita, que são as características individuais daqueles que irão exercer a influência na sociedade, seja política ou intelectual. Para a visão irrestrita, a sinceridade seria um valor muito mais importante que a fidelidade, por exemplo. A sinceridade tem maior importância no sentido em que as motivações de melhoria da sociedade dos intelectuais ou daqueles que irão exercer um cargo de liderança, devem ser sinceras. É muito comum àqueles que possuem uma visão irrestrita pôr em dúvida a sinceridade dos que não aparentam estar empenhados nas causas sociais dos menos favorecidos. Os discursos da direita, que aparentemente são bem-intencionados, são vistos como falsos, pois entendem que esses discursos bem-intencionados não correspondem aos seus principais objetivos, que seriam a manutenção da desigualdade, preconceito etc. Por entender que estão defendendo o fim das injustiças sociais, há uma tendência por parte da visão irrestrita em considerar seus adversários como essencialmente desonestos e corrompidos, pois estão em oposição a tudo que defendem.

A visão restrita não dá tanto valor à sinceridade, pois entendem que não é pelo fato de alguém ser bem-intencionado em seus princípios que ele, de

fato, fará um bom trabalho e agirá sempre de maneira justa. Assim sendo, é muito mais importante a fidelidade aos papéis estabelecidos, independentemente se essa fidelidade possa prejudicar o seu grupo ou beneficiar seu opositor. Nesse caso, o mais importante é o cumprimento do que está estabelecido.

### 3.6.

#### **Teoria dos Fundamentos Morais**

Partindo do mesmo princípio de Sowell, que progressistas e conservadores possuem distintas perspectivas de um mesmo fenômeno, Jonathan Haidt, em sua Teoria dos Fundamentos Morais, explica cientificamente que as diferentes perspectivas destas duas ideologias existem por conta delas possuírem diferentes conjuntos de fundamentos morais.

A teoria dos Fundamentos Morais traz uma explicação psicológica na forma como funciona o raciocínio humano fundamentado em questões morais, sobretudo aquelas determinadas em visões ideológicas, que segundo o autor, estão intrinsecamente associadas a valores morais. A origem desta teoria estava inicialmente em associar as diferenças culturais, as diferenças de visões morais que há em diferentes culturas, tanto que Jonathan Haidt e Craig Joseph – coautor da teoria junto com Haidt– reconhecem no antropólogo cultural americano Richard Shweder como aquele que deu base ao desenvolvimento desta teoria. Por entender que as divergências e conflitos ideológicos estão associados a valores morais, que as visões ideológicas se equiparam a visões culturais, Haidt, junto com Jesse Graham, voltaram a suas pesquisas para as divergências ideológicas entre conservadores e progressistas nos EUA.

Esta teoria entende que há uma grande complexidade na forma como a mente age em questões morais, que o funcionamento da mente moralista pode ser equiparado a papilas gustativas, que há mais de um tipo de

receptor de sabor, mas de forma limitada, e que com a combinação desses receptores é possível ter uma grande quantidade de combinações gastronômicas. Estes receptores gustativos surgem nos seres humanos devido a necessidades evolutivas, como por exemplo, a distinção do sabor amargo como uma forma de se proteger de frutos venenosos; do azedo, como forma de distinguir os alimentos verdes ou estragados; ou mesmo do sabor doce, que por estar associada à fonte de energia, teve um desenvolvimento importante no paladar, inclusive elevando o nível de dopamina, elevando a satisfação pelo alimento consumido. Ou seja, com base em necessidades evolutivas, o paladar humano desenvolveu um grupo de receptores gustativos, e com base nesses receptores, a humanidade desenvolveu uma série de combinações gastronômicas, e com a mente moralista, não é diferente. Para Haidt, há seis “receptores gustativos” morais, ou melhor, seis fundamentos morais – embora o mesmo admita que ainda esteja em aberto a quantidade destes receptores – e com esta quantidade limitada de receptores foi possível desenvolver diversas formas de moralidades em diferentes culturas.

“Nós humanos, todos temos os mesmo cinco receptores de sabor, mas não gostamos dos mesmos alimentos. Para entender a origem dessas diferenças, podemos começar com uma história evolucionista sobre frutas doces e animais gordos, considerados bons alimentos por nossos ancestrais comuns. Mas também temos de examinar a história de cada cultura, e analisar os hábitos de alimentação na infância de cada um. Só por saber que todos temos receptores para doces não podemos dizer porque alguém prefere comida tailandesa em vez de comida mexicana, ou porque dificilmente alguém colocaria açúcar na cerveja. Daria muito trabalho conectar os universais receptores de sabor a coisas específicas que uma pessoa em particular coma ou beba. O mesmo acontece com as opiniões morais. Para entender porque as pessoas são tão divididas por questões morais, podemos começar com a exploração de nossa herança evolutiva comum, mas também

teríamos de examinar a história de cada cultura e da socialização infantil de cada indivíduo dentro de cada cultura. Só por saber que todos nós nos preocupamos com o mal não podemos dizer porque alguém prefere caçar em vez de jogar futebol ou por que dificilmente alguém devotaria a maior parte do seu tempo ajudando os pobres. Daria muito trabalho conectar os universais receptores de sabor moral a específicas opiniões morais que uma pessoa em particular possa ter.” (HAIDT, 2012 p. 131)

Esta forma pluralista de descrever as preocupações morais confronta a tese dos estágios de desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg. A tese de Kohlberg entende que os estágios de raciocínio moral estão fundamentados na justiça, que o centro da moralidade está nos princípios de justiça, que é a partir dela que se formam os julgamentos morais e se criam os conjuntos de regras aceitas pelo grupo. Conforme afirma Angela Biaggio em sua obra *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*, essa centralidade da justiça no julgamento moral faz parte da obra de Piaget, pois “ele definiu a moralidade como uma atitude de respeito pelas pessoas e pelas regras, aliando-se, portanto, a Kant” (Angela Biaggio, 2002). Outro grande psicólogo, Elliot Turiel, através de suas descobertas entendeu que as crianças, em determinadas situações, baseiam o seu juízo moral pelas “convenções sociais”, pelas regras que poderiam variar dependendo das circunstâncias e situações, mas em situações que envolve dano, elas irão ter o mesmo juízo independentemente das circunstâncias inseridas. Ou seja, “crianças constroem seu conhecimento moral sobre o fundamento da verdade moral absoluta de que o dano é errado” (Haidt, 2012. p.21). Ainda que Turiel parte por uma abordagem sobre o desenvolvimento moral diferente de Kohlberg, estes se assemelhavam por entender que a moralidade está relacionada à justiça e bem-estar, e essa seria a principal corrente de explicação da psicologia moral.

A questão é que, segundo Haidt, apenas a justiça, ou dano e justiça, não explicam questões relacionadas à hierarquia, lealdade, respeito, autoridade, tradição, dever, piedade, entre outros, que são elementos presentes em uma grande quantidade de culturas. Com base nisso, Haidt formula a sua Teoria dos Fundamentos Morais, onde se entende que “*a moralidade envolve mais do que dano e justiça*” (Haidt, 2012, p. XIX), sendo este o **segundo princípio** da Psicologia moral. O **primeiro princípio**, que fundamenta a Psicologia moral, que é a base da Teoria dos Fundamentos Morais, é: *A intuição vem primeiro, depois o raciocínio estratégico* (Haidt, 2012, p.XVIII), conforme ele descreve em seu Modelo Social-Intuicionista, que foi abordado aqui no segundo capítulo.

A Teoria dos Fundamentos Morais se iniciou com cinco fundamentos universais, sendo estes: do Cuidado/dano; Justiça/trapaça; Lealdade/traição; Autoridade/subversão; Pureza/degradação. Na obra *A Mente Moralista*, Haidt inclui o sexto fundamento moral universal: Liberdade/opressão. Abaixo, temos o primeiro rascunho de Haidt da Teoria dos Fundamentos Morais com os cinco fundamentos:

Quadro 1: Os cinco fundamentos morais

	<b>CUIDADO/ DANO</b>	<b>JUSTIÇA/ TRAPAÇA</b>	<b>LEALDADE /TRAÇÃO</b>	<b>AUTORIDA DE/ SUBVERSÃO</b>	<b>PUREZA/ DEGRADAÇÃO</b>
<b>DESAFIOS ADAPTATIVOS</b>	Proteger e cuidar de crianças	Colher benefícios recíprocos em parcerias	Formar coalizões coesivas	Forjar relacionamentos benéficos dentro de hierarquias	Evitar contaminantes
<b>GATILHOS ORIGINAIS</b>	Sufrimento, angústia ou necessidade expressa pela criança de alguém	Trapaça, cooperação, decepção	Ameaçar ou desafiar um grupo	Sinais de dominação e submissão	Desperdício de produtos, pessoas doentes
<b>GATILHOS ATUAIS</b>	Bebês, focas, personagens fofos de desenho animado	Fidelidade matrimonial, máquinas de vendas quebradas	Times esportivos, nações	Chefes, profissionais respeitados	Ideias tabus (comunismo, racismo)
<b>EMOÇÕES CARACTERÍSTICAS</b>	Compaixão	Raiva, gratidão, culpa	Orgulho grupal, ódio aos traidores	Respeito, medo	Repugnância
<b>VIRTUDES RELEVANTES</b>	Cuidado, carinho	Honestidade, justiça, confiança	Lealdade, patriotismo, auto-sacrifício	Obediência, deferência	Calma, castidade, piedade, limpeza

Quadro 1: Rascunho dos cinco fundamentos morais. (Haidt, 2012. p.143)

**O primeiro fundamento: Cuidado/dano:** Antes de tudo, Haidt entende que os fundamentos morais são universais, que todas as pessoas do mundo as possuem "pré-configuradas" em seus genes por conta da evolução, mas com a flexibilidade e sujeição a alterações de acordo com a cultura e outros fatores de cada pessoa. O exemplo do fundamento do Cuidado, que tem a repulsa pelo dano, teria como sua base evolutiva a proteção e o cuidado dos filhos, que foi e é algo de grande importância para a perpetuação da espécie. Em razão disso, ela fornece gatilhos de ternura quando vemos bebês, animais, entre outros fatores remete a

alguém indefeso, e consequentemente o oposto, gatilhos de repulsa quando estes são maltratados. Haidt afirma que essa é uma característica muito típica dos mamíferos, que, ao contrário dos répteis, passaram a dedicar mais ao cuidado dos filhos, aumentando o custo da maternidade por conta da amamentação. Com a humanidade, essa dedicação acaba sendo maior, pois por conta do tamanho do feto, principalmente de sua cabeça, todo o período de gestação, parto e pós parto precisa que se tenha a quem ajudar à mulher em todo este processo. O tamanho da cabeça do bebê dificulta com que a mãe consiga gerar sozinha o seu filho, e todo esse processo não só fez com que as mulheres tenham essa grande preocupação com a maternidade, como também os pais, ainda que em menor grau (Haidt, 2012). Ainda que a origem deste fundamento tenha a sua base na maternidade, este pode ser direcionado a outros fatores de construção cultural.

**Segundo fundamento: Justiça/trapaça:** O fundamento da Justiça, ou Equidade, seria uma resposta da evolução à adaptação no benefício em cooperar com aqueles que não irão trapacear, que não irão tirar proveito do seu esforço. Esta resposta trouxe o princípio do “toma lá, dá cá”, onde ajudamos e retribuímos àqueles que estão propensos a nos ajudar e retribuir, ou a cooperar em situações de ganhos mútuos. Isso fez com que os seres humanos tivessem uma grande rejeição aos trapaceiros, pois estes seriam prejudiciais ao próprio desenvolvimento da espécie. A cooperação foi um dos principais fatores com que a humanidade atingiu o estágio atual, pois ao observar como é a vida humana, a observamos como uma série de cooperações onde os ganhos são mútuos, e foi sempre nestas condições que a humanidade conseguiu seus maiores êxitos. O gatilho da justiça tem suas variações em diferentes culturas.

“Os caçadores trabalham juntos para derrubar presas grandes que ninguém poderia pegar sozinho. Os vizinhos veem as casas uns dos outros e se emprestam ferramentas. Os colegas de trabalho cobrem os turnos

uns dos outros. Por milhões de anos, nossos antepassados enfrentaram o desafio adaptativo de colher esses benefícios sem que fossem trapaceados. Aqueles cujas emoções morais os obrigaram a jogar "pau a pau" colheram mais desses benefícios do que aqueles que jogaram qualquer outra estratégia, como "ajudar alguém que precisa" (que convida à exploração), ou "pegue, mas não dê" (o que pode funcionar apenas uma vez com cada pessoa, pois em pouco tempo ninguém mais ia querer dividir o bolo com você). Os gatilhos originais dos módulos Equidade são atos de cooperação ou egoísmo que as pessoas mostram em nossa direção. Nós sentimos prazer, amizade e amizade quando as pessoas mostram sinais de que podem ser confiáveis para corresponder. Sentimos raiva, desprezo e, às vezes, desagrado quando tentam nos enganar ou tirar proveito de nós." (HAIDT, 2012, p.157)

**Terceiro fundamento: Lealdade/traição:** Este fundamento está muito relacionado à importância da cooperação na evolução a nível de grupos que foi abordado no segundo capítulo. Como há a importância para a espécie se formar em grupos para se desenvolverem em conjunto e para se protegerem de ameaças externas, consequentemente a lealdade ao grupo se tornou algo imprescindível. Aquele que se demonstrar mais leal ao grupo será visto como alguém confiável, que o grupo poderá sempre contar. Já o oposto, a traição, acaba sendo o pior dos mundos, pois pior que seu inimigo, qual se pode preparar para um eventual ataque, é a traição de um dos seus, aonde o ataque vem quando a guarda está baixa. Do ponto de vista evolutivo, a reação à traição foi uma necessidade para a sobrevivência do grupo, e isso fez com que a lealdade fosse cada vez mais honrada.

Haidt usa o exemplo da apostasia na religião islã. No Alcorão, o apóstata, ou seja, o muçulmano que trai a sua fé, está propenso a sofrer as mais duras penas, como a própria morte. O Alcorão não ordena que um muçulmano mate a um judeu, mas ordena que mate o muçulmano que

traia a sua fé e venha a se tornar um judeu ou adepto a outra religião (Haidt, 2012). Isso é muito parecido com a própria Inquisição católica, onde o objetivo original era punir apenas os hereges, aqueles que supostamente falsificavam a fé cristã. Historicamente, a traição sempre teve uma punição mais severa, inclusive, em tempos de guerra, a traição é passível à pena de morte no Brasil. Ela consta no artigo 355 do Código Penal Militar, onde o crime inaugural passível de morte é justamente a traição.

“Muitos sistemas psicológicos contribuem para o efetivo tribalismo e sucesso na competição entre grupos. A fundação Lealdade/Traição é apenas uma parte de nossa preparação inata para enfrentar o desafio adaptativo de formar coalizões coesas. O gatilho original para a fundação Lealdade é qualquer coisa que diga quem é um jogador de equipe e quem é um traidor, principalmente quando sua equipe está lutando com outras equipes. Mas por amarmos tanto o tribalismo, procuramos maneiras de formar grupos e equipes que possam competir apenas pela diversão de competir. Muito da psicologia dos esportes é sobre expandir os gatilhos atuais da fundação Lealdade para que as pessoas possam ter os prazeres de se reunir em busca de troféus inofensivos. (Um troféu é evidência de vitória. O desejo de ganhar troféus – incluindo partes do corpo de inimigos mortos – é generalizada na guerra, ocorrendo mesmo nos tempos modernos.) (Haidt, 2012, p. 162)

**Fundamento da Autoridade/subversão:** Este fundamento está também relacionado à evolução de grupos, para um maior fortalecimento e coesão de um grupo. É possível ver em outras espécies de animais a importância que se dá na hierarquia e na dominância, como galinhas, cães, abelhas, chimpanzés, formigas etc. Nesses casos, inclusive com os chimpanzés, em que a hierarquia é basicamente formada pela força bruta, ela possui

sua importância para a manutenção do grupo, quando existe um macho alfa óbvio, este impede que haja um conflito violento entre os outros machos na disputa do poder. Sendo assim, o macho alfa pacificaria o grupo com a sua autoridade reconhecida.

A força bruta é apenas uma de diversas formas de se obter autoridade. Para a humanidade, a autoridade pode ser reconhecida por aquele que assume a responsabilidade de manter a ordem e a justiça. Ela pode trazer consequências negativas, como por exemplo, a exploração dessa autoridade, a tomada de medidas em que muitos do grupo reprovam, mas que pelo garantimento da paz e da prosperidade do grupo, acaba sendo algo suportável. Os atos de rebeldia e subversão à autoridade reconhecida pelo grupo serão reprovados por estes. Para fazer sentido, este fundamento precisa do reconhecimento da legitimidade da autoridade, pois caso contrário, a subversão perde o seu peso negativo.

“Os gatilhos originais de alguns desses módulos incluem padrões de aparência e comportamento que indicam posições altas versus baixas. Como os chimpanzés, as pessoas classificam e se lembram quem está acima de quem. 34 Quando as pessoas dentro de uma ordem de hierarquia agem de modo que possa negar ou subverter a ordem, sentimos instantaneamente, mesmo quando não estivermos diretamente envolvidos. Se a Autoridade faz parte da proteção da ordem e evitar o caos, então todo mundo está a postos para apoiar a ordem existente e manter as pessoas confiáveis para dar conta das obrigações em seus lugares de atuação.” (Haidt, 2012, p.167)

**Fundamento da Pureza/degradação:** O fundamento da Pureza ou Santidade está ligado à reação àquilo que pode macular o que é sagrado, o que é importante para a vida e para a manutenção da sociedade. Está ligado com a repulsa ou fobia com o que foge à normalidade, com o que é visto como degradante ou “sujo”. Do ponto de vista evolutivo, Haidt diz

que este fundamento evoluiu como resposta ao dito “dilema do onívoro” e ao desenvolvimento de um sistema imunológico comportamental. A primeira resposta, ao dilema do onívoro, se deu, pois a flexibilidade da alimentação dos animais onívoros fez com que estes se tornassem mais abertos à novidade, em explorar os mais diversos tipos de alimentos da natureza, como também mais repulsivos, ao medo aos alimentos tóxicos e infectados. No caso, o dilema do onívoro passa a vida com a neofilia (atração por coisas novas) e a neofobia (medo das coisas novas), que seriam dois motivadores concorrentes. Já o desenvolvimento do sistema imunológico comportamental está relacionado à necessidade de evitar doenças transmitidas por patógenos, parasitas entre outras ameaças que surgem por aproximação, pois se percebeu que a limpeza é um fator importante para se evitar doenças, que o que temos à nossa percepção como “sujeira”, seria algo propenso à contaminação. Ou seja, para evitar doenças, os seres humanos adquiriram repulsa intuitiva – seja pela visão, pelo cheiro ou pelo tato – a tudo aquilo que é passível de contaminação e a ter mais cautela com uma variedade diversificada de ameaças simbólicas. Esse gatilho evolutivo acabou sendo usado, por intuição, na própria cultura, no modo de agir e viver.

“Os gatilhos atuais da fundação Santidade, no entanto, se tornaram extraordinariamente variáveis e expansíveis (mais abrangentes) através dos tempos e das culturas. Uma expansão comum e direta é o da segregação (e auto-segregação) de membros. Culturas diferem em suas atitudes em relação aos imigrantes, e há alguma evidência de que atitudes liberais e de boasvindas são mais comuns em épocas e lugares em que o risco de doenças é menor. 41 Pragas, epidemias e novas doenças são normalmente trazidas por estrangeiros – assim como novas ideias, bens e tecnologias – de modo que as sociedades enfrentam algo análogo ao dilema do onívoro, equilibrar xenofobia com xenofilia.” (Haidt, 2012, p.171)

**O fundamento da Liberdade/opressão:** A criação do sexto fundamento surge na obra *A Mente Moralista* como complemento à já estabelecida Teoria dos Fundamentos Morais. Este fundamento está ligado ao receio de ser dominado por alguém ilegítimo. Isso fomenta o desejo de resistência, e de se organizar em grupos para derrotar agressores. Para chegar à conclusão da origem deste fundamento, Haidt se baseou nos estudos do antropólogo cultural Christopher Boehm, mais especificamente na obra *Hierarchy in the Forest* (2001). Nesta obra de Boehm, o antropólogo conclui que os seres humanos são hierárquicos por natureza, assim como os chimpanzés, mas que em um período da evolução, os ancestrais humanos passaram a viver em grupos igualitários, como forma de se proteger de um provável macho alfa com a intenção de dominar o grupo.

Em menor escala, essa união entre iguais para se proteger daquele com intenção de dominar o grupo também acontece com os chimpanzés. Boehm diz que esse comportamento é observável entre os chimpanzés, fazendo com que o macho alfa tenha que obter uma habilidade política para manter o seu domínio, e não somente impor o seu domínio de forma violenta. No caso dos seres humanos, por conta principalmente do desenvolvimento de armas primitivas e da linguagem, passou a ser mais fácil se defender dos dominadores. Com as armas, o nivelamento da força física diminuiu, enquanto com o uso da linguagem, foi possível fazer fofocas sobre violações morais, como forma de compartilhar as mesmas insatisfações. Este comportamento não mudou por completo a natureza humana, pois ela ainda mantinha o seu caráter hierarquista e de dominação, mas que houve o que Boehm chamou de “autodomesticação”. Ou seja, os seres humanos ainda eram como os chimpanzés, mas “domesticados”, talvez como a diferença entre um *gato selvagem* para um *gato doméstico*.

“Não faz parte da natureza humana subitamente mudar e se tornar igualitária, os homens ainda tentam dominar uns aos outros quando podem seguir nessa direção. Por

isso, pessoas equipadas com armas e argumentos criaram o que Boehm chamou de "hierarquia invertida de dominação" em que os armados e os influenciadores se juntam para dominar e restringir os machos alpha em potencial (isso é esquisitamente similar ao sonho de Marx chamado "ditadura do proletariado"). O resultado é um frágil estado de igualdade política obtida pela cooperação de criaturas geneticamente predispostas a organizações hierárquicas. É um grande exemplo de como "inato" faz referência a um primeiro rascunho da mente. A edição final pode parecer bem diferente, por isso é um erro olhar para os caçadores-coletores atuais e dizer: "Veja, é assim que a natureza humana realmente se parece!" Para os grupos que fizeram essa transição política para o igualitarismo, havia um abismo até o desenvolvimento dos princípios morais. [...] Genes e práticas culturais (tais como o genocídio dos desviados) evoluíram em conjunto." (Haidt, 2012, p. 197).

O fundamento da Liberdade aparentemente entra em conflito com o fundamento da Autoridade, e isso mostra o quão complexa é a mente humana. Tendemos a reconhecer autoridades, mas também temos cautela em aceitar qualquer autoridade. O líder precisa ganhar a confiança dos seus subordinados, precisa agir de forma política para manter o seu domínio. Em suma, o fundamento da Liberdade está relacionado ao igualitarismo e ao anti-autoritarismo, que é um fator muito presente na política.

### 3.7.

#### **Os Fundamentos Morais na política**

A partir de 2008, Haidt se propôs a fazer questionários online para mensurar a pontuação das pessoas nos fundamentos morais em

divergências ideológicas. Ele formulou o *MFQ*, que seria o Questionário de Fundações Morais, com intuito de descobrir o motivo que leva as pessoas a voltarem em conservadores, isso está muito bem descrito em seu artigo “*What Makes People Vote Republicans*” de 2008. Neste artigo, Haidt já explica que há diferenças dos níveis de fundamentos morais entre os conservadores e progressistas americanos. No caso, os conservadores possuem os seis fundamentos de forma nivelada, enquanto os progressistas possuem apenas três dos seis fundamentos como base em seus princípios. Isso foi se confirmando cada vez mais na medida em que Haidt aprimorava o seu *Moral Foundations Questionnaires* (MQF), questionários que se iniciaram em 2006, e que já possui centenas de milhares de questionários feitos em 2011, na plataforma YourMorals.org.

Em relação às duas ideologias, o fundamento do Cuidado está presente em conservadores e progressistas em diferentes formas, no caso dos progressistas, este fundamento está muito mais presente, ou seja, há uma preocupação muito maior por parte dos progressistas ao cuidado que com os conservadores, embora estes também tenham consideráveis preocupações. Em relação ao fundamento da Justiça, Haidt entende que as duas ideologias possuem diferentes percepções. Enquanto a esquerda tem este fundamento mais voltado para a igualdade, a direita está mais preocupada com a proporcionalidade, que seria equivalente à meritocracia. A preocupação da esquerda com a igualdade está fundamentada também no fundamento do Cuidado/trapaça, onde há uma preocupação com a justiça social, com a justiça aos mais frágeis, àqueles que devemos ter um maior cuidado. Ou seja, os fundamentos se interligam entre si. Os fundamentos da Autoridade, Lealdade e Pureza estão presentes apenas nos conservadores, os progressistas não veem lógica nestes fundamentos.

A Lealdade está mais presente quando há um sentimento nacionalista. Como os progressistas estão mais inclinados ao universalismo, ou ao internacionalismo, estes acabam fundamentando muito pouco dos seus princípios no fundamento da lealdade. Ao fundamento da Autoridade, este se trata por questões mais óbvias, os progressistas são mais avessos à

hierarquia, pois defendem o igualitarismo. Por defender uma sociedade mais igualitária, o apreço por uma autoridade, ou seja, por alguém com mais poder que os demais, faz que seus princípios não estejam tão fundamentados no fundamento da Autoridade. Já o fundamento da Pureza, este por estar mais relacionado a princípios religiosos, sobretudo quando se fala em cristianismo, este fundamento está muito relacionado com os conservadores. Haidt diz que este fundamento é importante para compreender as guerras culturais e ideológicas americanas, pois ele está intrinsecamente ligado às principais pautas de costumes, como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo etc. Quanto mais forte é o fundamento da Pureza, mais fechado ao diferente é o indivíduo, e quanto menor, mais aberto ele é. Não é à toa que os progressistas nos EUA normalmente chamam os conservadores de “puritanistas”.

Até a publicação de *A Mente Moralista*, Haidt tinha apenas estes cinco fundamentos em sua Teoria dos Fundamentos Morais. Com estes cinco o autor já conseguia distinguir diferenças importantes no fundamento moral dos progressistas e dos conservadores, mas com essa inclusão o autor passou a entender o porquê que os americanos que residem nas áreas rurais e mais pobres preferem votar nos Republicanos a nos Democratas, uma vez que os democratas que se propõe a defender uma redistribuição mais uniforme dos rendimentos do país. O fundamento da Liberdade, para os progressistas, está relacionado ao igualitarismo e antiautoritarismo, enquanto para os conservadores, sobretudo para os libertários (no Brasil, liberais), este fundamento está ligado ao sentimento antigoverno, de menos controle do governo em questões econômicas. Os conservadores norte-americanos estão ligados aos princípios liberais, que são os princípios fundadores dos EUA. Por consequência, os conservadores possuem princípios de defesa da liberdade econômica, como também das liberdades individuais, que são princípios liberais clássicos. Já os progressistas normalmente defendem as liberdades coletivas, onde o foco está nos grupos desfavorecidos na sociedade. Em suma, essa é a principal distinção do fundamento da Liberdade que ambos possuem.

Alguns dos métodos do MFQ é o uso de diversas perguntas que, a princípio, não parecem ter relação com as diferenças políticas, como por exemplo: as características de cães que teriam preferência na escolha para tê-lo como seu animal de estimação, mas que está diretamente ligada aos fundamentos morais. Com essa pergunta, foi possível descobrir que as características dos cães escolhidos estão relacionadas em suas próprias matrizes morais. Os progressistas têm preferência por cães relacionados ao fundamento do Cuidado e da Justiça, como cães mais dóceis e que se relacionem com os donos como iguais (Haidt, 2012), Enquanto os conservadores preferem cães mais leais e obedientes, que estão relacionados com os fundamentos da Lealdade e Autoridade, respectivamente.

Além desses questionários feitos pela internet, a diferença de padrão entre conservadores e progressistas também foi possível ser percebida entre Igrejas progressistas e conservadoras.

### **3.8.**

#### **A dificuldade de compreensão pelo ponto de vista do outro**

Com o seu MFQ, Haidt pôde observar que pelo fato dos progressistas possuírem pouco ou nenhum fundamento moral com base na Autoridade, Lealdade e Pureza, este grupo acaba tendo dificuldades de compreender as premissas dos conservadores, não conseguem compreender o porquê que os conservadores dão importância ao patriotismo, ou mesmo são hostis a imigrantes. Como não possuem estas papilas gustativas apuradas, acabam interpretando com o que acaba fazendo mais sentido: são conservadores porque são preconceituosos; porque têm medo de mudanças; porque foram criados por pais rigorosos. Já os conservadores,

por terem os mesmos botões gustativos dos progressistas, ainda que com outra direção, acabam percebendo lógica nas reivindicações dos progressistas, ainda que discordando frontalmente. Mais especificamente, entre os progressistas, aqueles que se identificam como muito progressistas são os que mais terão dificuldades de compreender as reivindicações dos conservadores, enquanto os progressistas mais moderados terão uma percepção maior.

A própria motivação de Haidt, que é um progressista, em querer compreender o que leva as pessoas a voltarem nos republicanos, sobretudo as que vivem no interior, pois quem aparentemente defende mais os interesses dos que vivem no interior são os democratas, com suas pautas sociais de mais redistribuição de renda. O que acaba normalmente ocorrendo é se basearem na explicação marxista de alienação, pois em sua consciência jamais votariam em quem supostamente defende a elite econômica de Wall Street. Ao compreender que há fundamentos morais que fundamentam as motivações conservadoras em determinadas pautas, e que estes fundamentos não são usados pelos progressistas, é possível perceber um sentido mais exato do pensamento conservador.

### **3.9.**

## **Considerações sobre o Capítulo 3**

Ao refletir sobre as motivações que levam as pessoas a se dividirem e entrar em conflitos entre grupos no segundo capítulo, percebemos que esses conflitos se manifestam em diversos campos da sociedade, incluindo a política. Para entender as causas que fomentam os conflitos políticos, precisamos compreender as diferenças ideológicas que existem entre os espectros políticos de direita e esquerda.

No entanto, essa tarefa não é tão simples quanto parece. A terminologia política é frequentemente subjetiva, variando de acordo com a localidade,

o período histórico e a interpretação de cada ideologia. Além disso, há o fenômeno da Janela dos Discursos, que pode manipular esses conceitos e tornar ainda mais difícil compreender a natureza das ideologias políticas.

Para superar esses obstáculos, é necessário identificar fatores objetivos que permitem diferenciar os espectros políticos. Vários pensadores tentaram fornecer formas mais sofisticadas de organizar o espectro político, como o Diagrama de Nolan e a Teoria da Ferradura, mas essas teorias não foram tão amplamente aceitas como se esperava.

Portanto, é importante entender que as diferenças ideológicas entre direita e esquerda não são apenas baseadas nas pautas defendidas, mas também na forma como cada uma dessas ideologias enxerga o mundo. Por exemplo, a direita pode acreditar que a liberdade individual é o valor mais importante, enquanto a esquerda pode priorizar a igualdade social. Essas diferentes visões podem levar a conflitos quando se trata de políticas públicas, como a distribuição de recursos e a regulação da economia.

Em suma, compreender as diferenças ideológicas entre direita e esquerda é essencial para entender o cenário político atual. Embora não seja uma tarefa simples, é importante continuar a buscar formas mais objetivas de definir essas ideologias para garantir um diálogo construtivo e evitar conflitos desnecessários.

Com uma forma de solucionar estes problemas apresentados pela falta de objetividade nestas terminologias, o cientista político Norberto Bobbio tentou buscar qual seria o fator que sempre distinguiu a direita da esquerda em todos os períodos e locais, para traçar uma maior objetividade na distinção destas duas terminologias, assim chegando à conclusão de que o que melhor distingue a direita da esquerda é o fato da esquerda defender a igualdade, enquanto a direita defender a desigualdade. Ainda que Bobbio tenha levantado questões de grande importância e chamado à atenção da liquidez desses conceitos, entendo que essa distinção partiu por uma perspectiva que favorece muito mais o

espectro da esquerda, pois se aplica elementos negativos ao conceito de direita, ainda que este não tenha sido o objetivo do autor, e que inclusive, para o próprio Norberto Bobbio seria preferível uma centro direita a uma extrema esquerda, pois a democracia seria um valor que deveria estar acima das ideologias.

O problema é que é muito mais provável uma centro-esquerda se aliar com a extrema esquerda para combater uma direita democrática, do que se aliar com essa direita para combater uma extrema-esquerda, assim também como é mais provável a centro-direita se aliar com sua versão extrema do que com a centro-esquerda, pois o que acaba tendo mais peso são os objetivos essenciais ideológicos, não os meios a serem aplicados. Como a Teoria da Ferradura não levou em consideração “a essência” do que cada ideologia defende; conforme descreveu Trotsky ao questionar aqueles que afirmavam que a extrema direita e a extrema esquerda estão bem próximas ideologicamente; não se percebeu que, por exemplo, a centro-esquerda dificilmente se aliaria com uma ideologia que, pela sua percepção, defende pautas que acarretam em desigualdades, por mais que sejam defendidas de forma democrática. A centro-esquerda apenas aceitaria se aliar com a centro-direita para combater a extrema-direita, assim como o oposto. Bobbio tampouco levou em consideração a essência do pensamento da direita em sua tese, pois no caso da defesa da desigualdade por parte da direita, não há qualquer pensador neste campo em que defende a desigualdade como principal objetivo, mas apenas por uma consequência de algo que ela entende ser mais importante.

Por fim, Thomas Sowell e Jonathan Haidt trouxeram explicações que considero mais satisfatórias para as diferenças ideológicas: elas estão principalmente na forma como cada uma enxerga o mundo. Ou seja, as diferenças ideológicas não se explicam apenas pelas pautas defendidas, mas pela lógica e fundamentos em que elas se baseiam. Sowell e Haidt partem de princípios apriorísticos para distinguir a direita da esquerda, ou os conservadores dos progressistas, diferentemente de Norberto Bobbio. Embora as teorias do Conflito de Visões e dos Fundamentos Morais

partam de perspectivas diferentes, elas se complementam. Sowell parte de princípios filosóficos para concluir que conservadores e progressistas possuem visões opostas sobre a natureza humana, enquanto Haidt parte de princípios evolutivos e psicológicos para entender que as diferentes ideologias estão baseadas em diferentes preocupações morais. Por exemplo, os progressistas não têm preocupações morais relacionadas à autoridade, santidade e lealdade, como os conservadores.

Outro ponto interessante dessas duas teorias é que elas sugerem que há uma conciliação no centro, e que quanto mais extremista for a posição ideológica, mais difícil será o diálogo e a compreensão da ideologia divergente. No seu Questionário de Fundamentos Morais (MFQ), Haidt demonstrou que progressistas e conservadores menos radicais compreendiam melhor a lógica por trás da defesa das pautas da ideologia oposta do que os mais radicais. A teoria de Haidt também pode ser usada para outras ideologias além das conservadoras e progressistas, como a visão libertária, que está fundamentada em um único fundamento moral: a liberdade/opressão. Da mesma forma, a tese de visão restrita e irrestrita de Sowell não implica necessariamente um maniqueísmo, pois é possível estar entre as duas visões ou ter um tipo de visão para um determinado segmento da vida e outro para outro segmento, como o autor deixou claro.

Com base nas reflexões apresentadas, é possível inferir que as raízes dos conflitos ideológicos residem nas diferentes formas de raciocínio adotadas por cada grupo ideológico. Como esses grupos partem de premissas distintas, suas interpretações sobre as motivações da outra ideologia tendem a ser equivocadas, o que se configura como um fator apriorístico das causas dos conflitos ideológicos. Esse fenômeno é aplicável a uma variedade de conflitos motivados por questões ideológicas, independentemente das conjunturas políticas.

Além disso, a tendência natural dos seres humanos de se agruparem e entrarem em conflitos em grupos é um fator agravante dessas tensões ideológicas, principalmente entre direita e esquerda, que possuem posições antagônicas e disputam o mesmo espaço político. Em situações

em que duas ou mais ideologias concorrentes possuem níveis consideráveis de popularidade e relevância no cenário político, a polarização se torna uma possibilidade bastante provável.

Contudo, é importante ressaltar que esses levantamentos apriorísticos não fornecem uma explicação completa de todas as causas da polarização ideológica. É necessário analisar cuidadosamente o contexto político e histórico em que essa polarização ocorre, bem como a posição da Janela dos Discursos dentro desse cenário. Os levantamentos apriorísticos apresentados nos capítulos dois e três deste trabalho servirão como uma base sólida para uma análise empírica do caso, que não será essencialmente abordada nesta dissertação.

## 4

### A polarização ideológica no Brasil

#### 4.1.

##### **A antiga polarização entre PT e PSDB**

A polarização entre PT e PSDB foi vista historicamente como a maior polarização política na pós-redemocratização, sendo disputada de forma direta em seis eleições ao maior cargo da república brasileira. Contudo, há controvérsias se esta polarização é de fato uma polarização ideológica, ou mesmo equiparável com a polarização ocorrida nas eleições de 2018. Por esse motivo, antes de tudo, seria fundamental analisar a natureza desses dois tipos de polarização, pois o levantamento feito nos dois capítulos anteriores tem como intuito compreender as polarizações políticas motivadas por questões ideológicas, que são intrinsecamente ligadas a valores morais.

Pela perspectiva da esquerda, o PSDB é visto como um partido de direita, ou centro-direita, que defende o liberalismo econômico, e muitas vezes, o conservadorismo. Essa justificativa se dá normalmente pelo fato dos governos Fernando Henrique Cardoso (ou FHC, como será usado neste trabalho) ter adotado o tripé macroeconômico, com uma grande quantidade de privatizações; política de estabilização da moeda, que se iniciou no governo Itamar Franco, onde FHC era o seu Ministro da Fazenda; pela abertura da economia brasileira ao mercado internacional;

entre outras medidas consideradas “neoliberais” para a esquerda. A crítica mais ferrenha e comum da esquerda ao governo FHC foi certamente em relação às privatizações, sobretudo por considerarem as vendas desvantajosas à população. Um grande exemplo é a tese da obra: *O Brasil privatizado: Um balanço do desmonte do Estado*, de Aloysio Biondi, de 1999. Este livro foi amplamente divulgado na época, e muito citado em trabalhos acadêmicos. A crítica do autor é tão ferrenha que chega a colocar FHC inclusive como mais radical que Margaret Thatcher, que FHC teria favorecido mais aos capitalistas que a própria Primeira Ministra britânica.

“A febre da privatização e o impulso ao chamado neoliberalismo tiveram seu ponto de partida na Inglaterra, com a primeira-ministra Margaret Thatcher. Mas mesmo a “dama de ferro” fez tudo diferente do governo Fernando Henrique Cardoso: a privatização inglesa não representou a doação de empresas estatais, a preços baixos, a poucos grupos empresariais. Ao contrário: seu objetivo foi exatamente a “pulverização” das ações, isto é, transformar o maior número possível de cidadãos ingleses em “donos” de ações, acionistas das empresas privatizadas.” (Biondi, 1999, p. 20)

O famoso discurso de 1989 do então senador pelo PSDB Mário Covas, que foi um dos fundadores do partido e o primeiro presidente, intitulado “Choque de Capitalismo”, também contribuiu muito para uma visão neoliberal do partido. Neste discurso, Covas defende uma social-democracia moderna como as europeias, mas o que mais chamou a atenção foi a sua defesa às medidas liberais e sua ferrenha crítica ao intervencionismo e ao desenvolvimentismo, conforme no texto abaixo:

“Hoje, com a aceleração das transformações tecnológicas, geopolíticas e culturais que o mundo está atravessando, a opção é manter-se na vanguarda ou na retaguarda das transformações. É com esse espírito de vanguarda que temos que reformar o Estado no Brasil. Tirá-lo da crise, reformulando suas funções e seu papel. Basta de gastar sem ter dinheiro. Basta de tanto subsídio, de tantos incentivos, de tantos privilégios sem justificativas ou utilidades comprovadas. Basta de empreguismo. Basta de cartórios. Basta de tanta proteção à atividade econômica já amadurecidas.

Mas o Brasil não precisa apenas de um choque fiscal. Precisa, também de um choque de capitalismo, um choque de livre iniciativa, sujeita a riscos e não apenas a prêmios. Zelaremos pela moeda nacional que, em face de sua degradação, já foi substituída duas vezes na Nova República e caminha para a terceira mudança. A queda da inflação trará a melhoria da arrecadação de impostos. Não é preciso elevar as alíquotas, mas, sim, combater a sonegação, eliminar favores e privilégios tributários. Há hoje setores que sequer pagam impostos. Agiremos com firmeza.

O Estado brasileiro cresceu demasiadamente como produtor direto de bens, mas atrofiou-se nas funções típicas de governo. Vamos privatizar com seriedade e não apenas na retórica. Vamos captar recursos privados para aumentar os investimentos de empresas públicas estratégicas e rentáveis.” (PSDB-SP, 2011. p.1)

Com esse discurso, não deixa dúvidas que o PSDB, em comparação ao contexto da época, defendia medidas mais liberais na economia. E

também, é bem compreensível o porquê de sua fama de “neoliberal” e de direita. Contudo, é assertivo afirmar que o PSDB é de direita, ou que o governo FHC foi um governo “neoliberal”? Primeiramente, é preciso compreender o tipo de social-democracia que o PSDB defende, e se essas medidas defendidas pelos tucanos são contrárias aos seus princípios.

A social-democracia como ideologia política surge no final do século XIX com Ferdinand Lassalle, e nessa social-democracia se entendia que o sistema capitalista algum dia seria abolido, mas não de forma imediata e abolindo junto com a democracia. Até o final da primeira guerra, a social-democracia sempre esteve de alguma forma ligada e unida com os socialistas revolucionários, como é possível perceber na Segunda Internacional. Após a criação da Terceira Internacional pelos comunistas, após divergências entre Eduard Bernstein e Rosa de Luxemburgo, líderes dos reformistas e dos revolucionários, respectivamente, a social-democracia passou a ser vista como um corpo distinto do pensamento socialista. Porém, apenas após a Segunda Guerra Mundial que a social-democracia passou de fato a deixar os ideais anticapitalistas e de luta de classes, e a se autodenominar como Terceira-Via, como por exemplo, o Partido Socialista Democrático Italiano, fundado em 1947, que passou a ter posições anticomunistas, deixando de enxergar o mercado como um inimigo e a uma integração da Itália ao mundo democrático. Este modelo de social-democracia passou a ser o mais difundido nas democracias, e este passou a rivalizar com pensamento liberal.

O PSDB estatutariamente defende este modelo de social-democracia, inspirado nos padrões europeus. Não possui uma visão anticapitalista e muito menos comunista, mas deseja combater as desigualdades junto com uma economia globalizada. Ainda neste discurso de 1989 de Covas, o senador explicita o tipo de social-democracia que o partido defende:

“O PSDB tem um programa consistente e factível para o Brasil. Um programa fundamental nas idéias básicas da mais vitoriosa experiência política do pós-guerra: a social-democracia. Esse programa reflete as aspirações mais profundas do povo brasileiro. Ele será o fundamento de nossa prática de governo, superando alternativas impostas pelo imobilismo, pelo medo às mudanças e por compromissos escuros com o passado.” (PSDB-SP, 2011. p.1)

O PSDB em seu programa, publicado no Diário Nacional em 1988, deixa claro que são contrários à forte presença do Estado na vida das pessoas, sobretudo na economia, mas ao mesmo tempo, também deixa claro que não é liberal, que defende a importância do Estado em ações reguladoras do mercado, também como forma de promover um maior equilíbrio social.

“Diferentemente dos populistas de ontem e de hoje, entendemos que a preocupação com uma distribuição justa da renda e da riqueza exige definição clara das prioridades das políticas públicas e estímulo à eficiência na produção, sem o que não há medidas distributivas que se sustentem. Diferentemente dos autoritários, afirmamos que as reformas desejadas não virão como doação providencial de um Estado forte ou de uma chefia autocrática, mas sim como resultado do livre exercício das pressões e da negociação dos conflitos no âmbito da sociedade civil. Recolhendo a herança democrática do liberalismo, não partilhamos com os liberais conservadores a crença cega no automatismo das forças de mercado. Nem pretendemos, como eles, tolher a ação reguladora do Estado onde ela for necessária para estimular a produção e contribuir para o bem-estar, e desde que a ação estatal seja controlada pela sociedade e não guiada pelo interesse corporativo da burocracia ou pela vocação cartorial de grupos

privados. Por isso, na concepção de democracia do PSDB, a racionalidade da relação entre os fins desejados pela sociedade e os meios disponíveis requer transparência da informação e participação ampla dos cidadãos nas decisões sobre as políticas públicas. Inspirado nesse ideário, o PSDB será contido nas promessas para criar perspectivas sem despertar ilusões.” (Programa do PSDB, 1988. p.2)

Diante disso, o programa de governo de FHC, em defesa de uma maior abertura de mercado e de privatizações, não está necessariamente em desacordo com o programa social-democrata do partido. A essência do PSDB está no combate às desigualdades, além da defesa da democracia, conforme está escrito no início de seu programa:

“Outra dimensão essencial da concepção democrática do PSDB é seu conteúdo social: o modo democrático de convivência não condiz com a manutenção de desigualdades sociais profundas, nem depende apenas do reconhecimento formal de certo número de direitos individuais, políticos e sociais. Ele reclama a vigência de condições econômicas que possibilitem o pleno exercício desses direitos .Por isto o PSDB lutará pela transformação das estruturas econômicas e sociais brasileiras e haverá de incorporar a luta por igualdade efetiva de todos os que sofrem discriminação na sociedade, notadamente as mulheres, os negros, os índios e os idosos.” (Programa do PSDB, 1988. p.4)

Sendo assim, mesmo com o partido defendendo medidas consideradas liberais, elas são defendidas como um meio para atingir suas maiores preocupações, que seria a manutenção da democracia e do combate às desigualdades. Diferentemente, acontece com liberais e de parte dos conservadores que defendem a liberdade de mercado, entre outras

medidas liberais, como um valor, como algo imprescindível para a liberdade e manutenção da ordem. Então, a polarização com o PT, um partido tipicamente de esquerda, não se tratava necessariamente de uma polarização ideológica, pois ambos os partidos possuíam, em tese, objetivos finais parecidos, além disso, as principais lideranças políticas do PSDB sempre se declararam abertamente que são de esquerda. FHC, por exemplo, em 2014 em um debate no Museu da Arte no Rio de Janeiro, disse categoricamente que se declara de esquerda: "Hoje, se disser que sou de esquerda, as pessoas não vão acreditar. Embora seja verdade. É verdade!" (Folha de São Paulo, 2014). Na mesma direção, José Serra, em 2010 disse a uma Rádio no Recife que:

"A definição de esquerda e direita, no mundo de hoje, é mais difícil de enquadrar. Do ponto de vista convencional eu sou um homem de esquerda, eu acho que isso diz tudo. Você dá ênfase na indústria, no emprego, na agricultura, de repente você é considerado de esquerda" (Serra, 2010. p.1)

FHC, por diversas vezes, declarou que não há diferenças ideológicas entre PT e PSDB, como o próprio disse em entrevista ao jornal suíço *Le Temps*, em 2006, que não há diferença entre os dois partidos nas políticas sociais ou no projeto econômico, mas na democracia e na forma como cada enxerga o Estado. FHC ainda disse que o PT não é um partido democrático, que acredita que a solução dos problemas passa por ocupar a máquina pública com o objetivo de reformar a sociedade. Os escândalos de corrupção seriam uma prova disso. Em um artigo da jornalista Vera Magalhães de 11 de abril de 2005, FHC teria dito que: "O que separa PT e PSDB não é nenhuma diferença ideológica ou programática, mas pura e simplesmente a disputa pelo poder". Em discurso no Senado em 20 de Janeiro de 2013, em ocasião dos 33 anos de fundação do PT, alguns parlamentares enfatizaram as semelhanças entre os dois partidos. O senador Cristovam Buarque disse que não vê

diferenças de propostas entre PT e PSDB, assim como o senador Randolfe Rodrigues que disse que os dois partidos compartilham de mais semelhanças do que de diferenças. Em discurso de comemoração dos 45 anos do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), em 2010, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (ou Lula, como será usado neste trabalho) comemora o fato de não ter a presença da direita nas próximas eleições, e que nas últimas o nível do debate de fato subiu quando a disputa estava entre ele e FHC, depois entre ele e Serra.

“Pela primeira vez não vamos ter um candidato de direita na campanha. Não é fantástico isso? Querem conquista melhor do que em uma campanha a gente não ter nenhum candidato de direita? Porque antigamente como era a campanha? Era o de centro-esquerda ou de esquerda contra os trogloditas de direita. Era assim em toda campanha” (Lula, 2010. p.1)

Ou seja, pelo menos por parte das principais lideranças partidárias de PT e PSDB, não existia polarização ideológica entre os dois partidos. Ainda que se tenha a percepção de uma disputa ideológica por parte de acadêmicos, eleitores petistas e militantes de esquerda, ela parece não ter ocorrido entre os concorrentes dos partidos.

No texto *“O fim da polarização PT-PSDB no contexto de esvaziamento do centro político em 2018”* de Vítor Eduardo Veras de Sandes-Freitas e Washington Luís de Sousa Bonfim, embora os autores admitam que o PSDB nasça como um partido de esquerda, afirmam que o PSDB não seguiu na prática a social-democracia européia. Que à medida que o partido ocupava os postos de poder, este ia guinando mais à direita, que a partir das eleições de 1994, os dois partidos foram tomando caminhos distintos, e assim se diferenciando ainda mais em termos políticos, estratégicos e programáticos (Bonfim e Sandes-Freitas, 2020, p.161-163).

Na mesma direção, o cientista político Cláudio Gonçalves Couto entende que o PT, a partir de suas coalizões, ocupou o centro, e empurrou o PSDB para a direita. Em seu artigo “*Que centro é este?*” (2020) o cientista político descreve o PT como um partido social democrata, enquanto o PSDB como um partido social-liberal.

Uma possível explicação dessa percepção seria a tese da *Janela de Overton*, que foi abordada no capítulo anterior deste trabalho. Por conta do cenário econômico do Brasil e por conta da não existência – ou de uma baixa existência – de uma direita ideológica no Brasil no pós redemocratização, a Janela do Discurso empurrou o PSDB para a direita, e consequentemente o PT para uma esquerda mais moderada do que era antes, mais especificamente para uma “centro-esquerda”. Somando com o fato de que em 2002, houve uma inclinação do PT ao centro, tendo como seu vice José Alencar, do então PL, com a nomeação de Henrique Meirelles ao Banco Central, entre outros acenos ao centro e ao mercado financeiro, o PT de 2002 se aproximou ainda mais ideologicamente do PSDB.

Pela aparente falta da direita no Brasil, muitos liberais e conservadores se aproximaram do PSDB, muitos se filiando e se candidatando a cargos públicos, como por exemplo, o deputado federal Paulo Eduardo Martins, que mesmo se declarando abertamente de direita e conservador, esteve filiado ao PSDB. Assim também como o empresário João Dória, que nunca ocultou ser liberal. O fato de ter uma posição menos à esquerda que seu concorrente, e por sempre ter acenando por uma economia mais moderna, pôde ter contribuído para isso. Assim sendo, por mais que o PSDB seja estatutariamente um partido social-democrata, e que isso é ponto pacífico entre suas lideranças e as lideranças dos seus “rivais” petistas, a conjuntura do país teria levado ao PSDB não só ser visto como um partido de direita por parte dos eleitores e militantes de esquerda, como também como um abrigo para aqueles que tinham mais aversão ao PT e à esquerda. Isso, muito provavelmente, acabou influenciando no programa eleitoral do PSDB, pois por seus objetivos eleitorais, tiveram

que dar seus acenos e fazer concessões com o intuito de conseguir votos por parte da direita e dos eleitores que não votam no PT por questões ideológicas, uma vez que dificilmente conseguiria o apoio de eleitores, movimentos sociais e sindicais de esquerda, assim como fez de forma mais clara Aécio Neves em 2014, João Dória em 2016 e 2018 e Eduardo Leite em 2018.

Não se pode ignorar que divergências ideológicas foram surgindo ao longo da polarização iniciada em 1994, contudo, não vejo como o suficiente para categorizá-la como uma polarização ideológica, mas sim como uma polarização eleitoral, pois ela só se apresentava de forma mais evidente dentro do período eleitoral. Fora dele, quando se apresentava, era mais de forma unilateral. Outra questão importante é que não vejo como possível definir ideologicamente um partido pelo que foi feito no seu governo na prática. Cada governo enfrenta um cenário diferente, com demandas e prioridades distintas. Além do mais, pela governabilidade, é preciso ser feito concessões. Tratar o PT, por exemplo, como um partido de centro apenas por não ter aplicado à risca o que está em seu programa partidário não me parece justo. Não é porque um candidato muda de personalidade para ser mais aceito eleitoralmente, que de fato a sua ideologia mudou. Se um candidato possui uma ideologia pouco aceita no *mainstream* e de baixo apelo popular, ou melhor, fora da *Janela do Discurso*, ele terá que se apresentar mais moderado, caso queira ter uma maior relevância na disputa eleitoral.

#### 4.2.

#### **Polarização político-ideológica *versus* polarização político-eleitoral**

Com o exemplo do PSDB *versus* PT, é possível observar que há duas ou mais formas de polarização política. No caso da polarização entre PT e PSDB, estes partidos criaram confrontos históricos, foram vistos como rivais por muitos anos, e inclusive são distinguidos por cores tipicamente antagônicas (vermelho e azul). O problema é que nessa polarização, aparentemente não há divergências morais, divergências por pautas consideradas caras e irreconciliáveis. O foco está na imagem, no currículo do candidato. Logo, nesse tipo de polarização não haveria divergências de visões claras, conforme a teoria de Sowell. Este tipo de polarização seria menos complexo de se analisar, pois o embate estaria em qual seria a forma mais eficiente de trazer melhorias ao país e qual das propostas seria a mais aceita para alcançar este objetivo. Este tipo de polarização tem nas eleições como o seu fim a ser alcançado, e normalmente ela desaparece após o fim do pleito.

A disputa pelo poder, que FHC havia se referido sobre a disputa entre PSDB e PT, seria o retrato de uma polarização político-eleitoral, que, inclusive, é uma polarização bem típica em eleições regionais, onde a preocupação está mais voltada em questões administrativas. Como não há a defesa de valores ideológicos e morais, a motivação pela disputa apenas existe quando é pertinente, no caso, no período eleitoral. Assim sendo, o que foi discutido nos capítulos anteriores não caberia em uma polarização político-eleitoral. Ou seja, essas reflexões *a priori* apenas teriam serventia quando se tratar de uma polarização política que esteja fundamentada em princípios morais.

Numa polarização político-ideológica, as eleições seriam apenas parte do processo, o meio para impor suas pautas ideológicas. O objetivo deste tipo de polarização está no embate ideológico, em qual visão de mundo a sociedade precisa seguir. Os valores morais estão em disputa neste tipo de polarização, e ele gera um fator motivacional de combate às ameaças daqueles que desejam impor valores contrários, vistos como destrutivos. Essa motivação eleva os ânimos para além do período eleitoral, pois o sentimento de conflito não deixa de existir após o pleito. Durante o

período que um opositor estará no poder, haverá uma maior oposição da oposição, sobretudo com um sentimento de resistência. Esse constante sentimento de combate e defesa, conseqüentemente, acaba gerando um clima de “guerra cultural”, que basicamente seria uma guerra fundamentada em princípios morais. Conforme refletido nos capítulos anteriores, conflitos morais são consequência de fatores evolutivos, que são explicados pela psicologia, e estão relacionados a fatores universais, fatores que antecedem à experiência. Com isso, numa polarização político-ideológica, existem fatores mais complexos, fatores que a mera análise empírica não seria o suficiente. O levantamento apriorístico dos capítulos contribuiria para uma análise mais apurada desse tipo de polarização.

Ainda que esses dois tipos de polarização (político-eleitoral e político-ideológica) pareçam ser conflitantes, não significa que não haja elementos de uma em outra, mas muito pelo contrário. A *essência* seria o que determinaria, em última análise, o tipo de polarização, se a polarização favorece mais a disputa eleitoral e administrativa, ou se favorece as divergências morais. Conforme refletido anteriormente, possivelmente existiam de fato algumas divergências que poderíamos considerar ideológicas entre PT e PSDB, sobretudo por parte dos eleitores, mas este não seria o *essencial* dessa disputa. Assim como também existe a disputa de currículos e eficiência administrativa, que são típicas da polarização eleitoral, nas disputas ideológicas, inclusive para convencer os eleitores que não estão dentro da polarização, mas que essa disputa não seria o fator essencial, que estaria em primeiro plano.

A polarização entre Republicanos e Democratas nos EUA, especialmente no período que Haidt avaliou mais de perto, seria um grande exemplo de polarização político-ideológica, sobretudo pelas divergências com pautas consideradas de costumes, em que as divergências estão em princípios conservadores e progressistas. Os temas nas áreas de costumes têm maiores chances de serem os temas que mais fomentam os conflitos ideológicos, pois estes estão intrinsecamente relacionados à questões

morais. Temas relacionados à economia também podem fomentar conflitos ideológicos baseados em princípios morais. Sobretudo quando um lado entende que há uma violação das liberdades e da propriedade por parte do Estado quando este intervém na livre iniciativa e quando impõe a cobrança obrigatória de impostos, e quando o outro lado entende que é dever moral do Estado em combater as desigualdades e a permitir que haja exploração de empresa aos seus empregados.

#### **4.3.**

### **Eventos que antecederam as eleições de 2018 teriam anunciado a troca de uma polarização eleitoral para polarização ideológica**

De 2013 até as eleições de 2018, houve uma série de acontecimentos efervescentes no Brasil. Tiveram as Jornadas de Junho (2013); a chamada “Onda Azul” nas eleições de 2014; as manifestações pelo Impeachment da presidente Dilma Rousseff (2015 - 2016); por fim, a mobilização pela candidatura de Jair Bolsonaro. Todos estes movimentos foram de cunho popular, foram de uma reação de uma massa não contente com o que vinha acontecendo com a política nacional, e estes acontecimentos não parecem estar descolados um do outro. Ainda que as pautas e os objetivos dessas manifestações não fossem os mesmos, em parte, eles traziam alguns dos sentimentos presentes na campanha bolsonarista, como o patriotismo, anti-partidarismo, o anti-establishment e o desejo de mudança.

As manifestações de 2013 conseguiram reunir diversos setores da sociedade descontentes com a situação política no Brasil. Independentemente do espectro das pautas defendidas nestas manifestações, elas representavam uma grande crise de representatividade aos que estavam lá eleitos. Entre os manifestantes,

havia, no mínimo, três diferentes grupos unidos de destaque contra os representantes políticos, e entre eles, havia um que já carregava esse sentimento. Os três principais grupos seriam: os anarquistas; os movimentos sociais e partidários de esquerda; um novo movimento patriótico e antipartidário composto majoritariamente de pessoas que antes não tinham tantas participações políticas. Os anarquistas eram representados pelos *Black Blocs*, grupo mais radical que usavam máscaras em estilo ninja, e pelos *Anonymous*, que tinha uma mobilização mais virtual, que frequentemente usavam máscaras do revolucionário **Guy Fawkes**. Ambos os grupos usavam roupas e bandeiras pretas, cor da ideologia anarquista.

Estes, sobretudo os *Black Blocs*, eram os mais associados a atos mais violentos, sendo, inclusive, associados como os responsáveis pela morte do jornalista Santiago Andrade, no dia 10 de fevereiro de 2014, vítima de um explosivo. Os movimentos acadêmicos, partidários e sindicais de esquerda, eram representados por movimentos como UNE, MPL, CUT, diretórios acadêmicos e partidos políticos como: PCB, PCdoB, PSOL, PCO, PSTU, que defendem pautas mais claras de esquerda, que normalmente se identificavam pelas cores e bandeiras de seus movimentos e partidos, majoritariamente na cor vermelha. Já o terceiro grupo, o grupo que trazia parte do sentimento presente nos bolsonaristas em 2018, era composto de estudantes e trabalhadores sem ligação a um movimento ou partido específico, que adotaram as cores e a bandeira do Brasil em suas vestimentas. Este terceiro grupo fazia questão de entonar que não tinha partido, que entendia que estes também faziam parte do problema. Foi muito usado por este grupo o slogan: “O Brasil é o meu partido”, indicando que a bandeira do Brasil deveria substituir as bandeiras partidárias nas manifestações.

Resgatando alguns artigos de notícia da época, é possível observar com uma maior clareza que existiam conflitos entre estes grupos, sobretudo entre a esquerda e os apartidários. De acordo com um artigo do *Le Monde Diplomatique Brasil* de 2013, intitulado “O junho de 2013”, o MPL

(Movimento Passe Livre) já questionava a presença de pautas conservadoras entre os manifestantes, como a defesa da criminalização do aborto, redução da maioria penal, pedidos de impeachment à presidente Dilma e uma maior hostilidade aos partidos de esquerda. Neste mesmo artigo, o professor de Gestão de Políticas Públicas da USP, Pablo Ortellado, que acompanhava o MPL desde sua fundação, teria dito que depois que a mídia entrou na cobertura das manifestações, pôde-se observar a entrada de uma classe média despolitizada. No artigo da Folha de São Paulo *"MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações"* que foi publicado em 21/06/2013, o movimento que iniciou as manifestações contra o aumento das passagens mais uma vez teria demonstrado insatisfação com a presença de conservadores nas manifestações, e ameaçam a não mais fazer manifestações por receio de hostilização por parte destes grupos. No artigo, representantes do movimento demonstram preocupação com pessoas que nunca participaram de manifestações, que eram contrárias aos movimentos sociais e que usam os atos para promover a barbárie.

Em nota do PSTU, por exemplo, disponível no portal G1 de 21 de junho de 2013, intitulado *"PSTU atribui violência sofrida em manifestações a grupos neonazistas"* o partido afirma que:

"Existe um justo sentimento antipartido devido ao desgaste dos partidos tradicionais e à decepção com o PT no governo, e isso tem sido utilizado pela direita e a ultradireita, como grupos neonazistas, para atacar a esquerda e os movimentos sociais" (PSTU, 2013. p.1)

O então ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Gilberto Carvalho, chegou a afirmar que *"sem partido, no fundo, é ditadura"*, informação disponível no mesmo artigo do G1. Entre artigos e notícias sobre o período destas manifestações há diversas informações deste suposto

racha. Havia um lado que acusava os partidários de oportunistas, que as manifestações não eram partidárias, enquanto o outro lado se defendia alegando que a existência de partidos faz parte da democracia, que ser contra isto seria fascismo.

Em 2020, o então presidente da CUT, Marcio Kieller, fez seu diagnóstico sobre as Jornadas de Junho, alegando que elas foram responsáveis pelo surgimento da extrema direita no Brasil, que se levantaram contra os setores progressistas e democráticos da sociedade. Este diagnóstico está presente na página oficial da CUT, no artigo “As Jornadas de Junho de 2013 e o surgimento da extrema direita no Brasil”. Kieller argumenta que os atores que estão hoje – em referência ao ano de 2020 – no poder e que estão disputando uma hegemonia social, estavam presentes nas manifestações de 2013. Keller, então, cita as agressões por parte dos manifestantes anti-partidários aos progressistas que lá estavam se manifestando com suas bandeiras de apelo social de forma democrática. Há uma série de relatos como este por parte de partidos e manifestantes de esquerda da existência de uma pauta conservadora e autoritária presente nestas manifestações. Também por parte dos conservadores se tem a mesma percepção. No documentário *Nem Tudo se Desfaz*, de 2021, do cineasta conservador Josias Teófilo, o autor entende que nas Jornadas de Junho se iniciou uma revolução conservadora. Nela, houve uma atuação das massas no campo político, passando a ser protagonista a partir de então. No documentário é também apresentado como a própria esquerda contribuiu para o impeachment da Dilma com essas manifestações. Naquela época, tanto os anarquistas, como os Black Blocs, como partidos como o PSOL, faziam duras críticas ao PT, com argumentos de que o partido tinha traído as bandeiras clássicas da esquerda. O “Fora Dilma” já podia ser visto nessas manifestações.

Fotografia 1 – Fora, Dilma! Fora, Cabral! “É tudo igual!”



Fonte da imagem: MAGALHÃES, Mário. **Já não se faz “passeata de direita” como antigamente.** 25/06/2013. UOL Notícias.

Em meio às manifestações de 2013, a popularidade de Dilma foi se reduzindo, pelo que apontam as pesquisas de índice de avaliação do Datafolha. Em 29 de junho de 2013, a pesquisa apontava que houve uma queda consideravelmente brusca em um curto período de tempo na popularidade da então presidente. Houve uma queda de 57% para 30% entre a primeira e a terceira semana de junho. A taxa de aprovação se reduziu principalmente entre os jovens, com ensino superior e moradores das grandes cidades, o que coincide com o perfil dos manifestantes de acordo com a pesquisa do Ibope, realizada ao Fantástico, no dia 26/06/2013.

Um ano depois, nas eleições de 2014, muito provavelmente foi o ano em que o PSDB teve um maior apoio de uma militância política. Entretanto, é bem provável que a maior parte dessa militância em favor do PSDB se deu muito mais em oposição ao PT do que em defesa do programa partidário do PSDB propriamente dito. A chamada “Onda Azul”, em apoio à candidatura de Aécio Neves, se espalhou junto com o antipetismo. Um

importante estudo dos cientistas políticos César Zucco e David Samuels de 2018, sobre o fenômeno do partidarismo negativo no Brasil, aponta que o fenômeno do antipetismo está intrinsecamente ligado ao fenômeno do anti-partidarismo. O autor argumenta que o PT foi o partido que melhor consolidou uma base de filiados e de apoio de diversas Organizações Não Governamentais. Com o sucesso dessa mobilização, o PT esteve presente em quase todos os sentimentos partidários do país, sejam positivos ou negativos, e consequentemente, o antipartidarismo e o antipetismo no Brasil teriam se tornado parte de um mesmo fenômeno (Samuels; Zucco, 2018). Os autores citam que nas eleições de 2014, por volta de 40% do eleitorado era formado de petistas e antipetistas, e que três quartos dos antipartidários eram também antipetistas (Samuels; Zucco, 2018, p. 27). Isso pode explicar o motivo do PSDB, mesmo sendo um partido tradicional, ter sido tolerado pelos antipartidários e ser visto como um mal menor para derrotar o petismo.

Chegando às manifestações pelo impeachment da Dilma, já parecia existir uma direita mais mobilizada e mais firme em suas pautas. Ainda que estas manifestações não fossem exclusivas da direita (lembrando que o ex-petista Hélio Bicudo foi o autor do pedido de impeachment da Dilma), foram os movimentos mais à direita que tiveram destaque. Movimentos direitistas como: *Vem pra Rua*, *Movimento Brasil Livre*, *NasRuas* e *Endireita Brasil* foram os movimentos que mais agitaram estas manifestações. Seus principais líderes, como Carla Zambelli, Kim Kataguirí, Fernando Holiday, Ricardo Salles, Fabio Ostermann entre outros, vieram a se tornarem parlamentares com ferrenha defesa nas pautas liberais e conservadoras, no caso de Ricardo Salles, do endireita Brasil, este se tornou o 21º Ministro do Meio Ambiente do Brasil. Essas manifestações trouxeram em evidência novas lideranças de direita, que viria a ofuscar o protagonismo político das lideranças do PSDB. Também apresentou que essas mesmas lideranças não estavam vinculadas a um partido específico. Tanto os bolsonaristas quanto os membros do Movimento Brasil Livre, ainda que viessem a se filiar em partidos políticos, estes não possuíam qualquer fidelidade partidária.

Outra grande evidência da queda de relevância das lideranças do PSDB como antagonistas ao petismo, foi quando Geraldo Alckmin, na época governador do estado de São Paulo, e o então senador Aécio Neves foram hostilizados por manifestantes em plena Avenida Paulista, conforme relata a Folha de São Paulo, no dia 13/03/2016. Aécio e Alckmin teriam sido chamados de oportunistas, ladrões, entre outros adjetivos negativos. Após este incidente, tiveram que deixar as manifestações às pressas, não voltando a subir mais nas carreatas políticas. Este pôde ter sido um ponto chave em que essa nova direita que emergia percebeu que não precisava mais do PSDB para combater o PT.

O PT, enquanto partido e ideologia, já estava estabelecido, conforme descreveu Zucco e Samuels (2018), e mesmo com toda a turbulência dos escândalos de corrupção, das prisões das principais cabeças da alta cúpula do PT, incluindo nesse meio de presos o então ex-presidente Lula, o partido conseguiu chegar ao segundo turno das eleições de 2018 com o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, que chegou a ter apenas 17% de aprovação do eleitor paulistano durante o seu governo municipal, não conseguido a reeleição em 2016. O que parecia estar faltando de fato, era uma oposição ideológica a este partido, pois conforme foi possível observar, o PSDB não fazia de fato oposição ideológica. O que agora seria pertinente analisar de forma mais minuciosa é o fato da escolha da figura de Jair Bolsonaro, encarado como um radical, saudosista do Regime Militar, como a principal liderança desse movimento.

Todo este levantamento feito até aqui do que motivou a ascensão de Bolsonaro são algumas das hipóteses de um complexo número de fatores internos e externos, como a crise econômica no Brasil, a crise economia e os avanços autoritários na Venezuela e em outros países governados pela esquerda, os escândalos de corrupção, avanço agenda progressista etc. Para isso, seria necessário um maior aprofundamento nas causas mais particulares que fomentaram o surgimento desta polarização, as

quais não são o objetivo principal deste trabalho. De todo modo, o levantamento ajudou a compreender em partes o seu desenvolvimento.

#### 4.4.

#### Motivações da polarização em 2018

Com essa imensa quantidade de eventos, as motivações para essa polarização podem ser diversas. O exemplo do antipartidarismo, e consequentemente do antipetismo, trazido por Samuels e Zucco evidencia um sentimento anti-establishment político, que não necessariamente é um sentimento ideológico de direita. Na verdade, essa visão é historicamente até bastante associada ao pensamento de esquerda. Raymundo Faoro, em seu grande clássico *Os Donos do Poder - Formação do Patronato Político Brasileiro (1958)* traz o seu diagnóstico do caráter patrimonialista do Estado brasileiro, onde os representantes deste Estado tratam o poder político como se fosse seu poder doméstico, que foi descrito como o “estamento burocrático”, que na prática, seria o equivalente ao que hoje referimos como *establishment*. Essa obra de Faoro foi muito bem aceita por diversos segmentos da sociedade, sobretudo pela esquerda. Essa visão crítica do establishment não seria, então, algo novo na política brasileira.

Os grandes escândalos de corrupção que vieram à tona durante esse período conturbado da política brasileira evidenciaram a principal tese da obra de Raymundo Faoro, na forma em que se confundiam os bens públicos dos privados, sobretudo o escândalo do Petrolão. Em relação a este escândalo, considerado por muitos como o maior escândalo de corrupção da história do país, de acordo com o MPF do Paraná em uma nota emitida em 2019, já teriam sido devolvidos aos cofres públicos mais de quatro bilhões de reais, do total dos valores previstos em acordos de leniência, colaboração, TAC (*Termo de Ajuste e Conduta*) e renúncias que chegaria a mais de 14 bilhões, levando em conta apenas a força-tarefa de

Curitiba. De acordo com o levantamento da **DICOR** (*Diretoria de Investigação e Combate ao Crime Organizado da Polícia Federal*), houve desvios no valor de mais de 48 bilhões de reais, com base em 320 investigações entre os anos de 2014 e 2017. O **TCU** (Tribunal de Contas da União) fez um estudo econométrico apresentado em 17/06/2020, onde se estimou que a Petrobrás tivesse um prejuízo de 18 bilhões na Petrobrás, por um cartel de 24 empresas que atuou na empresa entre os anos de 2004 a 2012. Independentemente da precisão dos levantamentos de desvios e prejuízos, é ponto pacífico de que este escândalo de corrupção estava em níveis estratosféricos, no que se refere aos valores desviados. Devido ao tamanho desse escândalo, também houve tamanha repercussão, que consequentemente gerou uma grande comoção. O escândalo do Petrolão chegou a ser eleito como o segundo maior caso de corrupção do mundo em 2016 pela ONG *Transparency Internacional*, ano em que apenas uma parte dos desvios havia sido descoberta.

Em meio a este cenário, o mais intuitivo é considerar que o combate à corrupção foi uma das principais causas da vitória de Jair Bolsonaro em 2018, sobretudo por este constantemente se apresentar como um candidato honesto, distante desses esquemas de corrupção. Há uma interessante discussão sobre a influência da Operação Lava Jato nas eleições de 2018 no texto: *A Repercussão da Operação Lava Jato na Eleição Presidencial de 2018* (2020), do professor e cientista político Ricardo Ismael. No texto, o professor percebe que as eleições de 2018 foram as primeiras que captaram de fato um pleno impacto da Operação Lava Jato. Em 2016 havia ocorrido uma moderada influência, tendo como evidência a redução das prefeituras governadas pelo PT. Em 2014, por ter sido algo muito recente, a operação Lava Jato não teria tido influência considerável. Mesmo com as eleições de 2018 sendo as primeiras que tiveram uma grande influência dos resultados trazidos Lava Jato, ela não teria sido o único aspecto que influenciou no voto em Bolsonaro (Ismael, 2022). O professor chama a atenção de que, em uma das últimas pesquisas do Datafolha, foi apresentado que as razões mais relevantes, acima do combate à corrupção, seriam: a *renovação no poder*, *rejeição ao*

*PT, combate à criminalidade*, pelos valores pessoais defendidos pelo então candidato (que no caso, seriam os valores mais conservadores) e seu *Plano de Governo* (ou suas propostas). Como o levantamento do Datafolha deixou algumas lacunas incompletas, Ricardo Ismael (2020) não chega a uma conclusão definitiva sobre o tamanho da influência da Lava Jato nas eleições, mas que não restariam dúvidas de que houve uma influência na formação da agenda eleitoral, assim como na rejeição dos partidos mais tradicionais, como o PSDB, MDB e o próprio PT. A redução das cadeiras desses partidos no Congresso Nacional seria a grande evidência dessa rejeição promovida pela Lava Jato (Ismael, 2022).

Um ponto importante a ser mais bem discutido sobre esse levantamento do Datafolha trazido pelo professor Ricardo Ismael são as outras prioridades que levaram ao voto. Nesse caso, a minha hipótese é que acima do descontentamento com a corrupção, estaria a convergência ideológica. As cinco razões acima do combate à corrupção no voto em Bolsonaro podem ser associadas, de certa forma, a questões ideológicas. O *desejo de renovação*; levando em consideração que um partido de esquerda esteve por longos anos no poder, também levando em consideração que a figura do chefe do poder executivo é normalmente vista como responsável de tudo que acontece de bom e ruim no país; seria aquilo que um eleitor de direita mais iria querer. A *rejeição ao PT*, de igual forma. As propostas para a *segurança pública*, que no caso do Bolsonaro, se contrasta com as propostas mais típicas da esquerda de maior humanização da figura do criminoso. Com a percepção de que a esquerda é leniente com a criminalidade, ou mesmo que é sua defensora, faz com que se tenha a preferência naquele que defende o extremo oposto.

Um ponto interessante sobre a forma em que cada uma das ideologias enxerga a criminalidade é a tese de Sowell, que partindo da perspectiva de que pela *visão irrestrita* dos progressistas, se entende que a natureza do criminoso pode ser mudada com uma reeducação, ou piorada com uma não ou má educação. Ao contrário da visão restrita dos

conservadores, que normalmente entende que em muitos casos não há como reeducar um criminoso. A escolha pelos *valores pessoais* do candidato Bolsonaro seria a mais clara, pois ele sempre deixou bem evidente seus posicionamentos mais conservadores. Seria pouco provável que uma pessoa que não compartilha dos mesmos valores conservadores tivesse escolhido votar neste candidato através dessa justificativa.

O próprio descontentamento com a corrupção poderia ser uma preocupação de grande importância na direita, se levar em consideração que ela está relacionada ao fundamento moral da *Pureza*, que é um dos fundamentos conservadores. Considerando que a corrupção é um desvio de conduta na busca pela santidade, pela conduta moral que uma pessoa deve ter em seu meio social, haverá uma maior repulsa por quem tiver este fundamento, de acordo com a teoria de Haidt. A questão é que a corrupção não seria um problema exclusivo ao fundamento moral da *Pureza*, pois por ser um crime e por ser algo que causa dano a uma grande quantidade de pessoas, sobretudo aos menos favorecidos, ele também seria um problema aos fundamentos do *Cuidado* e da *Justiça*, que são fundamentos existentes nas duas ideologias, mas que são mais claros na esquerda. Seria muito pertinente uma pesquisa mais aprofundada para analisar como se comportam os fundamentos morais no que tange à corrupção.

#### 4.5.

### **Análise dos Planos de Governos de Fernando Haddad (PT) e de Jair Bolsonaro (PL) - A ideologia presente nas eleições de 2018**

Um fato de grande relevância e que me chamou muito a atenção é o maior protagonismo do embate ideológico nos programas eleitorais de

2018. Em análise dos conteúdos das campanhas eleitorais de 2002 até 2018, foi possível perceber que os discursos de embate ideológico ocorriam mais nas entrelinhas do lado petista, enquanto do lado tucano praticamente inexistia. Usando como referência as diretrizes do plano de governo de Dilma Rousseff de 2014, o discurso ideológico progressista existia, mas de forma tímida e nada combativa. Dentre os programas de governo petistas de 2002 a 2014, o programa de 2002 de Lula foi o que mais teve discursos ideológicos claros e combativos, no caso, alguns poucos discursos combativos à economia liberal. Os programas de governo do PSDB até 2018 eram extremamente técnicos, com preocupações mais genéricas de melhorias nas áreas da saúde, educação e segurança, inclusive no programa de Aécio Neves de 2014. Não há qualquer menção a termos: “direita”; “esquerda”; “conservadorismo”; “progressismo”; “socialismo”, entre outros que remete a alguma ideologia, com exceção do liberalismo. Conforme dito, dentre as terminologias ideológicas, há somente o termo “liberalismo” ou “neoliberalismo”, que aparece apenas 4 vezes de forma negativa no programa petista de 2002.

Já nas eleições de 2018, isso se inverte. Os dois principais programas são carregados de discursos ideológicos, sobretudo o programa do vencedor da eleição. O PT se apresenta no programa de Haddad de forma bem mais agressiva e ressentida com o que eles consideram ter sido um golpe em 2016. Neste programa de 60 páginas, teve 32 menções da palavra “golpe” ou “golpismo”, que seria em média mais de uma citação a cada duas páginas. Também volta com discurso combativo ao “neoliberalismo”, chegando a ter mais que o dobro de menções do programa de 2002. O discurso classista também volta de forma evidente, chegando a usar o termo “classe trabalhadora” do início ao fim do programa, tendo quase 20 menções, entre outros tantos que fomentam o discurso da luta de classes. Discursos sobre pautas identitárias têm um grande destaque no programa. Abaixo, temos alguns dos termos de caráter identitário, e ao lado, o número de vezes citadas:

**LGBTI+ (20)**

**Raça/racial (18)**

**Negros (14)**

**Negra (15)**

**Indígenas (22)**

**Gênero (13)**

**Mulheres (31)**

**Intolerância/discriminação (15)**

Se forem somar todas as citações e referências ao que se refere às pautas identitárias, facilmente passaria de 200 menções. Além das pautas identitárias, o programa traz uma visão combativa ao conservadorismo no Brasil, descrito como um grande retrocesso.

Há também a volta do discurso anticapitalista e antiimperialista, que eram típicos nos primórdios do petismo. Nesses discursos, as críticas não estavam apenas ao modelo econômico liberal, mas também ao sistema capitalista, visto como um sistema explorador e excludente. Inclusive, na parte sobre a política externa, o partido defende claramente uma maior integração com países: latino-americanos, pertencentes ao BRICS e os demais emergentes, em detrimento das relações bilaterais com países, por eles considerados, imperialistas.

“A crise do capitalismo, que teve seu epicentro nos países desenvolvidos, tem causado profundo impacto negativo sobre o Brasil e sobre a América Latina. A resposta dos países centrais é, no plano interno, aprofundar os ataques contra os direitos políticos e

sociais das classes trabalhadoras, e, no plano externo, aprofundar as agressões imperialistas contra a soberania nacional dos países economicamente mais frágeis e desencadear as guerras de pilhagem contra alguns países, especialmente os detentores de importantes reservas de petróleo.

O governo golpista do Brasil adotou uma política externa passiva e submissa, caracterizada por desconstrução da integração regional; desinvestimento na vertente geoestratégica Sul-Sul; abandono da aposta em um mundo multipolar e da postura equilibrada e negociadora em conflitos regionais; destruição dos núcleos 12 estratégicos da indústria de defesa; submissão da política de defesa aos interesses norte-americanos; e alienação do patrimônio público estratégico a empresas estrangeiras. Essa política externa, que traz embutido o risco de celebração de acordos comerciais de “nova geração” com países desenvolvidos, cria obstáculos a que governos nacionais e progressistas pratiquem políticas autônomas de desenvolvimento.” (Plano de Governo Haddad 13, 2018. p.10).

Outro ponto que chama muito a atenção no programa petista é o excessivo uso do termo “democracia” e seus derivados. O tom nesse discurso é de recuperação da democracia, que teria se perdido com o “golpe” de 2016, também como a ameaça que ela também teria com a eleição de Bolsonaro. O termo foi citado por 75 vezes, incluindo nela o termo controverso: “democratização”, que é visto por muitos como um eufemismo de controle estatal. Inclusive, o ponto mais polêmico deste programa é o que foi interpretado por muitos como uma proposta autoritária de regulamentação dos meios de comunicação, recebendo duras críticas, inclusive do então candidato Ciro Gomes (PDT), que em entrevista à rádio Jornal de Pernambuco durante o período eleitoral, o ex-governador do Ceará teria dito que a proposta era coisa de ditadura.

Devido ao tamanho da rejeição e polêmica, o PT retirou o trecho do seu programa.

“Para enfrentar esse quadro (de violação dos direitos à comunicação, o governo Haddad irá apresentar, nos seis primeiros meses de governo, uma proposta de novo marco regulatório da comunicação social eletrônica, a fim de concretizar os princípios da Constituição Federal para democratizar largamente a comunicação social e impedir que beneficiários das concessões públicas e controladores das novas mídias restrinjam o pluralismo e a diversidade.

O monitoramento e aplicação dos princípios constitucionais deve se dar por meio de um órgão regulador com composição plural e supervisão da sociedade para evitar sua captura por qualquer tipo de interesse particular. O novo marco regulatório deverá levar em conta o cenário de convergência efetiva das comunicações, que transforma o controle econômico do setor em uma batalha global, na qual tempo de audiência e verba de publicidade são disputados por velhos e novos atores. Nesse contexto, regulação e políticas para o setor devem garantir a soberania econômica, cultural e política nas comunicações.”  
(Plano de Governo Haddad 13, 2018. p.16)

Essa proposta foi, inclusive, criticada no plano de governo de Jair Bolsonaro, que a meu ver, teve um tom de confronto ideológico até maior.

O cartão de visita do plano de governo bolsonarista é a defesa da liberdade, referindo-a como o bem mais preciso de qualquer cidadão (Programa Bolsonaro 2018, p.2). O termo “liberdade” e seus derivados são usados com demasiada frequência (por mais de 40 vezes) do início ao fim do programa, sempre visto como um valor a ser defendido e

resgatado, incluindo no que se refere à liberdade econômica e livre iniciativa, também descritas como um direito inalienável do cidadão, e não necessariamente por uma visão mais utilitarista, como normalmente fazia o PSDB. A liberdade é defendida de forma combativa às pautas do PT e da esquerda que são vistas como autoritárias e contrárias à liberdade, como a defesa da regulamentação da mídia.

Neste programa, as palavras mais citadas são aquelas relacionadas a questões econômicas, como: mercado, liberalismo, emprego, privatização, inflação, entre outras. Todas essas palavras estão relacionadas à defesa do modelo econômico liberal. Ou seja, o discurso econômico, que é o mais discutido no programa de Bolsonaro, é em si um discurso ideológico. Ao contrário dos programas do PSDB em que as diretrizes econômicas eram defendidas de forma técnica e sem paixões ideológicas.

De acordo com o número de menções, a pauta da segurança pública teria ficado em segundo lugar entre os temas mais discutidos. As palavras crime, violência, segurança, forças armadas, polícia, armas, homicídios, mortes, drogas e outras relacionadas à segurança pública passam de 90 menções. De igual forma, a pauta da segurança pública estava majoritariamente fundamentada em valores ideológicos típicos dos conservadores, como a crítica do desarmamento, de um maior rigor nas penas criminais, na defesa das Forças Armadas e das Forças de Segurança Pública etc.

O debate ideológico está em praticamente todas as esferas do programa de Bolsonaro, inclusive há partes onde os discursos ideológicos combativos são mais diretos. Palavras como: “esquerda”, “socialismo”, “comunismo”, “ditadura” (se referindo a países de esquerda), “Foro de São Paulo”, “Cuba” (em referência ao regime socialista cubano) tiveram mais de 30 menções durante todo o programa, e foram constantemente associadas de forma negativa se referindo aos adversários e causadores do problema.

A defesa da família e o combate à corrupção também tiveram grande importância no programa, levando em consideração o número de citações de palavras associadas. No caso das palavras relacionadas à família, tiveram mais de 30 citações, enquanto as palavras citadas sobre a corrupção passam de 16.

Essa análise pelo número de citações de palavras foi apenas uma forma de quantificar a importância das pautas ideológicas dos programas de 2018 em detrimento das anteriores (de 2002 a 2014). A minha análise do texto integral dos programas chega à mesma conclusão do número de citações, o objetivo maior desses programas estava no medo das pautas da ideologia opositora e em uma recuperação dos males concretizados por estas. No caso do PT, há uma defesa firme em recuperar e aumentar a democracia, enquanto no caso de Bolsonaro, a defesa está em “libertar” o país. Ambos enxergam nos seus opositores uma ameaça autoritária, mas por princípios distintos. A defesa do PT à democracia parte de uma maior participação popular no poder público em detrimento das ações privadas. Já a defesa de Bolsonaro à liberdade parte por uma maior liberdade privada em detrimento ao poder público. O autoritarismo que o PT enxerga está no impedimento de que determinados setores da sociedade participem do poder; enquanto o autoritarismo enxergado por Bolsonaro estaria relacionado na interferência do Estado na vida pessoal.

Há, então, duas visões à preocupação do autoritarismo. O combate ao autoritarismo com uma maior participação popular poderia estar relacionado à visão irrestrita, pois se pressupõe que com uma maior participação popular na política seria possível realizar mudanças estruturais mais efetivas em uma sociedade corrompida. A visão restrita na defesa das liberdades privadas partiria da ideia de que o Estado é incapaz de fazer correções na sociedade.

As diferenças ideológicas em ambos os programas deflagram de forma clara e objetiva uma disputa ideológica entre direita e esquerda; entre

progressistas e conservadores tal qual também existe nos EUA, pelo menos no que se trata aos temas de costumes. Disputa essa que não existia, pelo menos de forma evidente, nas eleições anteriores. A defesa da família é uma pauta padrão conservadora, inclusive dos conservadores americanos, como exemplifica Haidt (Haidt, 2012, p. 210). Pela perspectiva ocidental, os interesses da família devem ser priorizados em detrimento dos interesses do Estado, sobretudo no que se refere à educação dos filhos. Essa perspectiva também parte do princípio de que o núcleo familiar é estabelecido entre pai, mãe e filhos, e que este núcleo é o pilar da sociedade e da civilização, que ela seria a unidade social central e primária da ordem humana. Esse fundamento está baseado na filosofia aristotélica sobre a política, presente no clássico aristotélico: “A Política”. Essa visão de Aristóteles enxerga que o governo de uma família é como uma monarquia, governada apenas por um (o marido). A pauta em defesa dos valores ocidentais da família, de forma inevitável, entra em confronto com as pautas identitárias de gênero e sexualidade.

As pautas da chamada *cultura Woke*; que parte de uma maior conscientização às pautas progressistas sobre questões sociais, como raça, gênero e sexualidade; parecem se repetir no Brasil. No texto “*O fim do liberalismo identitário*”, 2016, o cientista americano Mark Lilla faz um alerta de como essas pautas acabam prejudicando na campanha, que na prática, só fortalecerá líderes populistas e autoritários de direita. A vitória de Donald Trump teria sido uma confirmação dessa tese, segundo o cientista político. Por esse motivo, a esquerda precisaria abandonar as pautas em defesa das minorias se quisesse voltar ao poder, e apresentar pautas de direitos mais universalistas. Ao olhar o caso brasileiro, as eleições de Bolsonaro seria outra confirmação desse alerta de Lilla, sobretudo ao analisarmos o perfil ideológico da população brasileira, que de forma majoritária aponta que é mais conservadora.

No índice de Índice de Conservadorismo do brasileiro do IBOPE, divulgado dia 22/12/2016 pelo jornalista José Roberto de Toledo, mais da metade dos brasileiros (54%) chegaram a atingir um alto grau de

conservadorismo. Atingiram alto grau de conservadorismo em questões sociais em cinco temas polêmicos, como: legalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, pena de morte, prisão perpétua e redução da maioridade penal. Em 2010, o IBOPE havia feito a mesma pesquisa, e percebeu um aumento em 2016. O aumento mais significativamente foi nos temas relacionados à segurança pública, onde o apoio à pena de morte foi de 31% para 49%, a redução da maioridade penal subiu de 63% para 78%, assim também como a defesa da prisão perpétua, subindo de 66% para 78%. No que se refere à pauta sobre legalização do aborto, se manteve da mesma forma com a de 2010, com 78% dos entrevistados.

A pesquisa “A Cara da Democracia do Brasil” feita anualmente desde 2018 pelo Instituto da Democracia (IDDC-INCT) apresenta o mesmo diagnóstico. Com exceção à defesa de adoções por casais do mesmo sexo que houve quedas ao longo do percurso (de 37% em 2018 para 56% em 2022), houve aumento em diversas pautas na área dos costumes. No gráfico abaixo, é possível ver com mais clareza a evolução da pesquisa em temas considerados polêmicos:

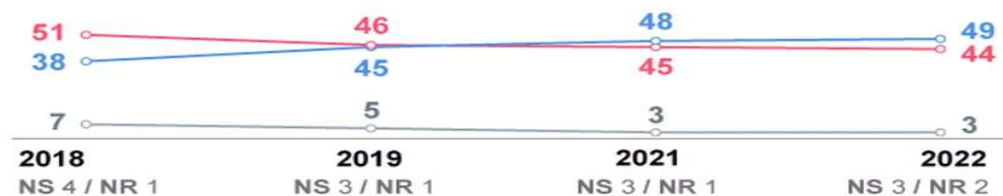
Gráfico 1 – “O que pensam os brasileiros sobre temas debatidos na sociedade”

## TEMAS POLÊMICOS

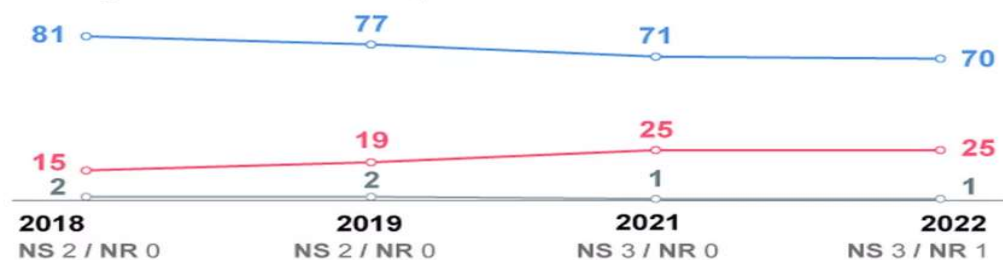
Dados em %

— A FAVOR — CONTRA — DEPENDE NS Não sabe NR Não respondeu

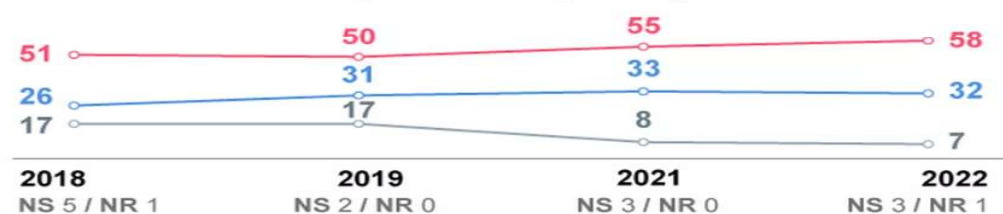
### Casamento entre pessoas do mesmo sexo



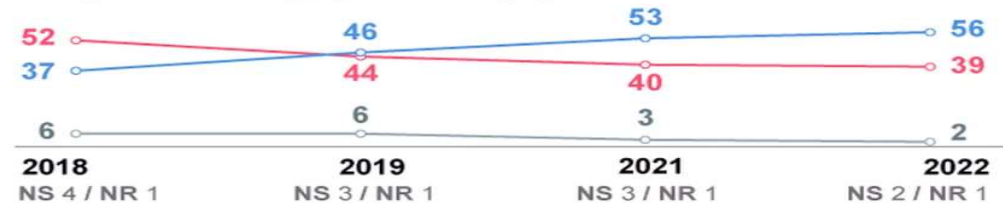
### Redução da maioridade penal



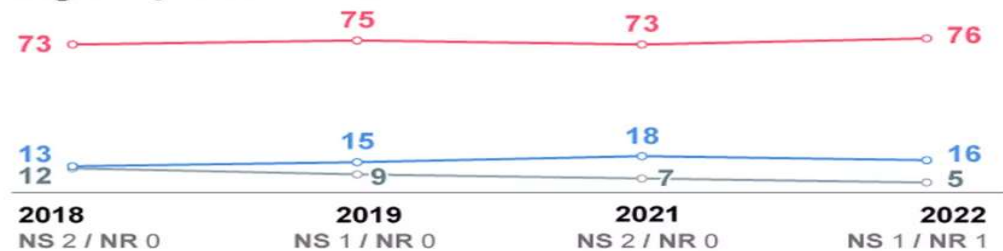
### Prisão de mulheres que interrompam a gravidez



### Adoção de criança por casal gay



### Legalização do aborto



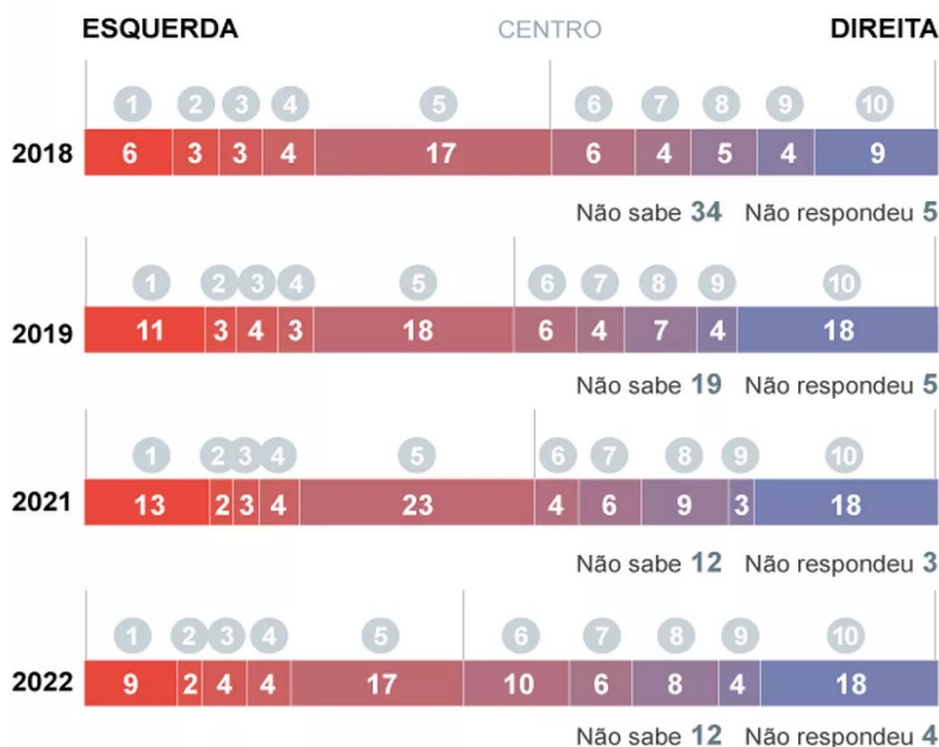
Fonte: O que pensam os brasileiros sobre temas debatidos na sociedade. (1), 03/07/2022 — Foto: Arte / O Globo

Há dois pontos interessantes dessa pesquisa, o primeiro é que houve um aumento de pessoas se definindo como mais radicais de direita, tendência que ocorreu na esquerda até 2021. Convergindo com o resultado levantamento dos temas polêmicos, a direita representa o dobro da esquerda (30% a 16%), de acordo com os entrevistados. O segundo ponto interessante é o fato de que por mais que tenha um aumento da identificação com a extrema-direita por parte dos entrevistados, a defesa da democracia ainda é defendida por todos, sendo um grupo bem minoritário que defende o contrário.

Gráfico 2 – O Posicionamento Político dos Entrevistados

## DIREITA E ESQUERDA

1 significa o máximo da esquerda; e 10, direita. Dados em %.



Fonte: Pesquisa "A cara da democracia", com 2.538 entrevistas presenciais em 201 cidades, em todas as regiões do país. A margem de erro total é de 1,9 ponto percentual para mais ou menos, e o índice de confiança é de 95%. INCT/DDC, com as universidades UFMG, Unicamp, UnB e Uerj/CNPq/Fapemig.

O GLOBO PULSO

Fonte: O que pensam os brasileiros sobre temas debatidos na sociedade (2), 03/07/2022 — Foto: Arte / O Globo

Gráfico 3 – Preocupação com a democracia

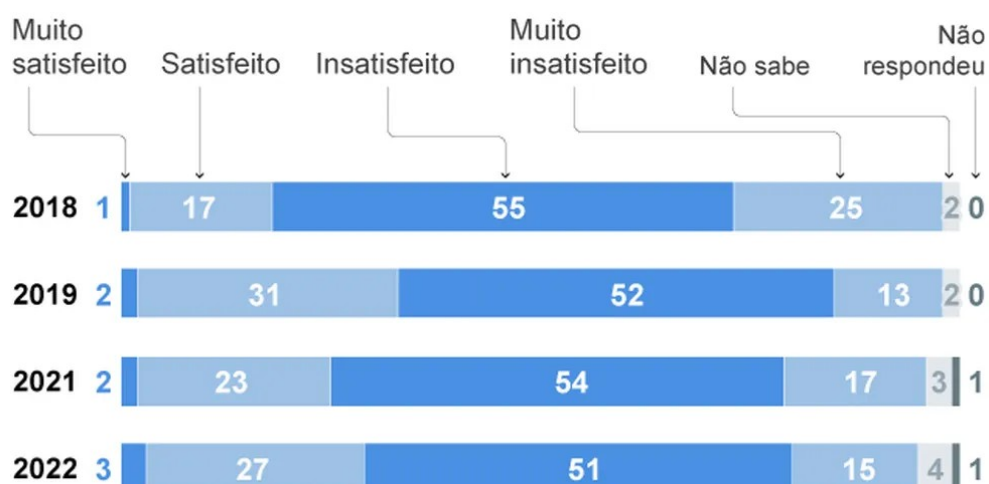
## MAIORIA PREFERE A DEMOCRACIA

Dados em %



## SATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA

Dados em %



Pesquisa "A Cara da Democracia", com 2.538 entrevistas presenciais com eleitores em 201 cidades, em todas as regiões do país, entre os dias 4 e 16 de junho. A pesquisa é financiada pelo CNPq e pela Fapemig, feita pelo Instituto da Democracia (IDDC-INCT), reunindo as universidades UFMG, Unicamp, UnB e Uerj. A margem de erro total é de 1,9 pontos percentuais para mais ou menos e o índice de confiança é de 95%. Alguns percentuais podem somar mais ou menos de 100% devido a arredondamentos.

O GLOBO PULSO

Fonte: O que pensam os brasileiros sobre temas debatidos na sociedade (3), 03/07/2022 — Foto:

Arte / O Globo

Em suma, os programas de governo de Haddad e Bolsonaro em 2018, e as pesquisas de opinião no que refere ao nível das posições ideológicas no Brasil indicam que a ideologia cresceu de importância no debate nacional. Esse debate entre as pautas conservadoras e progressistas parece não ser algo exclusivo do Brasil, pois ela também se apresenta de forma bem evidente nos EUA, onde parece existir uma “guerra cultural” entre Republicanos e Democratas. Com o avanço das pautas progressistas, descritas muitas vezes como “Cultura *Woke*”, pôde ter gerado uma reação conservadora, muitas vezes radical, contribuindo com que figuras como Donald Trump e Bolsonaro passem a ter relevância. Mais uma vez, todo esse clima de conflitos ideológicos demonstra uma diferença dos embates eleitorais entre PT e PSDB que esteve presente por muito tempo no cenário político nacional. O aumento do número de pessoas que se declaram de direita também é outro indício do desencanto com relação ao PSDB como opositor do PT, pois teriam percebido que candidatos de direita poderiam ser mais duros e efetivos no combate a este partido.

#### 4.6.

#### O nível de radicalismo e sua retroalimentação

A chegada da figura de Bolsonaro trouxe um alerta ao radicalismo na política, sobretudo por sua forma de falar e agir em público. De fato, de acordo com a *Janela dos Discursos*, o presidente estaria em uma posição distante do centro dos discursos, assim como o seu extremismo poderia ser justificado por seu saudosismo ao autoritarismo instalado no Regime Militar. Mas em relação aos políticos que ocultam suas verdadeiras ideologias, que seriam consideradas radicais pela opinião pública, para

poder se eleger e levar adiante suas pautas radicais de forma camuflada, estes poderiam ser descritos como radicais (pela sinceridade de sua ideologia) ou pelo que se apresenta (pela percepção)? Há inúmeros exemplos emblemáticos desses casos na história, como: Hugo Chávez e Fidel Castro, que tiveram que ocultar suas ideologias para se alçarem ao poder, e apresentá-las de fato só após lá ter se estabilizado, conforme é admitido pelo próprio Fidel Castro em seu livro de memórias *La Victoria Estratégica*. Como foi anteriormente discutido, por mais que um candidato tenha uma determinada ideologia, se ela não tiver uma aceitação pública, esse candidato precisará maquiagem e polir o seu discurso, precisará convencer o eleitorado de que suas ideias são distintas das suas reais.

A forma de mensurar esse tipo de radicalismo; no caso, do que é visto como radicalismo pela percepção pública; acabaria sendo mais complexa, pois seria preciso ter uma análise mais aprofundada do contexto histórico e político, além de uma maior captação das reais intenções dos candidatos. Por conta disso, foi preferível seguir outra forma de análise, uma forma mais objetiva, pela distância ideológica que há entre os dois pólos. Nesse tipo de análise, não será possível definir o nível de radicalismo levando em consideração o que estaria no centro da *Janela dos Discursos*, pois para isso, seria necessária uma análise mais aprofundada do cenário político brasileiro, para entender, antes de tudo, qual seria de fato o discurso mais aceito no país.

A análise pela distância dos discursos não faz juízo de valor, mas apenas constata que há uma polarização radicalizada, que por si só é um grande indício de extremismos por uma ou pelas duas partes. Quanto maior a distância, maior será a dificuldade de conciliação e compreensão do que o outro diz. Isso poderá levar a uma maior segregação política e social por parte dos envolvidos, a um aumento considerável de tensão entre os grupos, entre outros fenômenos levantados no segundo capítulo deste trabalho. Pelo que tudo indica, esse distanciamento se concretizou durante o período eleitoral de 2018.

Os levantamentos das pesquisas de opinião sugerem de alguma forma isso. Pautas progressistas relacionadas a questões étnico-raciais, gênero e sexualidade não apareciam de forma evidente no cenário público, possivelmente sendo restritos a ambientes acadêmicos e de movimentos sociais de esquerda. Políticas de cancelamento e linchamentos virtuais têm se apresentado com mais frequência, gerando temor aos mais moderados. Em pesquisa do IPEC de setembro de 2021 (Shalders; Faria, 2021), 6 a cada 10 jovens têm medo de falar sobre política com medo de represálias da cultura do cancelamento. Também de acordo com a pesquisa:

Quadro 2: a percepção dos jovens sobre o radicalismo político no Brasil

<b>consideram que a direita é intolerante e agressiva</b>	69%
<b>consideram que a esquerda é intolerante e agressiva</b>	66%
<b>acreditam que o debate político nas mídias sociais é agressivo</b>	83%
<b>consideram o debate político como um todo, agressivo ou intolerante</b>	80%
<b>consideram o debate político como um todo, agressivo ou intolerante</b>	58%

Fonte: Pesquisa Avaaz/Fundação Tide Setubal sobre Democracia e Eleições, setembro/2021. Disponível em: <<https://www.ipecc-inteligencia.com.br/pesquisas/>>

Esses dados trazem bons indícios da radicalização dos discursos, que os polos estão cada vez mais distantes, uma vez que os que estariam no centro disto já passam a temer represálias destes grupos. A segregação de grupos faz com que se tenha um aumento do clima de tensão, que pode chegar à violência, conforme discutido no segundo capítulo. O fato de 80% considerarem como agressivo o debate político em geral, traz um grande sinal de alerta para o caminho que o país está seguindo. Como a segregação entre grupos é uma tendência natural humana, e que quanto maior as diferenças e o medo da ameaça, conseqüentemente gerará um sentimento de luta pela sobrevivência, fazendo com que tudo que é dito e defendido pelo outro lado seja considerado nocivo e rejeitado. Nesse nível de divergências, acaba por obrigar àqueles que estão no centro a tomar um lado, seja por pressão feita por um dos lados, como também pelo medo do estrago que poderá fazer um desses lados, optando, assim, pelo que considerarem ser o “menos pior”.

Portanto, há uma tendência do desaparecimento do centro na medida em que a polarização vai atingindo graus mais elevados. O centro, por estar em uma zona menos emocional e menos fanática, possivelmente acaba sendo desencorajado, até por falta de força e energia para combater os radicalismos. Como já debatido, uma aliança da centro-esquerda com a centro-direita é menos provável que a aliança destes com a sua versão mais extremista, pois a essência ideológica acaba pesando mais na escolha, pois ainda que sua versão mais extrema cometa equívocos de percurso em sua percepção, ela ainda está do lado certo da história, ao contrário da versão mais moderada da ideologia antagônica.

No segundo capítulo, foi discutido sobre os efeitos psicológicos da ocitocina, o chamado hormônio do amor, e suas causas para uma maior

adesão entre grupos, que foi trazido por Haidt em *A Mente Moralista*. O resultado foi que de fato a ocitocina gera um aumento da conexão do indivíduo com o seu grupo, que esse hormônio faz com que um indivíduo tenha um amor maior com os seus semelhantes. Em contrapartida, esse hormônio ativa o ódio, conseqüentemente, àqueles que estão fora do grupo. Ou seja, quanto maior o amor ao seu próprio grupo, maior será o ódio ao grupo rival. Em um ambiente de polarização política, é possível, então, deduzir que quanto maior o amor, ou apego, por sua ideologia e seu grupo ideológico, maior será o ódio pela ideologia opositora e pelas pessoas adeptas dessa ideologia, e conseqüentemente mais tensa será a polarização política. Isso faz com que o debate seja menos racional e mais emocional. Com isso, o centro ideológico e todos aqueles que não estão contagiados por este clima emocional, acabam por simplesmente assistir este conflito sem ter muito que fazer, pois, além de não possuírem o mesmo nível de motivação, terão o medo de represálias destes grupos, conforme apontou a pesquisa acima. Um estudo voltado sobre o papel do centro político em ambientes de polarização ideológica, e de como este poderia vir a buscar a atenção e relevância seria de grande importância.

E na medida em que há um aumento da polarização, ou seja, em um maior distanciamento das ideologias postas, os extremismos de ambos os polos vão se retroalimentando, pois o medo da ideologia rival ganhar mais poder, no caso do Brasil, à presidência da República, acaba sendo o combustível para uma maior defesa dos seus ideais e do seu grupo, criando assim um verdadeiro clima de guerra, como de fato ocorreu nas eleições de 2018, chegando ao ponto de um dos candidatos sofrer uma tentativa de homicídio quase que concretizada, além de inúmeros casos de violência física ocorridos entre os próprios manifestantes de ambos os lados.

Compreender melhor as causas que nos levam a entrar em conflitos pode ser muito importante para se evitar os conflitos, pelo menos os mais violentos. Entender a nossa natureza, as nossas limitações, que possuímos essa dificuldade de compreensão das motivações e da lógica por trás das reivindicações das pautas contrárias à nossa, por conta do

nosso “ideocentrismo”, poderá contribuir para uma maior abertura ao diálogo, ao respeito e a um possível consenso. Os conflitos e as divergências em muitos casos podem ser benéficos, pois é a partir dela que passamos a rever muitos dos nossos conceitos. Este poderia ser um meio viável para o fim dos extremismos.

## 5

## Considerações Finais

A discussão sobre as causas dos conflitos ideológicos partiu da premissa de que há fatores intrínsecos humanos que poderiam ajudar a refletir sobre alguns gatilhos que permitem que as pessoas se formem em grupos e entrem em conflitos tribalistas, onde o interesse do grupo estaria acima dos interesses individuais. Essa dissertação teve, então, como principal base a obra de psicologia social: *A Mente Moralista* de Jonathan Haidt. A dissertação se iniciou com o clássico debate de coletivismo *versus* individualismo, com o intuito de compreender as principais motivações humanas para o conflito, mas essa discussão deixou de ter certa importância com algumas teses que concluem que a natureza humana é dualista, que as pessoas transitam entre o individualismo e o coletivismo, e que foi bem exemplificada pelo conceito do *Homo Duplex* de Émile Durkheim. A síntese de Jonathan Haidt a respeito desse dualismo é de que os homens são 90% chimpanzés e 10% abelhas, devido aos mais de cinco bilhões de anos de evolução a nível individual e aos mais de 500 milhões de anos a nível de grupos. A seleção natural fez com que os seres humanos, ao contrário dos outros primatas, seguissem um caminho onde a convivência entre grupos, e consequentemente a sua interdependência, fosse mais benéfica, tanto para a sua proteção quanto para o seu domínio. Portanto, foi possível concluir que há de fato uma tendência natural humana a se unir em grupos.

A tendência humana a entrar em conflitos, parte antes de tudo, de uma consequência da busca pela sobrevivência individual, que ocorre em praticamente com todos os seres vivos. Com os seres humanos, o instinto de sobrevivência foi estendido ao nível de grupos, o que consequentemente faz com que indivíduos de um grupo se unam para se defender e combater possíveis ameaças vindas de outros grupos. A

seleção natural contribuiu para que a mente humana agisse por processos automáticos e intuitivos para uma maior integração em grupos, o que teria trazido consequências positivas, como por exemplo: maior cooperação social, como também negativas, como: o uso de estereótipos, preconceitos, desumanização de pessoas do outro grupo, comportamento de rebanho entre outros. De acordo com a *Psicologia das Multidões* de Gustave Le Bon, o “eu” se perde dentro do “nós”, fazendo com que as ações dentro dos grupos ocorram de forma mais emocional, de forma inconsciente. A multidão hipnotiza o indivíduo, fazendo com o que seja irreal se seja visto como real, e que dentro da multidão, ou seja, dentro do grupo, se crie a sensação de maior poder, de invencibilidade, o que acaba incentivando cada vez mais aos conflitos.

De forma mais técnica, a mente humana age por processos automáticos, pois ao longo do vasto período de evolução humana, desenvolvemos sistemas cognitivos automáticos que nos ajudaram a lidar com informações de forma mais rápida e mais eficiente, com intuito de consumir menos tempo e energia, como também para escapar de situações de perigo. No entanto, esses processos automáticos também acabam levando a distorções cognitivas e erros de julgamento quando interpretamos de forma mais simplista questões mais complexas de grupos que não conhecemos.

O etnocentrismo seria um resultado de processo automático, pois se trata da tendência de julgar outras culturas com base em nossos próprios princípios e padrões. Isso ocorre porque nosso sistema cognitivo automático nos levou a favorecer informações que possuímos ter mais segurança, de acordo com nossas próprias crenças, valores morais e valores culturais, e conseqüentemente a rejeitar informações que aparentam ser incompatíveis com aquilo que acreditamos ser o padrão, o correto. Com o anacronismo é o mesmo caso, pois tendemos de julgar eventos históricos com base nos nossos padrões e valores atuais. Quanto mais distante for o evento, maior o estranhamento.

Os estereótipos; que são visões simplificadas, generalizadas, e às vezes de forma caricata sobre pessoas de um determinado grupo; talvez seja o maior exemplo de processos automáticos, pois está presente em praticamente todo o reino animal. Adquirimos informações de forma rápida, usando nossas experiências passadas para fazer suposições sobre quais tipos de pessoas (ou animais) se enquadra naquilo que já definimos anteriormente com a experiência. No entanto, essas suposições podem levar a injustiças por sua falta de precisão, fazendo com que os estereótipos sejam prejudiciais em muitos casos. No campo político, que é o que este trabalho teve como foco, seria um reflexo disso. Uma das principais causas que fazem as pessoas a entrarem em conflitos e a entrarem em uma polarização ideológica é a falta de compreensão do que o outro de fato defende.

Com isso, a tese dos processos automáticos adquiridos pela evolução humana ajuda a explicar como os estereótipos, etnocentrismo, anacronismo, xenofobia, e até mesmo a segregação ideológica podem surgir em nossas mentes de forma automática, sem que percebamos. Esses processos podem ser bastante úteis para determinados casos, mas podem levar a grandes conflitos. Então, além da tendência natural em se formar em grupos, há a tendência de entrar em conflitos entre grupos por estas questões evolutivas, que fez sermos *homo duplex* e agir por processos automáticos respondendo assim, à primeira pergunta da dissertação: *Por que há divisões e competições entre grupos?*

Como o foco do trabalho foi de responder os conflitos ideológicos, além de compreender as causas gerais dos conflitos entre grupos, também seria preciso compreender as causas específicas que fomentam os conflitos ideológicos. Conforme descrito na introdução, o terceiro capítulo buscou responder à segunda pergunta: *Quais são as causas da segregação ideológica?*

O capítulo iniciou com a discussão das causas dos conflitos entre direita e esquerda, mas para isso, seria necessário, *a priori*, determinar uma diferença objetiva entre esses dois espectros, o que não foi uma tarefa

fácil, pois, conforme foi discutido, há muita subjetividade nestes termos. Com a tese de Sowell, que diferencia a “direita” da “esquerda” pelas distintas visões de mundo; e com a Teoria dos Fundamentos Morais de Haidt, foi possível descrever de forma objetiva as diferenças desses dois espectros. Como essas teses diferenciam as duas ideologias por distintas fundamentações morais e por distintas premissas de raciocínio, faz com que naturalmente cada uma das ideologias defenda pautas antagônicas, assim como também faz com que seus defensores tenham muita dificuldade de compreender a lógica na defesa das pautas antagônicas. Por parte da esquerda, essa compreensão é mais difícil por não possuir alguns dos fundamentos morais característicos da direita, o que não ocorre no oposto. Além disso, quanto mais radicais, maior será a dificuldade de ter a compreensão da ideologia antagônica, pelas duas partes. No segundo capítulo foi possível entender que processos automáticos que resultam em etnocentrismo explicam as causas dos conflitos entre grupos. Entendo que essa dificuldade de compreensão explicada pelas teorias de Sowell e Haidt poderia ser descrita como “ideocentrismo”, o equivalente de etnocentrismo para explicar este fenômeno nos conflitos ideológicos. Assim sendo, a aplicação do método antropológico de relativismo cultural pode ser importante para uma análise empírica destes conflitos. Sobre a segunda pergunta, entendo serem satisfatórias as respostas trazidas por Sowell e Haidt neste terceiro capítulo.

Já o quarto capítulo, teve foco na polarização apresentada no Brasil durante as eleições de 2018, com intuito de também responder a terceira pergunta: *O levantamento apriorístico pode explicar a polarização ocorrida no Brasil?* A análise do caso brasileiro partiu especialmente de seu tipo de polarização, se é comparável com a polarização antecessora.

A polarização apresentada nas eleições de 2018 foi marcada por intensos conflitos ideológicos, que a meu ver, não se pode comparar com a polarização entre PT e PSDB, por exemplo. Na polarização entre estes dois partidos tradicionais, se tratava de uma polarização considerada por mim como político-eleitoral, onde o foco é a disputa eleitoral, na imagem

do candidato. Conforme foi esclarecido, poderiam existir elementos ideológicos nessa polarização, mas não era o seu foco majoritário. Ao contrário da polarização ocorrida entre petistas e bolsonaristas, que se tratava, de fato, de uma polarização entre distintas visões de mundo, entre diferentes fundamentos morais.

Como a polarização brasileira possui elementos semelhantes com a recente polarização ideológica entre Republicanos e Democratas nos Estados Unidos, foi possível deduzir que a composição dos fundamentos morais de Haidt seria parecida nos dois casos. Para se ter uma maior definição, seria necessário um estudo aprofundado das causas intrínsecas do fenômeno brasileiro, levando em consideração fatores históricos, políticos e culturais do país, para assim comparar de forma mais objetiva com a polarização ideológica nos EUA. Mas de forma provisória, entendo ser possível o uso dos mesmos fundamentos definidos por Haidt. De forma mais evidente, a distinção entre as visões ideológicas é evidenciada através do embate entre as visões *restrita* e *irrestrita*. Essa distinção de visão se torna mais clara quando se trata dos valores da família.

Um ponto importante a ser destacado é que a polarização entre direita e esquerda no Brasil observada em 2018, muito provavelmente não se tratou de uma mera polarização entre bolsonarismo versus petismo. Grande parte das ideias defendidas por Bolsonaro passaram a ter relevância antes mesmo deste ter relevância nacional. Ou seja, Bolsonaro seria resultado de um movimento que já emergia, e não seu criador, como por exemplo: Vargas com o varguismo. A importância maior de Bolsonaro neste movimento possivelmente foi a de coordenar e potencializar essas ideias, de forma mais extrema e emotiva.

Por outro lado, as ideias progressistas abraçadas pelo petismo, que se opõe frontalmente com as pautas de costumes defendidas por Bolsonaro, tampouco se tratam de ideias trazidas por este partido. Um possível fim do “bolsonarismo” não necessariamente acarretaria no fim da direita no Brasil, ou tiraria a sua relevância. A polarização existente no Brasil

independe de suas lideranças políticas. É uma polarização mais orgânica, vinda de baixo para cima, e isso deve ser levado em consideração ao analisar o caso brasileiro.

Respondendo, então, a terceira pergunta desta dissertação (o levantamento apriorístico pode explicar a polarização ocorrida no Brasil?), como o levantamento apriorístico dos dois primeiros capítulos teve como foco descrever as motivações humanas que levam pessoas a entrar em conflitos entre grupos e que os conflitos ideológicos estão relacionados a divergências morais, sobretudo no que se refere aos conflitos entre conservadores e progressistas, entendo que sim, que é possível compreender parte do cenário atual com um levantamento apriorístico, pois de fato, a polarização apresentada nas eleições de 2018 está fundamentada em divergências intrinsecamente ideológicas, típicas dos conflitos entre direita e esquerda. Com esse levantamento, não seria possível analisar as polarizações consideradas como político-eleitorais, mas apenas polarizações consideradas político-ideológicas. As polarizações político-eleitorais precisam de um método de análise diferente da polarização político-ideológica, pois a natureza do conflito é distinta. Como na polarização político-eleitoral o foco da disputa está em uma psicologia do convencimento e relacionada a um discurso mais técnico, provavelmente uma análise mais empírica e uma análise mais pela perspectiva do marketing seria mais efetiva.

Por fim, este trabalho levantou inúmeras questões que ainda precisam ser melhores resolvidas, como o contexto histórico que antecederam as eleições de 2018, incluindo as Jornadas de Junho, Onda Azul etc.; o nível de extremismo nas pautas conservadoras e progressistas; na definição do político que possui ideias radicais, mas que se passa por moderado; nas diferenças com a polarização americana; entre outras questões. Um estudo mais aprofundado sobre os fatores políticos, históricos e culturais do Brasil também seria um estudo que deveria suceder a este realizado. O apriorismo aqui sempre descrito não se tratou de um simples levantamento teórico, mas de explicações de suas causas que antecedem a experiência, como uma espécie de axioma dos conflitos ideológicos,

justamente para servir de base a um estudo mais específico dos conflitos ideológicos. A complexidade do tema é tamanha que seria muita ambição querer resolvê-la em um único trabalho. Então, desde já deixo em aberto o desenvolvimento de novos trabalhos sobre o tema para aprofundamentos e reparos.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária** – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ARENDT, Hannah. **As Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. **Política**. Edição bilíngue (português-grego) com tradução direta do grego. Tradução de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. 1ª ed. Lisboa: Vega, 1998.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARON, Raymond. **The opium of the intellectuals : Transl. by Terence Kilmartin**. Westport, Conn.: Greenwood Pr, 1977.

ARPABONE. English: **Nolan chart in SpanishEspañol**: Diagrama de Nolan. Wikimedia Commons. Disponível em:  
<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Diagrama\\_de\\_nolan.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Diagrama_de_nolan.png)>.  
Acesso em: 11 jan. 2023.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

BIAGGIO, Angela. **Lawrence Kohlberg**. [s.l.: s.n.], 2006.

BOEHM, Christopher. **Hierarchy in the forest : the evolution of egalitarian behavior**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001.

BOUCHARD, T. J. Jr. **Twin studies of behavior**. Em A. Schimitt, K. Atzwanger, K. Grammer & K. Schäfer (Orgs.), *New aspects of human ethology*. New York: Plenum Press, 1997. p. 121-140

BOUCHARD, T. J., Jr. e Propping, P. **Twins as a tool of behavioral genetics**. Chichester, UK: John Wiley & Sons, 1993.

BOUCHARD, T. et al. **Sources of human psychological differences: the Minnesota Study of Twins Reared Apart**. Science, v. 250, n. 4978, 1990.

BRASIL DE FATO. Artigo | **Como surgiu a política identitária e qual sua relação com a ideologia liberal?** Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/09/17/artigo-como-surgiu-a-politica-identitaria-e-qual-sua-relacao-com-a-ideologia-liberal>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CARTA CAPITAL. **Impeachment ou golpe?** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/impeachment-ou-golpe/>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CARVALHO, Ivanildo. **De Menger a Hayek: A Escola Austríaca e suas críticas às teorias socialistas**. Monografia (bacharel em Ciências Sociais) – PUC-Rio. Rio de Janeiro. 2018.

CARVALHO, Olavo de. **Direita e esquerda, origem e fim**. SAPIENTIAM AUTEM NON VINCIT MALITIA. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/direita-e-esquerda-origem-e-fim/>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CARVALHO, Olavo de. **O Imbecil Coletivo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

CARVALHO, Olavo de. **Estudar antes de falar**. SAPIENTIAM AUTEM NON VINCIT MALITIA. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/estudar-antes-de-falar/>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CARVALHO, Olavo de; BRASIL, Felipe Moura. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

CASTRO, Fidel. **La victoria estratégica**. [s.l.]: Ocean Press (WA), 2011.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Em: Os Pensadores. Tradução de José Arthur Giannotti. 2.ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

CORTÊS, Pâmela de Rezende. **Por que nos unimos a grupos ideológicos?: Explicações evolucionistas para as discordâncias políticas**. Dissertação (mestrado) – UFMG. Belo Horizonte. 2016.

DAMATA, Roberto. **A casa & a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio De Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DARWIN, Charles. **Origem das espécies** (1859). [s.l.]: Ubu Editora LTDA - ME, 2018.

DARWIN, Charles. **A origem do homem**. In: DARWIN, C. A origem do homem e a seleção sexual. São Paulo: Hemus, 1974.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. [s.l.]: Companhia das Letras, 2007.

DAWKINS, Richard. **O maior espetáculo da terra: as evidências da evolução**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene**. Oxford: Oxford University Press, 1989. de Janeiro: Zahar Ed., 1975.

DE TOLEDO, José Roberto. **Conservador na medida**. Estadão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/jose-roberto-de-toledo/conservador-na-medida/>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

DRYDEN, John. **The Conquest of Granada by the Spaniards**. [s.l.: s.n.], 1672.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1990.

DURKHEIM, E. (1914) **The dualism of human nature and its social conditions**. Emile Durkheim: Essayson Sociologyan Philosophy, ed. K. Wolff. Nova York: Harper & Row, 1964, p. 325-340.

DURKHEIM, E. (1912). **As formas elementares de vida religiosa**. Nova York: The Free Press, 1995.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

DURKHEIM, Emile ; ARRANZ, Manuel. **El suicidio : estudio de sociología**. Buenos Aires: Losada, 2004.

EBENSTEIN, A. O. **Friedrich Hayek: A Biography**. Reino Unido: St. Martin's Publishing Group, 2014.

EHRENREICH, Barbara. **Dançando nas ruas: uma história do êxtase coletivo**. Rio De Janeiro (Rj): Record, 2010.

ENCEL, Frédéric; THUAL, François (2004). **"United States-Israel: A friendship that needs to be demystified"**. Le Figaro. Paris. Archived from the original on 2007-09-30.

ESEB (2020), **Brazilian Electoral Study**. Available at <<https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb>>.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro** (2ª ed. revista e aumentada). Porto Alegre/São Paulo, Editora Globo/Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

FEIJOR, Ricardo. **Economia e filosofia na escola austríaca: Menger, Mises e Hayek**. São Paulo: Nobel, 2000.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Aprovação a governo Dilma Rousseff cai 27 pontos em três semanas**. Datafolha. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1303659-aprovacao-a-governo-dilma-rousseff-cai-27-pontos-em-tres-semanas.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Esquerda deve tirar foco da pauta identitária para ser eleita, diz Mark Lilla**. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/03/esquerda-deve-tirar-foco-da-pauta-identitaria-para-ser-eleita-diz-mark-lilla.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO . **“Sou de esquerda, mas ninguém acredita”, diz FHC - 09/04/2014 - Poder**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1438019-sou-de-esquerda-mas-ninguem-acredita-diz-fhc.shtml>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

FREUD, Sigmund; ENDO, Paulo Cesar; SOUSA, Edson Luiz André; *et al.* **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre RS: L & PM Pocket, 2013.

FUKS, Mario; BORBA, Julian, **Sentimentos partidários: temas, controvérsias e sua recepção recente no Brasil**. No prelo, 2020.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. **Polarização, antipartidarismo e tolerância política no Brasil**. Paper Presented At Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 2018.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAZETA DO POVO. **Por que chimpanzés não falam? Podem não ser só os genes**. Disponível em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/por-que-chimpanzes-nao-falam-podem-nao-ser-so-os-genes-bzibd6ip32nmimh0nmdrw1phq/>>.

Acesso em: 7 ago. 2022

G1. **10 fatos que marcaram as eleições de 2018**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/10-fatos-que-marcaram-as-eleicoes-de-2018.ghml>>. Acesso em: 7 jan. 2023.

G1. **Gestão Haddad é avaliada como ótima ou boa por 17%, diz Datafolha**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2016/noticia/2016/08/gestao-haddad-e-avaliada-como-otima-ou-bo-a-por-17-diz-datafolha.html>>. Acesso em: 6 jan. 2023.

G1 ECONOMIA. **Levantamento da PF aponta desvios de mais de R\$ 48 bilhões em 4 anos no país com corrupção**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/07/30/levantamento-da-pf-aponta-desvios-de-r-48-bilhoes-em-4-anos-no-pais-com-corrupcao.ghml>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

G1. **Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes**. Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>>. Acesso em: 6 dez. 2022

G1. **Ministro Gilmar Mendes diz que PT instalou a “cleptocracia” no país**. Globo News. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/09/ministro-gilmar-mendes-diz-que-pt-instalou-cleptocracia-no-pais.html>>. Acesso em: 6 out. 2022

G1. **Relatos sobre agressões por motivação política crescem nas redes sociais no 2º turno, mostra estudo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/12/relatos-sobre-agressoes-por-motivacao-politica-crescem-nas-redes-sociais-no-2o-turno-mostra-estudo.ghml>>. Acesso em: 6 dez. 2022

GRAHAM, Jesse; HAIDT, Jonathan et al. **Moral foundations theory: The pragmatic validity of moral pluralism**. In: DEVINE, Patricia; PLANT, Ashby. *Advances in Experimental Social Psychology*. Academic Press, Volume 47. Elsevier, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBSON, James L. **Intolerance and political repression in the United States: a half century after McCarthyism**. *American Journal of Political Science*. Vol. 52, Nº 01, 2008, p. 96-108.

GIDDENS, A. **As ideias de Durkheim**. São Paulo: Cultrix, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Durkheim**. London: Fontana, 1997.

GODWIN, William. **An enquiry concerning political justice** 1793. Oxford: Woodstock Books, 1992.

GORDON, Flávio. **A corrupção da inteligência**. São Paulo: Editora Record, 2017.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões - Le Bon**. [s.l.]: Lebooks Editora, 2022.

LULA, Luiz Inácio. **Íntegra do discurso do presidente Lula no Ipea (parte 5)**. Planalto, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EE5uoxUTiz0>>. Acesso em: 6 jan. 2022

HAIDT, Jonathan. **The happiness hypothesis : finding modern truth in ancient wisdom**. New York: Basic Books, 2006.

HAIDT, J; GRAHAM, J.; JOSEPH, C. (2009). **Above and below left-right: Ideological narratives and moral foundations**. *Psychological Inquiry*, 2009.

HAIDT, Jonathan. **The Righteous Mind: Why Good People are Divided by Politics and Religion**. New York: Vintage Books, A Division Of Random House, 2012.

HAIDT, Jonathan. **What Makes People Vote Republican**. Edge, 2008. Disponível em: <[https://www.edge.org/conversation/jonathan\\_haidt-what-makes-people-vote-republican](https://www.edge.org/conversation/jonathan_haidt-what-makes-people-vote-republican)>. Acesso em: 6 set. 2022

HAMILTON, WD. **Geometria para o rebanho egoísta**. Journal of Theoretical Biology 31, 1971, p. 295-311.

HAYEK, Friedrich A. **A pretensão do conhecimento**. [s.l.]: LVM Editora, 2019.

HAYEK, Frederich A. **O caminho para a servidão** Tradução: Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HAYEK, Friedrich A. **Os Fundamentos da Liberdade**. Supervisão e introdução de Henry Maksoud. Tradução de Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle. Editora Visão, 1983.

HAYEK, Friedrich A. 1945. **The use of knowledge in society**. In Friedrich A. Hayek, 1948.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. New York: Barnes & Noble, 2004.

HOPPE, H. H., **A Ciência Econômica e o Método Austríaco**, 2007.  
INCT. IDDC | **A Cara da Democracia**. inct democracia. Disponível em: <<https://www.institutodademocracia.org/a-cara-da-democracia>>. Acesso em: 12 set. 2022.

HOW TO ACADEMY MINDSET. **Steven Pinker Meets Richard Dawkins | On Reason and Rationality** YouTube, 31 out. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T9xapuNvtIQ>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

ISMAEL, Ricardo. **A Repercussão da Operação Lava Jato na Eleição Presidencial de 2018**. In: ISMAEL, Ricardo; MONTEIRO, Geraldo. O BRASIL e as ELEIÇÕES NACIONAIS de 2018: Mudanças, Continuidades e Novos Desafios. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020, p.113-138.

**Janela de Overton: como manipular a opinião pública** | Tecla SAP #1. Papo de Homem. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/janela-de-overton-como-manipular-a-opiniao-publica/>>. Acesso em: 6 ago. 2022

JEAN PIERRE FAYE. **Le siècle des idéologies**. Paris: Armand Colin, 2002.

JEFERSON RIBEIRO. **Lula afirma que próximas eleições não terão 'trogloditas de direita'**. G1, 2009. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1307385-5601,00-LULA+AFIRMA+QUE+PROXIMAS+ELEICOES+NAO+TERAO+TROGLODITAS+DE+DIREITA.html>>. Acesso em: 20 set. 2022

JOFFE, JOSEF. **New Year's Essay 2009** - For Roland Berger - By Josef Joffe | Roland Berger News | Strategy Consultants. web.archive.org. Disponível em:  
<<https://web.archive.org/web/20090203054730/http://www.rolandberger.com/news/2008-12-22-rbnc-news-NewYearEssay.html>>. Acesso em: 2 dez. 2022.

JOHNSTON, C. **Biological warfare flares up again between EO Wilson and Richard Dawkins**. The Guardian, 7 nov. 2014.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática** (1788). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KIRK, Russell. **A política da prudência**, 1993. Tradução de Gustavo Campos e Marcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2013.  
LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LE BON, Gustave, and Silva, Rosário Morais da. **Psicologia Das Massas**. Portugal, n.p, 2009.

LEHMAN, Joseph G. (23 November 2009). **Glenn Beck Highlights Mackinac Center's "Overton window"**. Mackinac Center for Public Policy. Retrieved 16 April 2017.

LEVINE, Robert A. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**: Second Edition. ELSEVIER, 2017 p. 166.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. [s.l.]: Ubu Editora LTDA - ME, 2018.

LILLA, Mark. **Opinion | The End of Identity Liberalism**. The New York Times, 2016. Disponível em:  
<<https://www.nytimes.com/2016/11/20/opinion/sunday/the-end-of-identity-liberalism.html>>. Acesso em: 20 dez. 2022

LOCKE, John, **An Essay Concerning Human Understanding**, vol.1, New York: Dover, 1959, p.121-125

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LUKIANOFF, Greg ; HAIDT, Jonathan. **The Coddling of the American Mind: How Good Intentions and Bad Ideas Are Setting Up a Generation for Failure**. United Kingdom: Penguin Books, 2019.

LURIA, Aleksandr Romanovich; MERINO, Pedro Mateo. **Introducción evolucionista a la psicología**. Barcelona: Martínez Roca, 1987.

MAGALHÃES, Mário. **Já não se faz “passeata de direita” como antigamente**. UOL Notícias. Disponível em: <<https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2013/06/25/ja-nao-se-faz-passeata-de-direita-como-antigamente/>>. Acesso em: 6 dez. 2022

MAGALHÃES, Vera. Folha de S. Paulo - **Inimigo íntimo: Só luta pelo poder separa PT e PSDB, diz FHC - 11/04/2005**. [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1104200505.htm>>. Acesso em: 6 dez. 2022

MAIA, Tatiana Vargas. **A falsa dicotomia entre pautas identitárias e economia**. El País Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/06/opinion/1541544431\\_898684.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/06/opinion/1541544431_898684.html)>. Acesso em: 6 dez. 2022

MANFRED, A. Z. Capítulo XIV - **O Mundo Capitalista no Final do Século XIX**. [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v02/14.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MARCUS, Gary: **The birth of the mind : how a tiny number of genes creates the complexities of human thought**. New York: Basic Books, 2004.

MARX, Karl. **“Reflections of a Young Man on the Choice of a Profession”**. In: Marx & Engels Collected Works. Vol. 1. Trad. Clemens Dutt. London: Lawrence & Wishart, 1975.

MARX, Karl. Karl Marx: **Teses sobre Feuerbach** (1845).  
www.marxists.org. Disponível em:  
<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso  
em: 6 jun. 2022

MARX, Karl; FRIEDRICH ENGELS; PINA, Alvaro; *et al.* **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial ; Dulcinéia Catadora, 2015.

MARX, Karl; FRIEDRICH ENGELS; RUBENS ENDERLE; *et al.* **A ideologia alemã crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. [s.l.]: São Paulo Boitempo, 2007.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo:Ed. Perspectiva, 2003.

MILLS. C.Wright. **Do artesanato Intelectual**. In: Imaginação Sociológica. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1965.

MISES BRASIL. **Por que não sou conservador**. Disponível em:  
<<https://mises.org.br/article/2375/por-que-nao-sou-conservador>>. Acesso  
em: 6 set. 2022

MISES, Ludwig von, **Ação humana - um tratado de economia** / Ludwig von Mises - Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

MISES, Ludwig von. **Human action**. [s.l.]: Yale Univ. Press, 1949.

MISES, Ludwig Von. **A Mentalidade Anticapitalista** -- São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MPF, Ministério Público Federal-. **Valor devolvido pela Lava Jato já ultrapassa os R\$ 4 bilhões**. MPF. Disponível em:  
<<https://www.mpf.mp.br/pr/sala-de-imprensa/noticias-pr/valor-devolvido-pela-lava-jato-ja-ultrapassa-os-r-4-bilhoes>>. Acesso em: 10 dez. 2022

**Nem tudo se desfaz: Como vinte centavos iniciaram uma revolução conservadora**; Direção: Josias Teófilo. Produção: Roberta Claudino. Brasil: Lavra Filmes, 2021. Streaming.

NOSSA, Leonêncio. **Lula comemora disputa de 2010 sem “trogloditas de direita”**. Estadão. Disponível em:  
<<https://www.estadao.com.br/politica/lula-comemora-disputa-de-2010-sem-trogloditas-de-direita/>>. Acesso em: 9 dez. 2022

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

**Overton Window Range For Popular Policy Strategy Educational Outline Concept Stock Vector** - Illustration of left, strategy: 218066594. [www.dreamstime.com](https://www.dreamstime.com/overton-window-range-popular-policy-strategy-educational-outline-concept-labeled-axis-unthinkable-radical-acceptable-image218066594). Disponível em: <<https://www.dreamstime.com/overton-window-range-popular-policy-strategy-educational-outline-concept-labeled-axis-unthinkable-radical-acceptable-image218066594>>. Acesso em: 10 out. 2022.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA, **Plano de Governo Aécio 2014**, 2014.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA, **Plano de Governo Alckmin 2006**, 2016.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA, **Plano de Governo Serra 2010**, 2010.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA, **Plano de Governo Serra 2002**, 2002.

PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA, **Plano de Governo Ciro 2018**, 2018.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Plano de governo Dilma 2010**. [s.l.: s.n.].

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Plano de governo Dilma 2014**. [s.l.: s.n.].

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Plano de governo Haddad 2018**. [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <[https://pt.org.br/wp-content/uploads/2018/08/plano-de-governo\\_haddad-13-pdf.pdf](https://pt.org.br/wp-content/uploads/2018/08/plano-de-governo_haddad-13-pdf.pdf)>. Acesso em: 6 dez. 2022.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Plano de governo Lula 2002**. [s.l.: s.n.].

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Plano de governo Lula 2006**, 2006.

PARTIDO SOCIAL LIBERAL, **Plano de Governo Bolsonaro 2018**, 2018.

PARTIDO SOCIAL LIBERAL (PSL). **Novo Estatuto do PSL**. Brasília: 2019.

PEREIRA, Fundação Astrojildo. Cláudio Gonçalves Couto: **Que centro é este?** Fundação Astrojildo Pereira. Disponível em: <<https://www.fundacaoastrojildo.org.br/claudio-goncalves-couto-que-centro-e-este/>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

PETERSON, Jordan B. **Enlightenment and the Righteous Mind | Steven Pinker & Jonathan Haidt | The JBP Podcast S4: E52**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4tAQM5uU8uk>>. Acesso em: 9 ago. 2022.

PINKER, Steven. **Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.

POLÍCIA FEDERAL. **Diretoria de Investigação e Combate ao Crime Organizado - DICOR**. Polícia Federal. Disponível em: <<https://www.gov.br/pf/pt-br/aceso-a-informacao/estatisticas/diretoria-de-investigacao-e-combate-ao-crime-organizado-dicor>>. Acesso em: 8 dez. 2022

POLÍCIA FEDERAL. **Polícia Federal deflagra 76ª Fase da Operação Lava Jato – Operação Sem Limites III – para investigar esquema criminoso em Gerência de estatal brasileira**. Polícia Federal. Disponível em: <<https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/noticias/2020/10-noticias-de-outubro-de-2020/policia-federal-deflagra-76a-fase-da-operacao-lava-jato-2013-operacao-sem-limites-iii-2013-para-investigar-esquema-criminoso-em-gerencia-de-estatal-brasileira>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

POVO, O. Ipec: **Por medo de cancelamento, 6 em cada 10 jovens não falam de política**. O POVO. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/11/03/ipec-por-medo-de-cancelamento-6-em-cada-10-jovens-nao-falam-de-politica.html>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

POVO, T. C., especial para a Gazeta do. **Lava Jato: quanto dinheiro foi recuperado e para ele onde foi**. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lava-jato-dinheiro-recuperado-destino/>>. Acesso em: 7 dez. 2022.

PSDB Brasil. **‘A luta de PT e PSDB é política, não ideológica’**. PSDB Brasil, 2004. Disponível em:

<<https://www.psdb.org.br/acompanhe/noticias/a-luta-de-pt-e-psdb-e-politica-nao-ideologica>>. Acesso em: 7 dez. 2022.

RAND, Ayn. **America's persecuted minority: big business**: Papamoa Press, 2018 p. 15

RAPOSO, Eduardo. **Economia e política no Brasil: o que esteve em “jogo” nas eleições de 2018**. In: ISMAEL, Ricardo; MONTEIRO, Geraldo. O BRASIL e as ELEIÇÕES NACIONAIS de 2018: Mudanças, Continuidades e Novos Desafios. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020 .p.53-68.

RAWLS, John. **A Theory of Justice**. Cambridge: Harvard University Press, 1971. Cap. 1 e 2.

REUTERS. **Serra volta a criticar juro e se diz de esquerda**. Política. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/05/serra-volta-a-criticar-juro-e-se-diz-de-esquerda-1.html>>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1992) **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RUSE, Michael. **Edward O. Wilson | Biography, Facts, & Writings**, 2019. (Nota técnica).

SADER, Emir. **O anjo torto**, 1995. Editora Brasiliense, 1995.

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar. **Lulismo, Petismo, and the Future of Brazilian Politics**. Journal of Politics in Latin America, 2014a.

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar. **The Power of Partisanship in Brazil: Evidence from Survey Experiments**. American Journal of Political Science, 2014b

SAMUELS, David; ZUCCO, Cesar. **Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans: Voting Behavior in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SANDES-FREITAS, Vítor Eduardo; BONFIM, Washington Luís. **E O fim da polarização PT-PSDB no contexto de esvaziamento do centro político em 2018**. In: ISMAEL, Ricardo; MONTEIRO, Geraldo. O BRASIL e as ELEIÇÕES NACIONAIS de 2018: Mudanças, Continuidades e Novos Desafios. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020, p.139-153.

SCHUHPUPPE, **Politisches\_spektrum\_hufeisenmodell.svg**: **de:user:richard abendrothderivative work**: English: Illustration of the Horseshoe theory, with political extremes mirroring one another. Wikimedia Commons. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Political\\_spectrum\\_horseshoe\\_model.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Political_spectrum_horseshoe_model.svg)>. Acesso em: 7 set. 2022.

SCOTCH. **Overton Window**. modelthinkers.com. Disponível em: <<https://modelthinkers.com/mental-model/overton-window>>. Acesso em: 7 set. 2022.

SENADO NOTÍCIAS. **Cristovam: “Não vejo diferença entre propostas do PT e do PSDB”**. Senado Federal. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/02/20/cristovam-2018nao-vejo-diferenca-entre-propostas-do-pt-e-do-psdb2019>>. Acesso em: 7 dez. 2022.

SERRA, José. **O passado no presente**. [Entrevista concedida a] Geraldo Freire. Radio Jornal, Recife, 27 de out. 2010.

SHALA, Blerim; COOPER, Robin. Thompson, Sherwood (ed.). **Encyclopedia of Diversity and Social Justice**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2014

SHALDERS, André ; FARIA, Thiago. **Jovem evita política nas redes sociais para não ser “cancelado”**. Estadão. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/jovem-evita-politica-nas-redes-sociais-para-nao-ser-cancelado/>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SIERPOWSKA, Joanna; BRYANT, Katherine L.; JANSSEN, Nikki; *et al.* **Comparing human and chimpanzee temporal lobe neuroanatomy reveals modifications to human language hubs beyond the frontotemporal arcuate fasciculus**. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 119, n. 28, 2022.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Tradução de Lya Luft. Revisão de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes: 2002.

TAYLOR, Jeff. **Para onde foi a festa?** Imprensa da Universidade de Missouri. Universidade de Missouri-Columbia, 1997, p. 481–482.

THORPE, Vanessa. Richard **Dawkins in furious row with EO Wilson over theory of evolution**. **The Observer**, 23 jun. 2012.

TOOLBOX. **Beautiful Trouble**. Disponível em:  
<<https://beautifultrouble.org/toolbox/tool/use-your-radical-fringe-to-shift-the-overton-window/>>. Acesso em: 2 out. 2022.

TRANAPARENCY INTERNACIONAL. **Corruption Perceptions Index 2016** - News. Transparency.org. Disponível em:  
<<https://www.transparency.org/en/news/corruption-perceptions-index-2016>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TRANSPARENCY INTERNACIONAL. **Americas: Sometimes bad news is good news** - News. Transparency.org. Disponível em:  
<<https://www.transparency.org/en/news/americas-sometimes-bad-news-is-good-news>>.

TROTSKY, Leon. **A Moral Deles e a Nossa**, Título original: Leur Morale et la Notre, Leon Trotsky. Tradução: M. Resende. Edições Antídoto, 1979.

TROTSKY, Leon. **O “Terceiro Período” dos Erros da Internacional Comunista**. [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Disponível em:  
<<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1930/01/08.htm>>. Acesso em: 10 out. 2022.

TSE. **Eleições 2018**. Disponível em:  
<<https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018>>.

TSE. **Estatísticas eleitorais**. TSE, 2021. Disponível em:  
<<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Estudos Eleitorais Vol. 14**. Brasília: Editoração: Seção de Editoração e Programação Visual (Seprov/Cedip/SGI), 2010.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Relatório das Eleições 2002**. Brasília: Editoração: Seção de Publicações Técnico-Eleitorais/Cobli/SDI/TSE, 2003.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Relatório das Eleições 2014**. Brasília: Editoração: Seção de Editoração e Programação Visual (Seprov/Cedip/SGI), 2016.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Relatório das Eleições 2010**. Brasília: Editoração: Seção de Editoração e Programação Visual (Seprov/Cedip/SGI), 2011.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Repositório de dados eleitorais**. TSE, 2014. Disponível em:  
<<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais-resultado-2014-resultados>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TSE (Tribunal Superior Eleitoral). **Repositório de dados eleitorais**. TSE, 2018. Disponível em:  
<<https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PSDB-SP. **Choque do Capitalismo**. Disponível em:  
<<https://tucano.org.br/choque-do-capitalismo/>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

UNIÃO. **Tribunal de Contas da. TCU aponta que cartel causou prejuízos de R\$ 18 bilhões à Petrobras** | Portal TCU. [portal.tcu.gov.br](http://portal.tcu.gov.br). Disponível em: <<https://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-aponta-que-cartel-causou-prejuiz-os-de-r-18-bilhoes-a-petrobras.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

VEJA. **Bolsonaro leva facada em atentado durante campanha em Juiz de Fora**. [online] Disponível em:  
<<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-leva-facada-em-atentado-durante-campanha-em-juiz-de-fora/>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

VOEGELIN, E. **Revolução e nova Ciência. História das Ideias Políticas VI**. Editoria: É realizações. 2017.

WEBER, Max. Economia e sociedade: **fundamentos da sociologia compreensiva** / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF : Editora

Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WEBER, Max. **A objetividade do conhecimento nas ciências e políticas sociais** in WEBER, Max. Sobre a teoria das ciências sociais. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

WILSON, Edward O. **Sociobiology : the new synthesis**. Cambridge, Mass.: Belknap Press Of Harvard University Press, 2000.

WILSON, Edward O. **A conquista social da terra**. Tradução Ivo Korytovski. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.